



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DAS
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UFRJ
ECOLOGIA SOCIAL, COMUNIDADES E SUSTENTABILIDADE (LINHA 1)

Luiza Peixoto Cilente

Grãos de Luz:

Práticas e saberes comunitários do conhecimento tradicional por um coletivo
de erveiras

Professora Orientadora: Marta de Araújo Pinheiro

Rio de Janeiro

2022

Luiza Peixoto Cilente

**Grãos de Luz:
Práticas e saberes comunitários do conhecimento tradicional por um
coletivo de erveiras**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre.

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

C379 Cilente, Luiza Peixoto
Grãos de Luz: Práticas e saberes
comunitários do conhecimento tradicional por um
coletivo de erveiras / Luiza Peixoto Cilente. --
Rio de Janeiro, 2022.
111 f.

Orientadora: Marta de Araújo Pinheiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2022.

1. comunidade. 2. erveiras. 3. Bem Viver. 4.
ética do cuidado. 5. Grãos de Luz. I. Pinheiro,
Marta de Araújo, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

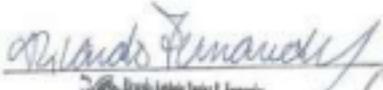
Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que, no dia 08 de abril de 2022, **LUIZA PEIXOTO CILENTE** defendeu sua dissertação de Mestrado intitulada “Grãos de Luz: Práticas e saberes comunitários do conhecimento tradicional por um coletivo de erveiras”, sendo aprovada e apta a pleitear o título de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 08 de abril de 2022


 Ricardo Fernandes
Secretaria Geral
Instituto de Psicologia


Nada sufoca tão efetivamente nossa vida quanto a transformação em trabalho das atividades e das relações que satisfazem nossos desejos. Do mesmo modo, é pelas atividades do dia a dia, através das quais produzimos nossa existência, que podemos desenvolver a nossa capacidade de cooperação, e não só resistir à nossa desumanização, mas aprender a reconstruir o mundo como um espaço de educação, criatividade e cuidado.

(Silvia Federici)

Ao meu pai Beto,
que amava as plantas e sabia cuidar.

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não seria possível sem a colaboração de todas e todos os integrantes do coletivo Grão de Luz, a quem agradeço por me abrirem as portas de seu mundo. Especialmente à Maria Luiza Borba pelas contribuições indispensáveis.

À minha família de mulheres, mãe, avó e irmã pelo suporte mesmo à distância. À minha segunda família, composta de amigos, pelo colo e pelas risadas, sempre tornando mais leve a jornada. À amiga Fernanda Haskel pelas trocas, leituras atentas e contribuições fundamentais.

À minha orientadora Marta Pinheiro pela notável dedicação e disponibilidade ao apontar caminhos e pensar comigo. Aos professores e professoras do programa EICOS e do Instituto de Psicologia da UFRJ, por me guiarem na arte da pesquisa, especialmente, Samira Lima e Rosa Pedro, pela participação em minha banca de defesa. Aos colegas do grupo de estudos pelas contribuições atentas.

À Capes, pelo apoio financeiro indispensável às pesquisas do país.

Ao meu companheiro João Pedro Viola, por me dar as mãos e acreditar em mim.

Aos gatos Kiwi e Koan, pela companhia nas longas horas de escrita.

A todos os seres que habitam a mata viva, por existirem.

LISTA DE FIGURAS:

FIGURA 1: Mapa do Município de Nova Friburgo	21
FIGURA 2: Livretos das mestras e mestres produzido pelo coletivo Grãos de Luz.....	54
FIGURAS 3, 4, 5, 6, 7 e 8: Sequência de fotos da feitura da pomada milagrosa em São Pedro da Serra	65
FIGURAS 9 e 10: Cida e Maria Luiza B. colhem ervas e plantas para feitura da pomada no Assentamento Visconde	69
FIGURAS 11 e 12: O grupo se reúne em torno da ervas e plantas colhidas, antes de iniciar a desfolhagem	69
FIGURA 13: Desenho feito por Acácia durante a oficina de pomada milagrosa no Assentamento Visconde	70
FIGURAS 14 e 15: Registros do encontro com o GRUCON	72
FIGURA 16 : Capa da cartilha produzida pelo curso “Cuidando do corpo com terapias caseiras: preservando conhecimentos tradicionais	83
FIGURA 17: Página da cartilha publicada no <i>Instagram</i>	83
FIGURA 18: Divulgação do curso “Promovendo a Saúde com terapias Caseiras” promovido pelo Grãos de Luz em parceria com o Sobrado Cultural Rural (2021)	84

LISTA DE SIGLAS:

COP21	21ª Conferência do Clima
GT	Grupo de trabalho
GRUCON	Associação Grupo Cultural Orgulho Negro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IPCC	<i>Intergovernmental Panel on Climate Change</i>
LGBTQIA+	lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, intersexo, assexual e demais
WRI	<i>World Resources Institute</i>

Resumo

Diante da atual crise ecológica e climática anunciada pela comunidade científica, diversas respostas que buscam conter seus brutais impactos surgem em nossa sociedade. Na esteira de novas proposições para pensar possibilidades de futuro, alguns grupos e coletivos espalhados pelo mundo estão se mobilizando a partir de inspirações baseadas na ética do cuidado, feminismos e Bem Viver. Este projeto visa investigar uma dessas experiências, pensando com as integrantes do coletivo Grãos de Luz de Lumiar, distrito localizado na região Serrana do Rio de Janeiro, o processo de troca de saberes sobre plantas e ervas medicinais. O coletivo, que tem protagonismo feminino, trabalha com o resgate e transmissão deste conhecimento tradicional e popular trazido por aqueles a quem deram a alcunha de mestras e mestres da região. Nesse sentido, esta investigação buscou responder como se organiza e se propõe modos de existência baseados em outra forma de relação entre natureza e cultura a partir dos resgates de saberes tradicionais. Partindo de uma perspectiva situada, buscando o diálogo entre a psicossociologia e noções de cuidado e Bem Viver, foram utilizados como métodos a observação participante, anotações em diário de campo, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. Os dados coletados foram analisados em forma de descrição etnográfica. A pesquisa conclui que as partilhas e dinâmicas produzidas pelo coletivo estão em constante atualização e composição com práticas e conhecimentos de diversas matizes, permitindo a coexistência de diferentes perspectivas, inclusive, dentro do próprio grupo de integrantes. Suas ações buscam ressignificar a noção de cuidado e autocuidado, se afastando de uma perspectiva individualista para uma abordagem mais coletiva e solidária. Diante do objetivo de atuação mais integrada à comunidade local, o coletivo percebe o desafio do reconhecimento de seu papel e valorização do seu trabalho.

Palavras-chave

comunidade; erveiras; ética do cuidado; Grãos de Luz; bem viver

Abstract

Faced with the current ecological and climate crisis announced by the scientific community, several responses that seek to contain its brutal impacts arise in our society. In the wake of new propositions to think about possibilities for the future, some groups and collectives around the world are mobilizing themselves inspired by the ethics of care, feminisms and Bem Viver. This project aims to investigate one of these experiences, thinking-with the members of the collective Grãos de Luz from Lumiar, a district located in the mountainous region of Rio de Janeiro, the process of exchanging knowledge about medicinal plants and herbs. The collective, which has a female protagonism, works with the rescue and transmission of this traditional and popular knowledge brought by those who have been nicknamed masters of the region. In this sense, this investigation sought to answer how modes of existence are organized and proposed based on another form of relationship between nature and culture from the rescue of traditional knowledge. Starting from a situated perspective, seeking dialogue between psychosociology and notions of care and Bem Viver, participant observation, field diary notes, semi-structured interviews and document analysis were used as methods. The collected data were analyzed in the form of an ethnographic description. The research concludes that the sharing and dynamics produced by the collective are in constant updating and composition with practices and knowledge of different sources, allowing the coexistence of different perspectives, even within the group of members. Their actions seek to re-signify the notion of care and self-care, moving away from an individualistic perspective towards a more collective and solidary approach. Faced with the objective of acting more integrated with the local community, the collective perceives the challenge of recognizing its role and valuing its work.

Key words

community; herbs; ethics of care; Grãos de Luz; Bem Viver

SUMÁRIO

	Introdução	12
1.	Descrição do campo	19
	1.1 Lumiar: entre serras e rios	19
	1.2 Plantas medicinais e as mulheres	22
2.	Percurso teórico	25
	2.1 Antropoceno	25
	2.2 Aspectos psicossociais e a cosmopolítica	26
	2.3 Bem Viver	28
	2.4 Ecofeminismo para pensar novas práticas	30
	2.5 Fazeres éticos em práticas tradicionais	32
	2.6 Retomar a magia	35
	2.7 Em direção ao comum	38
3.	Caminhos metodológicos	41
	3.1 Revisão Bibliográfica	44
	3.2 Participação <i>online</i> e <i>offline</i>	45
4.	Diálogos entre saberes tradicionais, noções de cuidado e Bem Viver	47
	4.1 Troca de saberes tradicionais	48
	4.1.1 Mestras, mestres e os ciclos	52
	4.1.2 Partilha de saberes	58
	4.1.3 Pomada milagrosa: a artesanaria medicinal dos encontros	60
	4.1.3.1 Feitura da pomada milagrosa em São Pedro da Serra	62
	4.1.3.2 Feitura da pomada milagrosa no Assentamento Visconde	66
	4.1.3.3 Feitura da pomada com GRUCON	70
	4.2 Cuidado e protagonismo feminino	76
	4.2.1 Oficina de autocuidado	82
	4.3 Ações coletivas pelo Bem Viver	86
	4.3.1 <i>Bons viveres</i> e a comunidade	87
5.	Considerações finais	94
6.	Referências bibliográficas	98
7.	ANEXOS	103

Introdução

Em pleno início de milênio, a humanidade, como a conhecemos, vive sob uma ameaça construída por ela mesma, ou ao menos, por parte de algumas camadas sociais que a compõe. O alerta vem sendo, há séculos, ecoado por vozes dos povos tradicionais de todo o mundo. Em novembro de 2021, uma voz indígena teve protagonismo em uma das mais importantes conferências globais a respeito das mudanças climáticas, a Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, a COP26. Txai Suruí, de Rondônia, foi a primeira indígena a discursar na abertura de uma Conferência do Clima. A jovem de 24 anos foi até Glasgow, na Escócia, para defender os direitos dos indígenas brasileiros e denunciar o avanço do desmatamento na Amazônia¹, além de fazer uma alerta a respeito dos impactos das mudanças climáticas.

A fala da jovem indígena faz coro com dados e relatórios divulgados pela comunidade científica ao apontar para os riscos do aquecimento global e das mudanças climáticas². De acordo com os cientistas, tais transformações são frutos de ações antropogênicas, ou seja, provocadas por ações humanas e contribuem para a formação de um cenário que muitos pesquisadores definem como uma nova era geológica do planeta: o Antropoceno³.

Não apenas vidas humanas estão sob ameaça, como também diversas outras formas de vida do planeta. O aumento da temperatura da Terra nos próximos anos, acima de 1,5°, provocado pela emissão excessiva de gases de efeito estufa e queima de combustíveis fósseis, pode trazer drásticas consequências como o aumento do nível do mar, perda de biodiversidade, migrações em massa, desertificação, escassez de alimentos, dentre outros impactos brutais que não são apenas projetados para um futuro, mas já se fazem presentes⁴.

Como bem apontam Viveiros de Castro e Déborah Danowski em *Há mundos por vir? Ensaio sobre os meios e os fins*, já em 2009 a destacada revista científica *Nature* publicou ensaios de diversos pesquisadores alertando para os riscos de alterações ambientais e biofísicas que, se aceleradas, tornariam impossível a existência da vida, como a conhecemos, na Terra. São elas: “mudanças climáticas, acidificação dos oceanos, depleção do ozônio

¹<https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2021/11/02/quem-e-txai-surui-indigena-e-unica-brasileira-que-discursou-na-cop26.ghtml>

² O sexto relatório (AR6) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) teve parte de suas pesquisas divulgadas em agosto de 2021. De acordo com o AR6, se não forem tomadas ações globais imediatas o aquecimento global ultrapassará 1,5°C antes do meio do século. IPCC é um órgão científico das Nações Unidas e da Organização Meteorológica Mundial, criado em 1988.

³ Tal designação foi proposta pelo químico Paul Crutzen e pelo biólogo Eugene Stoermer.

⁴ Relatórios apontam que os fluxos migratórios globais já sofrem impactos das mudanças climáticas: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589305-a-mudanca-climatica-causa-mais-migracoes-do-que-guerras-e-fatores-economicos>. Acessado em 05/04/2021

estratosférico, uso de água doce, perda de biodiversidade, interferência nos ciclos globais de nitrogênio e fósforo, mudança no uso do solo, poluição química, taxa de aerossóis atmosféricos” (DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 20).

Em 2021, tivemos o lançamento da primeira parte do sexto Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)⁵. Estes estudos confirmam a responsabilidade humana nas alterações do clima. De acordo com os dados divulgados, as ações antropogênicas são responsáveis por 1,07°C do total de 1,09°C do aumento da temperatura global desde a era pré-industrial. Conforme Helen Mountford, vice-presidente de Clima e Economia do *World Resources Institute* (WRI), uma das conclusões mais assustadoras do relatório é que podemos atingir o aumento da temperatura global de 1,5°C uma década antes do esperado. Este era o limite estipulado pelo Acordo de Paris⁶, tratado internacional assinado por países membros da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima em 2015, durante a 21ª Conferência das Partes (COP21), na qual se estabeleceu a redução da emissão de gases de efeito estufa. Se os governos signatários já reconheciam a quase impossibilidade de atingir a meta de redução, muito se deve à aposta em um modelo de desenvolvimento baseado na exploração sem limites dos recursos naturais. O Brasil, um país do Sul Global que abriga a maior floresta tropical do mundo, é um exemplo. Exportador de *commodities*, investe numa produção agropecuária responsável por boa parte das emissões dos gases metano, 28 vezes mais potente que o gás carbônico para esquentar o planeta⁷.

Diante deste cenário mundial de acelerada perda de biodiversidade, gerados a partir de um modelo de produção neoeextrativista (SVAMPA, 2019), não é possível fechar os olhos para políticas neoliberais pautadas num desenvolvimento econômico que minimize a importância dos impactos socioambientais. Vivemos o que algumas pensadoras e pensadores contemporâneos classificam como crise humano-ambiental (DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014; HARAWAY, 2009; KRENAK, 2019; LATOUR, 2020), na qual observamos a crescente exploração de recursos naturais e humanos, exponencial envenenamento do solo e dos alimentos - tudo isso acompanhado pela violação sistemática de direitos, principalmente de pessoas racializadas, mulheres, LGBTQIA+, povos da floresta, dentre outros agentes, muitas vezes responsáveis pela preservação e manutenção dos recursos naturais - causados pelas ações do que Guattari (1990) chama de Capitalismo Mundial Integrado (CMI). A

⁵ <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-cycle/>. Acessado em 18/12/2021.

⁶ <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/acordo-de-paris-e-ndc/acordo-de-paris>
Último acessado em 02/03/2022

⁷ <https://www.oc.eco.br/glasgow-fecha-acordos-contra-desmatamento-e-metano/> Último acesso em 02/03/2022

relação entre crise ecológica e o capitalismo também “não é acidental e nem uma mera coincidência: “a necessidade constante de um mercado em expansão” por parte do capital, seu “fetiche pelo crescimento”, mostra que o capitalismo, por sua própria natureza, se opõe a qualquer noção de sustentabilidade” (FISHER, 2021, p. 36).

Ao mesmo tempo que essa ordem capitalística (GUATTARI, ROLNIK, 2013) avança, surgem respostas propositivas na tentativa de mitigar a chegada do “fim do mundo” e, construir neste presente, futuros possíveis. Nessa direção, é possível observar o surgimento crescente de grupos dedicados ao resgate de saberes tradicionais e a formulação de novas formas de operar no campo da saúde e bem-estar coletivos, demonstrando, com essas práticas, uma outra relação entre cultura e natureza.

Se quisermos nos debruçar sobre proposições que garantam possibilidades de futuro, se faz necessário compreender como se estabelecem formas de relação humano-ambiente, propositoras de modos de existência diferentes da receita da sociedade moderna ocidental. Tais modos de vida, muitas vezes, se baseiam no resgate dos conhecimentos tradicionais (SANTOS, 2015). Saberes e práticas guiados por uma outra forma de interação com a natureza também são foco de interesse para grupos e comunidades que não herdaram diretamente esses conhecimentos de seus ancestrais. É o caso, por exemplo, de grupos responsáveis por documentar memórias e reproduzir tais práticas no intuito de preservá-las. Isso não significa, no entanto, que exista a tentativa de engessamento, no sentido de um retorno idealizado ao passado, sem hibridez e atualização e sem diálogo com o conhecimento científico moderno. Mas, afinal, como esses grupos utilizam e compartilham tais saberes? Quem são os responsáveis por transmiti-los, ensiná-los? Como se relacionam com o conhecimento da sociedade moderna e de que forma contribuem para possibilidades de futuro alimentadas por outras formas de existência? Essas questões moveram esta pesquisa e, por isso, é importante compreender como esse conhecimento é transmitido e trabalhado por determinado grupo de pessoas.

Ao longo de minha experiência como moradora de um vilarejo rural, localizado no interior da região serrana do Rio de Janeiro, percebi alguns exemplos desse tipo de atuação. Um trabalho que me chamou a atenção foi do coletivo Grãos de Luz, estudado nesta pesquisa. O coletivo, formado por uma grande maioria de mulheres, trabalha com os saberes e práticas relacionados às plantas e ervas medicinais na região de Lumiar, onde resido há quatro anos em busca de uma vida mais conectada ao dia a dia rural, afastada do cotidiano urbano. Essa vivência despertou em mim a curiosidade de conhecer e me envolver com alguns grupos locais que trabalham diferentes dimensões da cultura popular, incluindo práticas

agroecológicas, alimentação natural e a partilha de saberes tradicionais. Além disso, nutro especial interesse por práticas coletivas, já que em minha trajetória profissional trabalhei com associações e organizações não-governamentais próximas aos movimentos sociais. Especialmente nos últimos anos, me dediquei a elaborar e executar projetos junto a povos tradicionais e originários, nos quais conhecimentos tradicionais e modernos conversavam e eram compartilhados.

Antes de iniciar esta pesquisa, era apenas uma observadora distante do coletivo Grãos de Luz, um grupo que se reunia periodicamente para trocar a respeito das plantas e ervas medicinais, seus potenciais curativos e receitas caseiras. Flertava com suas experiências e conhecia algumas de suas integrantes. A aproximação foi gradual. Conheci mais de perto o coletivo, em 2019, quando ministrava aulas de yoga num espaço de cultura e hospedagem gerenciado por amigos que disponibilizavam o local para encontros. Em algumas manhãs nas quais estava presente dando aulas, via moças e senhoras chegando com ervas no colo e as debruçando em uma mesa central, junto de potes de vidro que serviriam de suporte para esses remédios caseiros. Testemunhei brevemente algumas rodas de conversa, nas quais integrantes explicavam sobre as propriedades curativas das ervas e plantas. Em uma ocasião, me convidaram para participar de uma das rodas de iniciação dos trabalhos. Nesse momento, em pé, uma das integrantes puxava rezas com referenciais cristãos e, logo após, outra iniciava canções sobre as ervas. Percebi uma mistura de crenças, desde canções da cultura popular, passando por rezas católicas e outras associações espirituais, especialmente em referência ao poder invisível das plantas. Me apresentei como pesquisadora interessada em conhecer melhor as dinâmicas do grupo e, aos poucos, passei a participar de algumas reuniões. Os primeiros contatos que mantive com o Grãos me despertaram o interesse em dois sentidos: um, relacionado ao interesse por plantas e ervas medicinais como alternativa ao consumo desenfreado de remédios alopáticos, outro, pelo sincretismo nos gestos e em todo o ritual que envolve o fazer do coletivo. Desde que iniciei esta pesquisa, tenho acompanhado algumas reuniões e trabalhos realizados.

Diante do atual cenário de aceleradas mudanças climáticas que atingem drasticamente o planeta, esta investigação buscou responder como se organiza e se propõe modos de existência baseados em outra forma de relação entre natureza e cultura a partir dos resgates de saberes tradicionais. Para responder a essa questão estabeleci os seguintes objetivos específicos: (i) descrever a troca de saberes tradicionais estabelecida pelo coletivo; (ii) compreender a relação do protagonismo feminino e a ética do cuidado; e (iii) identificar os sentidos do Bem Viver para as integrantes do coletivo.

Ao longo da pesquisa pude concluir que o coletivo, além da preservação e compartilhamento do conhecimento tradicional, atua por meio de rituais próprios e inventivos que articulam expressões culturais de diferentes matizes. Dessa forma, seu trabalho não se esgota na preservação e propõe novas formas de interação e transmissão do conhecimento. O trabalho também visa atuar no campo comunitário de saúde, contribuindo para ressignificação das noções de cuidado e autocuidado, articulados a uma postura mais ética e política. Além disso, coexistem com diferentes visões a respeito do que é ser mestra ou mestre e pertencer a um grupo tradicional. Diante do desafio de se integrar mais à comunidade local, buscam maior reconhecimento de seu trabalho.

Optei por uma reflexão teórica que parte de perspectivas situadas (BELLACASA, 2014; HARAWAY, 2009; PEDRO e MOREIRA, 2021), ou seja, do ponto de vista de uma pesquisadora como eu, que vive no mesmo local e interage com as integrantes do coletivo, não posso negar meus próprios atravessamentos subjetivos nessa pesquisa. Do ponto de vista da interação humano-ambiente, este trabalho traz abordagens que buscam ultrapassar uma visão dicotômica entre natureza e cultura (DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014; KRENAK, 2019; LATOUR, 2020; SANTOS, 2015; STENGERS, 2009, 2018). Para investigar o papel do cuidado no trabalho de um coletivo protagonizado por mulheres, trago diferentes abordagens feministas (BELLACASA, 2010, 2012; FEDERICI, 2017, 2019a, 2019b; HARAWAY, 2009; HOBART, KNEESE, 2020; STENGERS, 2009) e ecofeministas (GAARD, 2011; PLUMWOOD, 1993; PULEO, 2017, 2019) que refletem sobre o papel do cuidado atribuído historicamente às mulheres e suas ressignificações. Já a noção de Bem Viver surgiu durante minha pesquisa de campo, trazida por algumas das integrantes do coletivo Grãos de Luz. A partir disso, trago também uma reflexão teórica sobre o Bem Viver baseada nas elaborações de Alberto Acosta (2016) e Gudynas (2011, 2017). A forma como este referencial teórico foi adotado se encontra no segundo capítulo.

Trata-se de uma investigação de inspiração etnográfica a respeito das práticas e interações de um coletivo, aglutinando ações e dinâmicas humanas e, por isso, a pesquisa tem caráter qualitativo. Utilizei como metodologia a observação participante *online* e *offline* - respeitando as restrições impostas pela pandemia de Covid-19 -, uso de diário de campo, realização de entrevistas individuais semiestruturadas e revisão bibliográfica e documental sobre o tema. Enquanto observadora participante, acompanhei os encontros presenciais realizados pelo coletivo a partir de junho de 2021. Apesar das restrições impostas pela pandemia, tais encontros necessitavam da presença física de algumas das integrantes por serem direcionados à feitura da pomada milagrosa, principal produção do coletivo no

momento. Geralmente estes encontros eram realizados com maior número de participantes, porém, devido à necessidade de distanciamento social, optou-se por um número reduzido no período de isolamento social. Já as entrevistas foram realizadas individualmente, a maioria delas pessoalmente, seguindo os protocolos de distanciamento e uso de máscaras. Ainda um pouco antes do trabalho de campo ser iniciado efetivamente, tive a oportunidade de estar presencialmente com algumas integrantes. Por exemplo, colaborei com o documentário “Tesouros da Terra: Saberes Tradicionais e Cultura Popular”⁸ (2021), realizado com o apoio da Lei Nacional de Cultura Aldir Blanc⁹. Também ingressei em um dos grupos de trabalho do coletivo, referente a busca e formulação de projetos para editais. Nesse contexto, pude estar mais próxima de algumas das integrantes até iniciar minha pesquisa como observadora participante. No terceiro capítulo, abordarei com mais detalhes o percurso metodológico adotado.

As análises do material coletado estão divididas em três seções. Em *Troca dos saberes tradicionais* abordo a forma como as integrantes do coletivo se organizam, partilham seus saberes entre si e com outros grupos e comunidades e enxergam o significado de ser mestra ou mestre do conhecimento tradicional. Embora haja um consenso a respeito do papel que é ser uma mestra ou mestre, há divergência em relação a quais tipos de pessoas podem, ou não, se tornar e ser reconhecidas como mestras ou mestres. Cantos, orações, dinâmicas e interações das participantes são descritos também nesta seção, a partir de três diferentes encontros da feitura da pomada tradicional em que estive presente.

Cabe ressaltar que esta investigação se iniciou no mesmo período (março de 2020) em que a Pandemia de Covid-19 se alastrou globalmente e isso afetou drasticamente todo tipo de contato social, por isso, meus primeiros encontros com o grupo se deram em reuniões virtuais¹⁰. O coletivo demonstrou forças para atuar localmente diante dessa crise mundial de saúde. Uma das ações das quais o Grãos participou no início da pandemia foi a produção de cestas de autocuidado que ofereciam remédios caseiros e fitoterápicos produzidos por agricultoras e artesãs locais, algumas delas integrantes do Grãos de Luz. Essa ação visava fortalecer a geração de renda de mulheres envolvidas em ações de saúde comunitária e garantir os produtos para famílias de baixa renda na comunidade, pois parte das cestas foram

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LubnhgMhcUg>

⁹ A Lei nº 14.017 (29 de junho de 2020), conhecida como Lei Aldir Blanc, foi criada com o objetivo de garantir uma renda emergencial ao setor cultural no Brasil afetado pelas restrições impostas pelo isolamento social da Pandemia de Covid19. Em 2020, foram liberados 3 bilhões de reais para o setor.

¹⁰ O desenho metodológico da pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CFCH/UFRJ e obteve parecer favorável para sua realização em 29 de abril de 2021. Seu número de identificação na Plataforma Brasil é 4.680.544.

vendas e outras distribuídas para famílias da comunidade rural. Outra ação do Grãos de Luz, em parceria com o Ponto de Cultura Sobrado Cultural Rural - grupo parceiro de um distrito próximo a Lumiar, Santo Antônio - foi a realização de cursos *online* de terapias caseiras. Tais ações serão abordadas na seção 4.2, na qual trago a forma como as integrantes do coletivo enxergam e trabalham o tema do cuidado que historicamente atravessa a vida das mulheres e por muitos séculos serviu como forma de subjugação das mesmas (FEDERICI, 2019b; GAARD, 2011).

Por fim, os sentidos atribuídos pelo coletivo para o trabalho realizado, permeados pelas noções de comum, coletivo, comunidade e Bem Viver, são analisados na seção 4.3. Nesta seção surge um dos principais desafios encontrados pelo coletivo para realizar de forma plena sua missão: se integrar de forma mais aprofundada com a comunidade local.

1. Descrição do campo

Não poderia seguir com os próximos capítulos sem antes apresentar uma descrição do local onde nasceu e atua o coletivo Grãos de Luz: o distrito de Lumiar. Localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente na região serrana, é também a minha morada há cerca de 5 anos. Foi onde estabeleci contato com o coletivo pela primeira vez, embora já tivesse conhecido algumas integrantes da rede Fitovida da qual esse faz parte. Diferentemente da maioria das comunidades envolvidas na rede, localizadas nas periferias, o Grãos de Luz se encontra em uma zona rural. Esse cenário implica na forma como as integrantes criam suas dinâmicas de trabalho comparadas com outros grupos e coletivos urbanos, inclusive, por terem acesso a regiões abundantes em folhas, ervas e plantas com mais facilidade.

Outro aspecto importante em relação ao campo desta pesquisa é o protagonismo das mulheres dentro do coletivo que, por sua vez, é um grupo dedicado às práticas de cura por meio de remédios caseiros e artesanais. Por isso considere relevante um breve levantamento histórico a respeito da relação entre mulheres e o trabalho com plantas e ervas medicinais.

1.1 Lumiar: entre serras e rios

Eu quero é mais,
plantar vida em minha horta,
e deixar aberta a porta,
pro vento que vem do rio.
(Luhli ¹¹)

Não posso abordar as práticas de erveiras, mestras e mestres de Lumiar, sem contextualizá-las à paisagem que habitam, afinal, seus fazeres e seus saberes estão diretamente conectados ao cotidiano local. Utilizamos paisagem no sentido atribuído pelo antropólogo Tim Ingold, aqui definido por Bailão (2016) na Enciclopédia Antropologia:

A paisagem, em seus termos, não indica um mundo externo e acabado, independente dos seres que o habitam, tampouco imagens ou ideias sobre ele. Vivendo nas paisagens, nós as produzimos, tanto quanto somos produzidos por elas, por meio de processos materiais e cotidianos" (BAILÃO, 2016)

Morar em Lumiar é habitar, na maioria das vezes, uma casa e não um apartamento. É regar as plantas ao acordar ou antes do sol se pôr. É colher fruta madura do pé para se alimentar. É conhecer o nome dos vizinhos. É caminhar por uma estrada de terra, na beira do rio, ao som dos pássaros para ir ao mercado. Viver em Lumiar também apresenta

¹¹ Luhli é uma cantora e compositora brasileira, autora de algumas músicas interpretadas por seu amigo Ney Matogrosso e pelo grupo "Secos e Molhados". Junto de sua parceira Lucina, marcou a música popular brasileira nos anos 70. Passou os últimos anos de sua vida em Lumiar, onde faleceu em 2018.

contradições. O crescimento desordenado e a gentrificação¹² incomodam parte dos moradores. Alguns dos que se consideram os verdadeiros nativos também demonstram incômodos com certos hábitos pouco convencionais de não-locais. Há desconfiança e preconceito com algumas práticas religiosas de matriz africana e o esoterismo. Esse encontro de natureza exuberante e diferentes perspectivas de mundo e valores compõe a paisagem onde também atua o coletivo Grãos de Luz.

Lumiar é um distrito do município de Nova Friburgo, cercado por cadeias montanhosas margeadas pelos rios Bonito e Macaé, clima ameno no verão e frio no inverno com a umidade típica da Mata Atlântica. Nova Friburgo é uma cidade serrana com 935,429 km² de área territorial e população estimada de 191.158 pessoas (IBGE, 2020). Lumiar e o distrito vizinho de São Pedro da Serra se encontram a 28 km de distância da sede do município e aproximadamente 700 metros de altitude. A região é composta por uma das maiores extensões de Mata Atlântica do país, a Reserva Florestal de Macaé de Cima, onde nasce o rio Macaé, que se estende por mais seis municípios até desaguar no oceano Atlântico no município litorâneo de Macaé. Os distritos integram a Bacia Hidrográfica do rio Macaé, com vales de altitude de até 1.100 m, que se distribui por outros cinco municípios. Com essa geografia, a região possui inúmeras cachoeiras, poços, rios e piscinas naturais que são pontos turísticos, atraindo visitantes, principalmente nos finais de semana, além de serem cotidianamente frequentados pelos moradores.

¹² Fenômeno caracterizado pela transformação urbana especialmente marcado pela elevação dos preços de aluguéis e o custo de vida de determinada região, bairro ou cidade devido ao fluxo de chegada de novos moradores com maior poder aquisitivo. Essa elevação dos custos muitas vezes provoca a expulsão de antigos moradores e comerciantes. Conceito criado pela socióloga britânica Ruth Glass (1912-1990). (ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.flch.usp.br/conceito/gentrificacao>)

FIGURA 1: Mapa do Município de Nova Friburgo



Fonte: Map of Rio de Janeiro:

<https://pt.map-of-rio-de-janeiro.com/municípios-mapas/nova-friburgo,-município-mapa>

Ocupada por colonos imigrantes suíços no início do século XIX, por muitos anos, teve como principal atividade econômica a agricultura familiar de subsistência (CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012; GALLETI, 2013). Com a intensificação do turismo na região, a partir da década de 70, a agricultura vem sendo abandonada pelos mais jovens (MAYER, 2003). Em paralelo, há aumento do número de pessoas oriundas dos grandes centros na busca por uma vida mais tranquila em ambiente rural (*ibidem*). Esse movimento pode ter contribuído para articulação de grupos e coletivos interessados em conhecer, resgatar e fazer uso de práticas tradicionais, como no caso do coletivo Grãos de Luz. Novos moradores, muitas das vezes, começaram a frequentar a região como turistas e, ao longo do tempo, decidiram pela residência. São geralmente aposentados, professores universitários, profissionais autônomos, artesãos e comerciantes (CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012). No caso do coletivo, não podemos dizer que suas integrantes configuram um grupo “extrativista”, termo utilizado pela pesquisadora Maria José Carneiro para definir pessoas interessadas em apenas consumir as ofertas de prazer oferecidas pela vida no campo, sem estabelecer vínculos com a comunidade nativa. A maioria das integrantes do Coletivo se inclui no que a pesquisadora chama genericamente de “ambientalistas”,

incluindo nessa categoria todos aqueles que atuam, de forma variada, nos poucos espaços de participação coletiva pela preservação e melhoria das condições ambientais e infraestruturais e pelo fortalecimento do tecido social através da organização de eventos culturais e sociais (ibidem, p. 8).

Outro grupo de pessoas não-locais, advindo também da década de 70, corresponde a filiados às religiões alternativas e sincréticas, mais conectadas aos elementos da natureza e à ancestralidade afro-brasileira e indígena como a Umbanda e o Santo Daime. A Umbanda é conhecida pelo sincretismo, ao misturar elementos da religião espírita e católica ao mesmo tempo em que se conecta com os orixás do candomblé e a ancestralidade indígena¹³. Já o Santo Daime consiste numa doutrina religiosa originada na região amazônica, local de origem das plantas que compõem a bebida tradicional da medicina indígena chamada *ayahuasca*, produzida para ser consumida durante a cerimônia religiosa. O chá de *ayahuasca*, como é chamado, é considerado uma bebida enteógena por ter o poder de alterar a consciência de quem o ingere (CAMARGO, 2014).

No caso específico de Lumiar, foi desenvolvida pela Mãe de Santo, conhecida como Baixinha, a manifestação religiosa “Umbandaime” que consiste no sincretismo de ambas as práticas religiosas. Em suma, os rituais de Umbanda, na qual se convocam os espíritos indígenas ancestrais, são realizados sob o efeito da *ayahuasca*. Dentro do Grãos de Luz encontramos algumas integrantes que já frequentaram essas manifestações religiosas, mas nenhuma delas se autodenomina praticante dessas religiões. Ainda na região mais acima de São Pedro da Serra, na Bocaina, há um centro Sufi que corresponde a uma corrente filosófica e espiritual mística de origem islâmica. Existem também relatos de objetos não identificados no céu e de um “poder astral” que supostamente envolve a atmosfera local (MAYER, 2003).

1.2 Plantas medicinais e as mulheres

O trabalho com as ervas e plantas medicinais é o foco do coletivo Grãos de Luz embora as rezas e cantos sejam transversais a sua prática, incorporando diferentes facetas da cultura popular tradicional e local.

No Brasil o uso de ervas e plantas medicinais é uma prática influenciada por três principais matizes, sendo estas: portuguesa, africana e indígena (CAMARGO, 2014). Os povos originários, que aqui habitavam, já possuíam profundo conhecimento da flora nativa quando portugueses desembarcaram, no século XVI, iniciando o violento processo de colonização. “Cirurgiões-barbeiros, boticários, jesuítas e também mascates” (FERNANDES,

¹³ <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/as-diferencas-entre-candomble-e-umbanda/> Último acesso em 12/03/2022.

2004, p. 30) foram os responsáveis por trazer para o país as primeiras boticas¹⁴ que cumpriram um importante papel na produção e distribuição de medicamentos até fins do século XIX, sendo, então, “substituídas por farmácias e pequenas indústrias” (FERNANDES, 2004, p. 33). Embora tanto a medicina hegemônica, como a medicina popular possuam “a mesma raiz ancestral comum situada em tempos pré-históricos”, como aponta Camargo (2014), apenas a medicina hegemônica teria seguido o rumo da racionalização ainda “no longínquo século V a.C com Hipócrates (460-377), separando a arte médica do sagrado”. Outro marco inegável nessa ruptura foi a Revolução Científica que no começo do século XX possibilitou a formulação de remédios a partir do princípio ativo das plantas, produzido sinteticamente em laboratórios, distanciando cada vez mais a prática de cura da medicina hegemônica de uma dimensão mais integrativa. Camargo explica como esse processo científico se torna possível:

com a identificação dos agentes responsáveis pela ação terapêutica – os princípios ativos: alcalóides, glicosídeos, óleos essenciais, entre outros – foi possível identificar os fitofármacos, abrindo caminho para identificação das estruturas químicas dos agentes ativos, dirigidas a produção de medicamentos sintéticos, passando indústria farmacêutica a não necessitar de plantas para tal produção. (CAMARGO, 2014, p. 29)

As práticas de cura com ervas e plantas foram protagonizadas por mulheres desde o início da colonização. Esse conhecimento era, em boa parte, transmitido de geração em geração por mulheres conhecedoras das ervas e plantas locais. A medicina popular se tornou comum nas colônias, em parte, devido à ausência de médicos e cirurgiões para atender a população em seus cantos mais longínquos (PRIORE, 2004). A vasta extensão territorial da colônia, somada a outros fatores como a baixa remuneração dos cirurgiões, além das más condições sanitárias, explica “por que as mulheres detentoras de um saber-fazer autêntico sobre doenças e curas tomaram a frente nos tratamentos capazes de retirá-las e suas famílias das mãos de uma medicina que não se mostrava competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo” (ibidem, p. 119). Os conhecimentos populares a respeito dos medicamentos naturais passaram por um processo de hibridização, que unia práticas dos padres jesuítas e ervas usadas em rituais indígenas (FERNANDES, 2004). Mais tarde, os saberes das pessoas escravizadas, trazidas à força do continente africano, foram integrados às práticas das medicinas populares. Importante ressaltar que tais práticas eram repassadas de forma oral, configurando conhecimentos ancestrais que perseveram até hoje: “as mulheres e suas doenças

¹⁴ Botica era o termo utilizado para designar os locais onde os medicamentos eram vendidos, ou seja, eram as primeiras farmácias. O nome deriva da caixa de madeira com medicamentos que os mascates transportavam para atender as populações no Brasil colonial. Fonte: <https://www.cff.org.br/50anos/?pg=aspectoshistoricos>

moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas” (PRIORE, 2004, p. 137).

A relação das mulheres com os espaços onde se semeia, aduba a terra e colhe plantas também é um dos focos das práticas do coletivo Grãos de Luz. Apesar de ser um grupo aberto a pessoas de todos os gêneros e contar com a participação de mestres erveiros homens, o coletivo é integrado, em sua grande maioria, por mulheres cisgêneras¹⁵. A exemplo, seu núcleo mais atuante é composto por sete mulheres e um homem¹⁶. A maior parte destas é de meia idade, embora atualmente exista um estímulo à preservação geracional desses saberes ao atrair e convocar pessoas mais jovens.

Cabe ressaltar que o processo de colonização nas Américas foi responsável, em boa parte, pela descaracterização e tentativa de apagamento dos saberes dos povos originários ao desprezar, perseguir ou até mesmo capturar este conhecimento em nome da hegemonia cristã. Nesse sentido, formas de organização não patriarcais perderam espaço para a imposição do modo de vida monoteísta cristão, ao contrário dos povos politeístas nativos que

por terem deuses e deusas tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. Por terem deuses e deusas, elementos da natureza como, por exemplo, a terra, a água, o fogo, outros elementos que formam o universo, apegam-se a pluralismos subjetivos e concretos (SANTOS, 2015).

Tal predominância e imposição dos modos de vida baseados no cristianismo sob a heterogeneidade de crenças e formas de organização social persiste nos dias de hoje. Nesse sentido, comunidades, grupos e coletivos heterogêneos nos trazem pistas sobre outras formas possíveis de se relacionar, retirando, inclusive, o papel centralizador dos homens brancos heterossexuais que se encontram hierarquicamente no topo da sociedade moderna cristã.

¹⁵ Cisgênera é a pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.

¹⁶ Por esse motivo, utilizaremos o gênero feminino ao nos referirmos às integrantes do coletivo Grãos de Luz, mesmo que alguns sejam homens.

2. Percurso teórico

O referencial teórico aqui abordado se localiza num movimento crítico ao paradigma posto pela civilização moderna ocidental. Trata-se de pensamentos que percorrem diferentes caminhos, mas acabam por convergir em um mesmo ponto: ultrapassar a dicotomia entre natureza e cultura posta por esse modelo de civilização. De acordo com filósofos como Bruno Latour (2020), Isabelle Stengers (2009, 2018, 2011) e Débora Danowski (2014) antropólogos como Viveiros de Castro (2014) e Anna Tsing (2019) pensadores indígenas como Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2019), o quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015) dentre outros e outras, o pensamento moderno seria responsável por reforçar uma racionalidade baseada em binômios como, humanos e não-humanos, natureza e cultura, sujeito e objeto. Esta seria a causa de uma relação objetificante e exploratória estabelecida entre humanos e natureza. O projeto civilizatório moderno mantém esta relação de instrumentalização da natureza, especialmente nos países do Sul onde a prática extrativista passou por atualizações até os dias de hoje (SVAMPA, 2019).

Feministas e ecofeministas como Donna Haraway (2009), Bellacasa (2010, 2012), Silvia Federici (2017, 2019a, 2019b), Alice Puleo (2017), Greta Gaard (2011) também são referências nesse estudo especialmente por trazerem, junto da reflexão a respeito da relação natureza-cultura, propostas de ressignificação da noção do cuidado, se aproximando de uma abordagem ética e, em alguns casos, pensando o cuidado na interação humano/não-humano.

Cabe ressaltar que esta investigação está inserida em um programa de pós-graduação em psicossociologia das comunidades e a partir do referencial teórico estudado se inspirou na proposta de aliança entre a psicossociologia e a cosmopolítica de Stengers (MOREIRA, PEDRO, 2021). Também busquei dialogar com as noções de Bem Viver trazidos por Alberto Acosta (2016) e Gudynas (2011). Autores e autoras referenciados acima trazem seus próprios conceitos que serão analisados em seguida.

2.1 Antropoceno

O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno.

(Ailton Krenak, *Idéias para adiar o fim do mundo*)

Por se tratar de uma pesquisa que investiga práticas e saberes que propõe outra relação do humano com a natureza, nos interessa a noção de Antropoceno trabalhada pela socióloga

Maristela Svampa (2019), o filósofo Bruno Latour (2020), o pensador indígena Ailton Krenak (2019), o antropólogo Viveiros de Castro e a filósofa Débora Danowski (2014). Estes diferentes autores elaboram análises e conceitos a respeito do momento, não apenas social e econômico, como também ambiental e até mesmo geológico em qual vivemos. O conceito de Antropoceno traz a perspectiva sobre uma nova era geológica que se caracteriza pela mutação cada vez mais intensa das condições ambientais e geomórficas da terra causadas por ações antropogênicas, ou seja, provocadas por ações humanas.

Apesar de não existir consenso a respeito do início exato desta nova Era, este conceito pode nos ajudar a localizar o nível da crise em que nos encontramos para assim apontar a necessidade de alternativas e saídas. A questão seria entender quais dentre elas. É como coloca Svampa: “se trata de um conceito contestado, atravessado por diferentes narrativas, nem todas convergentes, não só no que diz respeito ao início de uma nova era, mas sobretudo, com relação às possíveis saídas para crise sistêmica” (2019, p. 151). O conceito também recebe ressalvas daqueles que reconhecem a desigual distribuição¹⁷, em parte dos impactos ambientais, mas principalmente da própria responsabilidade sobre os mesmos. É o que apontam Viveiros de Castro e Danowski ao comentar a visão do historiador indiano Dipesh Chakrabarty em *The climate of history*:

Se a responsabilidade pelo colapso ambiental não pode ser uniformemente distribuída - é evidente quais foram as regiões geográficas, as formações e os segmentos sociais que se beneficiaram historicamente com os processos que desencadearam -, suas consequências o serão bem mais: "o Antropoceno", adverte o autor, 'aponta para uma catástrofe compartilhada' (DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.109).

2.2 Aspectos psicossociais e a cosmopolítica

Esta pesquisa parte do pressuposto de que para compreender o processo de interação do coletivo estudado, se faz necessário investigar também seus aspectos psicossociais. A partir da contribuição de autores da escola francesa, eu busquei compreender a Psicossociologia como uma disciplina que ultrapassa a ideia de simples associação entre psicologia e sociologia. Foi Jean Maisonneuve quem destacou sua preferência pelo uso do termo Psicossociologia em detrimento de Psicologia Social, por se “recusar a dar primazia (metodológica, cronológica, quiçá ontológica) a um e outro dos dois termos, ou à sua

¹⁷ É o caso da filósofa feminista Donna Haraway, que propõe refletirmos sobre outros possíveis nomes alternativos como Capitaloceno, Plantationoceno e Chthuluceno.

conotação: o institucional ou o mental, o individual ou o coletivo, todos inelutavelmente ligados” (1977, p. 6). A partir desta perspectiva, a psicossociologia tende a ultrapassar a ideia de simples associação entre duas disciplinas ao buscar analisar o processo de interação existente entre os níveis individuais e psíquicos que atravessam os sujeitos, vistos como agentes (ibidem), assim como as estruturas sociais que conduzem essas interações.

Foi em contato com a história e pensamento da psicóloga venezuelana Maritza Monteiro que conheci o caminho traçado pela psicologia política das comunidades na América Latina. Monteiro recebeu influência do teórico Ignacio Martín-Baró, um dos principais pensadores da psicologia crítica latino-americana que, por sua vez, defendia “a necessidade de assumir um compromisso histórico com o destino dos povos oprimidos” (COSTA, 2015, pág. 272). É a partir desse pensamento que temos uma virada na perspectiva, não apenas metodológica, mas de foco e objetivos das intervenções psicossociais. Não estamos mais falando de instituições europeias ou norte-americanas que encomendam pesquisas e intervenções a partir do entendimento de que o fator humano é também fundamental para o funcionamento e maior produtividade de suas organizações. O trabalho com as subjetividades deixa de ser instrumento de quem encomenda a pesquisa e passa a estar à serviço de grupos, comunidades e coletivos. Já no Brasil, na década de 60, Paulo Freire (COSTA, 2015) passa também a influenciar a psicossociologia ao propor uma abordagem teórico-metodológica que permite maior protagonismo dos participantes das intervenções, especialmente com a sua proposta de pesquisa-ação participante na qual oferecia métodos de intervenção nos quais os sujeitos do grupo, coletivo ou organização eram não apenas agentes colaboradores da prática, mas também parte formuladora e gestora da investigação.

Esta breve exposição a respeito dos caminhos da psicossociologia é uma forma de me situar enquanto pesquisadora na opção por uma abordagem crítica que reconhece o papel da Psicologia Social latino-americana na construção de caminhos teórico-metodológicos e a proposição da intervenção dentro do campo estudado. Nesse sentido, compreendo a necessidade de reflexão sobre a produção de conhecimento no campo da psicossociologia, ressitua-a e reinventando-a como propõe Rosa Pedro e Mariana Moreira (2021, p. 8): “A partir desses dois movimentos, buscamos afirmar o processo de construção de conhecimentos como potência de criação de mundos, como modo de composição que envolve o estar junto com aqueles que pesquisamos”. O que Pedro e Moreira defendem é a necessidade de dessubstancialização da psicossociologia para apostar em novas formas de produção de

conhecimento, reconhecendo o lugar e a agência dos próprios pesquisadores e pesquisadoras em seus campos.

O conhecimento situado de Haraway (2012) e a cosmopolítica de Stengers (2018) são destacados como exemplos de ferramentas chaves para essa ação de reinvenção da psicossociologia. Os saberes localizados (HARAWAY, 2009) por ressituar o lugar dos pesquisadores dentro da realidade que buscam analisar ao reconhecer suas premissas e visão parcial, o estar dentro e não fora do campo estudado, produzindo intervenções, mudanças, transformações e tensionamentos. Já a cosmopolítica “implica em agenciar mundos múltiplos e, por vezes, divergentes” (MOREIRA, PEDRO, 2021, p. 13). Neste sentido, opto por afirmar minha presença como uma forma de intervir. “Pensar-com” (HARAWAY apud BELLACASA, 2012) e elaborar junto do coletivo Grãos de Luz foi a forma de compreender o papel da psicossociologia nesta pesquisa. Reconheço que não se trata de uma realidade estável, mas sim composta e atravessada por diferentes mundos e correlações de forças. Exemplo disso está na forma como o processo de ruptura entre práticas populares de cura e a medicina hegemônica se associam a um movimento de rompimento da ciência ocidental com saberes de cunho popular. Isabelle Stengers vê com olhos críticos a separação entre diferentes formas de produção de conhecimento, em contrapartida, a pensadora propõe o conceito de cosmopolítica na busca por aproximar ciência e política, por exemplo, a partir do resgate de práticas e saberes marginalizados pelas ciências modernas. De acordo com ela, tais práticas e saberes deveriam ser levados a sério pelos cientistas de diversas áreas, ao considerar a forma de ver o mundo de outros povos, distanciando-se de uma postura colonizadora. Tal postura configura um ato político ao escapar de visões polarizadas e dicotômicas nessa disputa de narrativas. Para Stengers (2009), incorporar outras visões de mundo e formas de existência seria um dos caminhos para politizar a ciência.

2.3 Bem Viver

A noção de Bem Viver nos ajuda a entender as práticas que buscam operar novas formas de vida como alternativas a um projeto socioeconômico global pautado no desenvolvimentismo. Segundo Alberto Acosta, não se trata mais de criar “desenvolvimentos alternativos”, mas “alternativas de desenvolvimento” (2016, p. 70). Para entender esse conceito que, segundo o autor, se trata de uma “vivência” (2016, p. 83), é também necessário nos debruçar sobre sua origem, não apenas etimológica, mas enquanto prática de vida. O Bem

Viver (ACOSTA, 2016) deriva dos termos indígenas *sumak kawsay* (kíchuwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani) porque originalmente se baseiam na forma como esses povos, por séculos marginalizados, se relacionam ou se relacionavam com a natureza. No entanto, não se trata de conclamar um retorno absoluto aos modos de vida passados, nem negar os avanços técnicos científicos, embora se parta da compreensão de que estes se deram a partir de uma ótica colonial que subjuga modos de vida e saberes tradicionais em nome de um suposto progresso.

Não existe uma ideia fechada a respeito do conceito de Bem Viver. Seu uso deriva da troca entre diversos pensadores e pensadoras da América Latina, dentre eles, intelectuais indígenas de diferentes etnias e também ocidentais. Foi incorporado nas Constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009), cada país absorvendo determinadas especificidades abarcadas pelo conceito. Em ambos os casos, os princípios incorporados buscam confrontar uma perspectiva político-econômica baseada no desenvolvimentismo (GUDYNAS, 2011), apesar das diferenças. No caso do Equador, por exemplo, mais que valores éticos, o Bem Viver vem afirmar os direitos da Natureza, reconhecendo-a como sujeito de direitos (ibidem). A crítica ao modelo desenvolvimentista por diferentes frentes é também vista nas diversas abordagens do conceito. Segundo Acosta (2016), trata-se de uma proposta descolonizante pautada nas lutas sociais que “não se esgotam na luta de classes. Há que enfrentar as sociedades racistas e as sociedades com enormes e crescentes conflitos intergeracionais – para mencionar alguns desdobramentos dos conflitos do capitalismo” (ibidem, p. 155). Por ser um conceito que engloba múltiplas perspectivas, inclusive ontológicas e utilizado em diversas abordagens, pode ser considerado um conceito plural: “estamos nos referindo a *Bons-Viveres* que adotam diferentes formulações em cada contexto social e ambiental” (GUDYNAS, 2011, p.17).

Abordar a perspectiva do Bem Viver também é abordar a noção de comunidade. Afinal, comunitariamente é a forma como povos indígenas das mais diversas etnias latino-americanas se organizam. Nossa investigação desenvolve um estudo sobre um grupo que se autodenomina coletivo, que possui uma forma interna de auto-organização descentralizada, com distribuição de tarefas e realização de rodas de conversas. Importante ressaltar que dentro dos conceitos teóricos orientadores dessa pesquisa, o de Bem Viver já é apropriado por algumas integrantes do coletivo Grãos de Luz. O termo foi citado durante minha pesquisa de campo (seção 4.3). Acredito que esse sentido atribuído pelo coletivo à noção de Bem Viver dialoga com uma perspectiva intercultural, por convergir saberes e

práticas de diferentes origens. De acordo com Gudynas, as abordagens interculturais do Bem Viver,

(...)são posições que pertencem a cada contexto social e ambiental, que, além disso, foram afetadas, hibridizadas ou misturadas de formas diferentes com o pensamento atual ou moderno, mesmo que não tenham qualquer relação com ideias como a “boa vida” no sentido aristotélico ou qualquer de seus derivados ocidentais (GUDYNAS, 2016, p. 31).

2.4 Ecofeminismo para pensar novas práticas

De acordo com a autora ecofeminista, Carolyn Merchant, “Natureza” tem diversos conceitos, porém para conhecê-la, é preciso viver dentro dela, em imersão (MERCHANT, 2016), rompendo com o paradigma moderno atual que a objetifica para que possamos conhecê-la e explicá-la. Esse olhar estaria na esteira de possibilidades para responder às mudanças sócio-climáticas que nos afetam a nível global.

O resgate em prol de modos de vida mais reconectados à natureza e em defesa do meio ambiente, dentro das culturas ocidentais, é muitas vezes guiado pelo protagonismo das mulheres (PULEO, 2017, 2019; SVAMPA, 2019), como no caso do Grãos de Luz, coletivo estudado nesta pesquisa. Tal associação pode caracterizar um trabalho para desconstruir o que dois séculos de “caça às bruxas” causaram desde a transição do feudalismo para o capitalismo, contribuindo para a construção de uma feminilidade associada à fragilidade e à subordinação (FEDERICI, 2017; PULEO, 2019). A reapropriação dos saberes, antes condenados como justificativa para sua perseguição e repressão – uso das plantas para cura de doenças, realização de partos naturais e a disseminação dos conhecimentos sobre seu ciclo reprodutivo - pode ser vista como uma resposta a atuação do capitalismo, ao construir territórios para o surgimento do que Guattari (2013) chama de novas singularidades.

Diversas correntes ambientalistas e ecológicas apontam para os binarismos da modernidade, entre humanos e não-humanos, natureza e cultura, sujeito e objeto, como entraves para avançarmos no sentido de uma perspectiva mais ética em relação ao meio ambiente. Surgido nos anos 1970, um dos principais movimentos a questionar esse dualismo, ao interconectar o feminismo à questão ambiental, é o ecofeminismo. Nasceu como um movimento político e ativista, antes de se tornar um tema teorizado na academia. As principais mobilizações que deram origem ao movimento ocorreram nos Estados Unidos, entre os anos 1970 e 1990, como por exemplo o *Women’s Pentagon*, uma ação protagonizada por mulheres na Virgínia, nos anos 1980, contra o militarismo e o uso de armas nucleares

pelo governo estadunidense (CARMELA, PINHEIRO, 2019). O termo ecofeminismo foi utilizado pela primeira vez pela feminista Françoise d'Eaubonne em um texto publicado em 1974. Neste artigo, ela sustenta uma visão crítica a respeito do controle patriarcal sobre os corpos das mulheres e traça uma analogia à dominação exercida sobre a natureza (PULEO, 2017).

Por ser composto de uma diversidade de visões éticas e filosóficas, o ecofeminismo foi, ao longo dos anos, cobrado, por parte da comunidade acadêmica e por ativistas feministas, por supostamente reproduzir uma visão essencialista da mulher, contribuindo para reforçar estereótipos de gênero, ao invés de trabalhar pela emancipação e libertação das mulheres e demais seres viventes. A perspectiva essencialista, que prega uma ligação intrínseca entre mulheres e natureza, durante muitos anos, foi motivo de críticas e descrenças em relação ao movimento, principalmente por parte de teóricas do feminismo (GAARD, 2011). Ao longo de séculos de imposição de uma cultura patriarcal, a divisão sexual do trabalho relegou às mulheres o trabalho do cuidado e tarefas domésticas, enquanto mulheres rurais foram construindo uma forte relação com a terra. Isso se dá, principalmente, nos chamados países periféricos, onde atua uma das principais porta-vozes do ecofeminismo terceiro mundista, a indiana Vandana Shiva (1997). A filósofa Alicia Puleo (2017, 2019) também destaca que as mulheres são geralmente as mais afetadas pelos impactos gerados com o avanço do modelo econômico neoextrativista, que explora matérias primas nos países do Sul, e pelos efeitos causados pelas Mudanças Climáticas (2017).

Essencialista ou não, associar mulheres à natureza, nos aponta uma contradição. Se, por séculos, essa suposta ligação foi utilizada como mecanismo de legitimação do patriarcado, atualmente tem sido ressignificada, pois a proximidade com a natureza simboliza a esperança de conservação da vida. Em sua releitura crítica do ecofeminismo, Greta Gaard situa esse movimento enquanto uma intersecção do movimento feminista nos movimentos por justiça social e saúde ambiental, desvelando a associação entre opressão de gênero e a dominação do homem sobre a natureza dentro da visão moderna ocidental (GAARD, 2011). Assim como Gaard, a filósofa feminista australiana Val Plumwood (1993) também defende uma análise desconstrutiva da racionalidade moderna que, segundo ela, contribuiu para a construção de um eu masculino dominador.

A produção de pomadas e outros remédios caseiros a partir do uso de ervas medicinais por um grupo de mulheres, inevitavelmente nos leva à abordagem trazida também pelo

feminismo e ecofeminismo: a ética do cuidado. Essa ideia, no entanto, deve ser elaborada sem cairmos no risco de tratar a aptidão ao cuidado como algo essencial ao feminino, e sim como uma ética ligada às práticas e ações como, por exemplo, o intenso trabalho pela preservação e sustentabilidade da vida. Isso ocorre especialmente no caso de coletivos populares de mulheres, principalmente de origem indígena e camponesa. Como explicam as pesquisadoras Márcia Maria Tait Lima e Leda Maria Caia Gitahy (2017) em um artigo sobre epistemologias feministas:

Diversos coletivos de mulheres populares têm apresentado uma importante contribuição para repensar as distinções estabelecidas entre produção/reprodução, colocando a necessidade de colocar a “sustentabilidade da vida” como o eixo central das sociedades humanas e de atuar por uma universalização da ética do cuidado (que seja uma responsabilidade compartilhada entre os gêneros e as classes sociais) e sua expansão também aos bens da natureza, como uma ética de cuidado comunitário com os bens comuns. (2017, p. 15)

Não existe, no entanto, a expectativa de que as mulheres do Grãos de Luz se identifiquem enquanto ecofeministas, nem mesmo, feministas. Esse seria um quadro teórico e epistemológico que envolve análises e associações possíveis para práticas de resgate de saberes relacionados ao meio ambiente que sejam protagonizadas por pessoas que se identificam enquanto mulheres. Cabe ressaltar, que dentro da própria discussão ecofeminista, a categoria mulher não deve ser associada exclusivamente às mulheres cisgêneras, abrindo a possibilidade de pensarmos o movimento de forma interseccional (GAARD, 2011).

2.5 Fazeres éticos em práticas tradicionais

Cuidado é tudo que fazemos para manter, continuar e reparar nosso mundo para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmas, e nosso ambiente, tudo que procuramos entrelaçar, numa complexa teia de sustentação da vida. (Joan Tronto e Berenice Fisher)

Feministas têm proposto repensar a construção do conhecimento moderno a partir da compreensão de que existem disparidades de poder na própria legitimação do que seria ou não científico e isso implica questionar o papel e o lugar que ocupam as relações de gênero, raça e classe na produção de conhecimento (HARAWAY, 2009). Nesse contexto, surgem abordagens que trazem novas perspectivas para o debate a respeito da relação humano-natureza, atravessadas também por questões relativas à ética do cuidado. O tema do cuidado, no contexto das epistemologias feministas, é abordado dentro de sua complexidade. O chamado “cuidado radical”, por exemplo, pode ganhar destaque ao permitir que grupos e coletivos de

mulheres se fortaleçam diante da precarização do acesso à serviços básicos e o aumento da desigualdade social, embora também possa continuar servindo para diferentes formas de coerção, como o trabalho doméstico não remunerado (HOBART, KNEESE, 2020).

Essa perspectiva do cuidado, gerido a partir de humanos, também é tratada na abordagem de autoras como Stengers (2009), Haraway (2009) e Bellacasa (2010, 2012), a partir do ponto de vista de uma ética relacional, como uma agência compartilhada entre humanos e não humanos. A pesquisadora Maria Puig de la Bellacasa (2012) nos traz exemplos práticos da construção de novas formas de existência ao localizar a relação humano-natureza a partir da abordagem da ética do cuidado, elaborada na perspectiva de uma epistemologia feminista. Pesquisadoras feministas contemporâneas trouxeram a noção de cuidado para o centro do debate. Reconhecem a existência de uma ideia essencialista e moralista de cuidado feminino que, por séculos, serviu como ferramenta de dominação de gênero (FEDERICI, 2017), mas deslocam a noção de cuidado para uma abordagem ética - não idealizada - que ajuda a pensar as relações de interdependência entre os seres humanos e não humanos: “Uma visão feminista inspiradora a respeito do cuidado não pode ser fundamentada no anseio por um mundo harmonioso e suave, mas em práticas vitais ético-afetivas cotidianas do fazer engajadas com questões de existências interdependentes” (BELLACASA, 2012, p.3).

Para Bellacasa “cuidar e relacionar compartilham ressonância conceitual e ontológica” pois vivemos num mundo de interdependências entre os seres, no qual “se preocupar a respeito de algo, ou alguém, é inevitavelmente criar relação” (ibidem, p. 2). É, portanto, a partir da noção de um cuidado associado às necessidades materiais da existência, e não de uma idealização e essencialização do mesmo, que teorias feministas e ecofeministas se apropriam do termo para construir as demandas sociais do ponto de vista ético-político.

A proposta de construir novas formas de pensar e novas formas de saber está associada ao que a filósofa Donna Haraway (2009) chama de “saberes localizados”, que segundo Bellacasa “significa que saber e conhecer são inconcebíveis sem a multiplicidade de relações que tornam possíveis os mundos com o quais “pensamos-com” (2012, p.20). A partir do entendimento de que o conhecimento é relacional e interdependente, a ideia de “pensar com” está diretamente relacionada com a forma como estabelecemos o pensamento coletivo. O conhecimento situado de Haraway localiza o ato de pensar e conhecer como processos relacionais. Nesta perspectiva, “os seres não preexistem às relações” (HARAWAY apud BELLACASA, 2012, p.20), portanto, natureza e cultura não podem ser entendidas enquanto campos separados, mas interconectados, assim como o próprio ser humano é interdependente

de Gaia¹⁸ e tudo que a habita (STENGERS, 2009). É Donna Haraway quem inaugura o conceito *naturezacultura* (BELLACASA, 2010), mais tarde apropriado também por Bruno Latour. Sem a separação ontológica, o ser humano deixa de estar no centro da questão. Não se trata, no entanto, de negar valor à vida humana, nem criar outras hierarquias, e sim pontuar a necessidade de reconhecer a interdependência entre humanos e não humanos e propor, a partir desse ponto de vista ético-político, mudanças concretas nas práticas cotidianas.

Bellacasa (2010) nos traz um exemplo desse comprometimento com a Terra: a permacultura. Segundo a pesquisadora, que teve a experiência de um workshop com a ativista pagã Starhawk e o designer de permacultura Eric Olsen, esta atividade permite uma transformação ética individual que afeta o coletivo. Ela explica que a permacultura permite trazer a noção de interdependência entre os menores e maiores seres, como no caso da compostagem. Nessa técnica, ao transformar matéria orgânica em adubo, percebe-se a importância de microorganismos e outros pequenos seres como as minhocas, responsáveis pela fertilização da terra ao digerir resíduos vegetais que passam pelo processo de compostagem. Essa percepção de que existe uma diversidade de atores, humanos e não humanos, muitas vezes invisíveis, trabalhando coletivamente pelo planeta permite pensarmos, de acordo com Bellacasa, em compromissos éticos que não se baseiam em normas morais, mas estão articulados com necessidades concretas. Nesse sentido, a ideia proposta no artigo “Fazeres éticos na naturezacultura” (2010) traz uma nova perspectiva ético-política, gerada a partir de práticas cotidianas que podem servir de sul na elaboração e ampliação de outra relação entre humano e natureza.

De acordo com a filósofa da ciência Isabelle Stengers (2009), Gaia - como prefere nomear estrategicamente o nosso planeta nessa nova era geológica - deixa de ser a figura provedora de necessidades humanas e passa a representar uma ameaça aos que defendem o caminho livre para o avanço do progresso, mesmo que este avanço custe o desmatamento de quilômetros de florestas e poluição do ar puro e dos rios com água potável. Na esteira daqueles que defendem a desaceleração de um progresso baseado na exploração desenfreada dos recursos naturais, principalmente nos países do Sul Global, estão os que reivindicam um olhar sobre outras possibilidades inventivas de fazer e criar. A exemplo da permacultura, defendida como um compromisso ético com a Terra por Bellacasa, diversos outros grupos ao redor do mundo vêm atualizando práticas baseadas em uma relação menos objetificante com a

¹⁸ Termo utilizado por James Lovelock e Lynn Margulis para se referir ao sistema planetário em que vivemos, como um organismo vivo responsável pelas condições de sua própria existência, e mais tarde reapropriado e ressignificado pela filósofa da ciência Isabelle Stengers.

natureza. Exemplo disso está no trabalho de resgate de saberes tradicionais. A ideia de convergir conhecimentos tecnológicos avançados com saberes e práticas, repassados de geração em geração por comunidades e grupos tradicionais, tem demonstrado novas possibilidades de interação do humano com a natureza (BELLACASA, 2012).

2.6 Retomar a magia

James Lovelock e Lynn Margulis foram os precursores do uso do termo Gaia para se referenciar ao planeta Terra como um organismo vivo capaz de manter equilibrada sua própria termodinâmica (STENGERS, 2009). A filósofa da ciência Isabelle Stengers é uma das responsáveis pela reapropriação do termo com outra perspectiva. Ao contrário, ela evoca a “intrusão de Gaia” quando os apelos da comunidade científica, a respeito das ameaças provenientes das Mudanças Climáticas, já não podem ser ignorados a nível global. Gaia é agora um incômodo, um agente não consciente do mal-estar que provoca. Stengers propõe, portanto, que pensemos urgentemente em respostas a essa intrusão, indo numa direção contrária a qualquer essencialismo pois, segundo ela, não se trata da noção de pertencimento à Gaia, esta que não poderia ser nem responsável, nem consciente dos seus impactos. A Gaia de Stengers cega ao que provoca, exige uma mudança de paradigma na dualidade entre Cultura e Natureza:

Já não estamos lidando com uma natureza selvagem e ameaçadora, nem com uma natureza frágil, que deve ser protegida, nem com uma natureza que pode ser explorada à vontade. A hipótese é nova. Gaia, a que faz intrusão, não nos pede nada, sequer uma resposta para a questão que impõe. Ofendida, Gaia é indiferente à pergunta “quem é responsável?” e não age como justiceira – parece que as primeiras regiões da Terra a serem atingidas serão as mais pobres do planeta, sem falar de todos esses vivos que não têm nada a ver com a questão. O que não justifica, de modo algum, uma indiferença qualquer em relação às ameaças que pesam sobre os vivos que habitam conosco essa Terra. Simplesmente, não é da conta de Gaia. (STENGERS, 2009, p. 52)

Assim como aqueles que chamam essa Era, ameaçada por mudanças climáticas e mutações biofísicas sofridas pelo sistema planetário, de Antropoceno (DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014; KRENAK, 2019; LATOUR, 2020 SVAMPA, 2019) Stengers também aponta a necessidade de respondermos ao que ela prefere nomear “intrusão de Gaia”. Não se trata de negar a ciência moderna, e sim criticar sua pretensão universalista - assim como o faz Donna Haraway ao trazer o conceito de *conhecimento situado* - e a forma como seus porta vozes foram responsáveis por marginalizar práticas de outros povos,

afastando-se de outras e novas possibilidades de existência que, justamente, poderiam ser aliadas na formulação de respostas ao desastre agora previsto.

Ao propor a retomada de tais práticas, Stengers reclama - aqui no sentido de *reclaim* - a necessidade de conectar política e ciência: “Práticas que (é preciso repetir sempre) não substituem as lutas sociais, mas as articulam com outros modos de resistência, que conseguem fazer conexões onde predominava uma lógica das prioridades estratégicas” (STENGERS, 2015, p. 39). Stengers (2011) se apropria do termo *reclaim*, que inglês tem uma ampla significação, mas é comumente traduzido nos artigos como “reivindicar”, “reativar” ou “reclamar” (SZTUTMAN, 2018) em referência ao resgate de saberes, práticas, palavras e demais usos simbólicos e semânticos que tenham sido desvalorizados e até mesmo suprimidos em nome da gramática moderna ocidental. A reapropriação desses termos e práticas, principalmente no campo da linguagem, seria agente de uma resistência e experimentação catalisadora de outros mundos possíveis. Resistir, nesse sentido, não apenas em oposição, mas ativando a criação, um escape a captura do modo de operar capitalista que abriria caminhos para uma reinvenção dos modos de ser e se relacionar com o mundo e com os outros. Tais receitas estariam diretamente relacionadas com a experimentação, não interessando, se de fato, os feitiços funcionam ou não, pois trata-se de recuperar formas de interação descartadas pelo capitalismo.

Nesse sentido, descrever práticas de um grupo popular que trabalha com ervas medicinais traz a necessidade de identificar a dimensão ritualística que as permeia sem colocá-la em segundo plano. A prática fitoterápica acompanhada dos rituais realizados durante os fazeres de pomadas e outros remédios caseiros enquanto uma experiência proposta pelas integrantes do coletivo compõe uma ação que une saberes tradicionais repassados oralmente e dinâmicas referenciadas por diferentes crenças e matizes.

Cabe ressaltar que o conceito de *reclaim* foi utilizado pela ativista neopagã e ecofeminista Starhawk, - com quem Bellacasa e Stengers dialogam - no sentido de imprimir força política ao papel de práticas marginalizadas pela ciência moderna - como a magia e feitiçaria. Stengers, particularmente, propõe um olhar sobre a possibilidade de resgate de uma gramática associada a tais práticas, cumprindo a tarefa de aproximar ciência e política no que ela chama de cosmopolítica. Diferente do conceito trazido por Kant, que busca unificar, o “cosmos” de Stengers “designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes (...)”. (2018, p. 447) A filósofa propõe que isso seja feito, por exemplo, a partir do resgate de práticas e saberes marginalizados pelas ciências modernas. Estes, que segundo ela, deveriam ser levados a sério pelos cientistas de diversas áreas ao considerar a forma de ver o

mundo de outros povos, distanciando-se de uma postura colonizadora, configurando, portanto, um ato político. Como explica Renato Sztutman (2018) em sua reflexão sobre o papel do *reclaim* na obra de Stengers, se trataria de:

descortinar toda uma cosmopolítica que pode conferir novos sentidos para a aventura da experimentação e da especulação que envolve a ciência e toda forma de pensamento, oferecendo um antídoto à economia do conhecimento vigente, que transforma todo saber em mercadoria e destrói as capacidades de pensar e agir em conjunto. (2018, p. 339)

Essa é a proposição cosmopolítica de Stengers: vincular práticas heterogêneas para romper com o fio que nos conduz à uma única forma a respeito do fazer e do saber, desbotada pelas regras da produtividade capitalista. Os termos magia e feitiçaria, recorrentes em grupos de religiões neopagãs, não são exatamente evocados no vocabulário da cultura popular brasileira como no caso das rezadeiras, benzedeadas e erveiras no Brasil¹⁹. É importante ressaltar que Stengers tem inspiração nos países do norte ao resgatar essa gramática. No caso do Brasil, onde a dimensão “pagã” da cultura popular tem influências indígenas e de religiões de matriz afro, os termos associados à magia seriam outros. Do candomblé²⁰, por exemplo, se popularizou o termo “macumba”, muitas vezes utilizado de forma pejorativa para diminuir e criminalizar. A reapropriação do termo pelos próprios praticantes da religião funciona, nesse caso, no mesmo sentido da “feitiçaria” e “magia” evocadas pelas bruxas europeias e norte-americanas.

Numa história de hibridez, as práticas das benzedeadas, rezadeiras e erveiras são reproduzidas e repassadas oralmente, de geração em geração, principalmente nas regiões rurais do país. Hibridez porque reproduzem um fazer sincrético na qual rezas da religião católica são utilizadas para, por exemplo, realizar limpezas espirituais, tirando “mau-olhado” ou até mesmo afastando espíritos obsessores. Tais práticas mesclam, portanto, crenças de origens religiosas distintas: africana, cristã e indígena. Da mesma forma, o uso de ervas e plantas medicinais no Brasil reproduz conhecimentos das mesmas matizes (CAMARGO, 2014).

Cabe aqui ressaltar que magias e feitiçarias, geralmente associadas à imagem da bruxa, foram práticas marginalizadas pelos cercamentos realizados na transição do feudalismo

¹⁹ Opta-se pela utilização do gênero feminino embora essas práticas também sejam reproduzidas por pessoas de outros gêneros.

²⁰ Candomblé é uma religião de matriz africana das mais difundidas no Brasil. Seus praticantes sofreram, e ainda sofrem perseguição acusados de bruxaria e paganismo.
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_ip_rm Último acesso em 3/03/2022.

para o capitalismo, num projeto moderno de civilização que perseguiu, torturou e matou milhares de mulheres em séculos de caça às bruxas. Essas mulheres foram mortas não porque poderiam provocar algum mal à comunidade onde viviam, mas porque suas atividades não poderiam ser controladas pela lógica de um poder capitalista patriarcal que buscava impor-se (FEDERICI, 2019a). É como bem nos lembra Silvia Federici a respeito das mulheres que personificavam a figura da bruxa: “Às vezes era curandeira e praticante de várias formas de magia que a tornavam popular na comunidade, mas isso cada vez mais a assinalava como perigo à estrutura de poder local e nacional em sua guerra contra todas as formas de poder popular” (FEDERICI, 2019a, p. 58).

Nos interessa pensar a prática do coletivo Grãos de Luz enquanto vinculador desses saberes de diferentes matizes. Rezas católicas e cantos da cultura popular embalam a preparação de suas “pomadas milagrosas” enquanto pêndulos são utilizados para medir e acessar o campo energético das plantas. Se, no campo das ciências naturais, tais práticas poderiam ser desprezadas, elas podem, para a cosmopolítica de Stengers, serem retomadas - aqui no sentido de *reclaim* - ao conectar diferentes mundos e até mesmo lutas sociais.

2.7 Em direção ao comum

O debate a respeito dos sentidos de comunidade é constante no campo das Ciências Humanas e Sociais. No século XIX, Ferdinand Tönnies diferenciava “comunidade” de “sociedade” em termos de delimitações geográficas e de princípios coletivistas e individualistas. Essa visão pode ter contribuído para uma perspectiva idealizada, na qual o retorno à vida comunal seria um contraponto aos processos globalizantes. Essa perspectiva é passível de críticas por supostamente idealizar um retorno saudosista ao passado (SILVA; SIMON, 2005).

Para o autor colombiano Arturo Escobar

a comunidade é teorizada como uma entidade profundamente histórica, heterogênea e atravessada pelo poder, contrário ao que puderam pensar os acadêmicos supercríticos que tendem a desclassificar qualquer menção do comunal como romântico, localista ou essencialista (2014, p.51).

Do ponto de vista das sociedades ocidentais, Silvia Federici (2017) reforça que na Idade Média as mulheres atuavam como protagonistas das relações e vínculos comunais estabelecidos nos feudos e resistiram contra seu dismantelamento durante o avanço dos cercamentos no processo de transição para o capitalismo. Ela traça uma analogia ao papel de diversos grupos de mulheres na contemporaneidade e a defesa do que alguns autores e

ativistas chamam de “comuns”. Exemplos do que chamamos atualmente de comuns são a terra, água, o ar, as florestas, serviços e até mesmo nossos direitos (FEDERICI, 2019b). Numa perspectiva feminista, Federici defende tratarmos também do trabalho reprodutivo relegado às mulheres como um “comum”. Trata-se, segundo ela, de ressaltar a importância das relações, sejam elas apenas entre humanos ou entre humanos e o meio que os cerca. Ela evoca, portanto, o *slogan* “não há comum sem comunidade” para então dar sentido a essa ideia de comunidade:

não uma comunidade entendida como uma realidade cercada, um grupo de pessoas que se junta por interesses exclusivos que as separam dos outros, como uma comunidade formada com base em uma religião ou etnia; estamos falando de uma comunidade como uma qualidade de relações, um princípio de cooperação e responsabilidade: uns com os outros, com a terra, as florestas, os mares, os animais (FEDERICI, 2019b, p. 317).

O conceito de comunidade segue também aberto, em construção, principalmente se relacionado ao debate sobre os comuns e os in-comuns (CADENA, 2018). Devemos considerar, no entanto, que buscar esse “comum” em um cenário no qual parte das pessoas envolvidas estabelece uma outra relação com natureza, pode criar impasses ontológicos que nos trazem a perspectiva de natureza incomum (CADENA, 2018). Isso ocorre quando, por exemplo, povos tradicionais, que têm outra relação entre cultura e natureza, humanos e não-humanos, se encontram em uma situação de estabelecer diálogo com instituições públicas ou privadas em relação ao território que ocupam. Diante de concepções não coincidentes a respeito do que seria natureza e até mesmo território, ambos os atores da suposta situação viveriam esse impasse que torna o seu território uma “natureza incomum” (ibidem). Cadena, no entanto, propõe que, em situações desse tipo, possam se formar alianças nas quais se “pode incluir a divergência constitutiva das partes: elas podem convergir sem se tornarem as mesmas” (2018, p. 113). Essa perspectiva abriria a possibilidade do pluriverso, que seria a coexistência de múltiplos mundos e suas práticas específicas, configurando o que alguns autores chamam de ontologia política (ESCOBAR, 2014).

Há, portanto, a partir do conceito de pluriverso, uma visão sobre o bem comum que não pode existir sem reconhecimento das diferenças: “Um bem comum que não pode existir sem ser com os incomuns: em vez da expressão de relações compartilhadas e de manejo da natureza, esse comum seria a expressão da produção de muitos mundos ecologicamente relacionados em toda a sua divergência constitutiva” (CADENA, 2018, p. 114). A perspectiva do incomum de Cadena (2018) e a proposição cosmopolítica de Stengers (2018) não se orientam na direção de anular uma das visões de mundo em jogo, mas criar pontes, alianças,

“conexões parciais” (SZTUTMAN, 2019) que sejam capazes de permitir a existência desses muitos mundos e dessas muitas referências ontológicas a respeito do que seria natureza (STENGERS, 2009; SZTUTMAN, 2019).

O coletivo Grãos de Luz será compreendido nesta pesquisa como um grupo articulador deste tipo de cooperação e responsabilidade por se tratar de um coletivo e, no sentido atribuído por Federici (2019b), uma comunidade que estabelece responsabilidade sobre a reprodução de saberes populares a respeito de plantas e ervas medicinais. Tal noção de comunidade parte da ideia do comum trazida por Federici (ibidem), na qual o importante são as relações estabelecidas nas interações. Dentro da diversidade de integrantes do grupo, trazemos o foco para o que estão construindo, ou seja, os saberes e práticas repassados pelas mestras e mestres que seriam o seu comum, sem deixar de lado o incomum que podem surgir a partir de crenças, cantos, linguagens e demais referências de suas próprias bagagens individuais (CADENA, 2018).

3. Caminhos metodológicos

O coletivo Grãos de Luz busca resgatar saberes, práticas, ritos e rezas de uma ancestralidade heterogênea composta por saberes de diferentes matizes, como dito anteriormente. Com esse repertório diverso, tanto de conhecimentos que são repassados através da oralidade, quanto dos próprios processos singulares e subjetivos de cada participante, se constrói um campo interativo de troca e estudo. Esta pesquisa buscou responder como se organiza e se propõe modos de existência baseados em outra forma de relação entre natureza e cultura a partir dos resgates de saberes tradicionais. Para alcançar esta resposta, parto de uma metodologia qualitativa de inspiração etnográfica e dos seguintes objetivos específicos: (i) descrever a troca de saberes tradicionais estabelecida pelo coletivo; (ii) compreender a relação do protagonismo feminino e a ética do cuidado e (iii) identificar os sentidos do Bem Viver para as integrantes do coletivo.

Na pesquisa qualitativa os dados são coletados por diferentes meios - como entrevistas, observação, descrição, documentação e registros audiovisuais -, assim como são analisados a partir de diferentes dimensões e atravessados pela visão pessoal da pesquisadora (CRESWELL, 2007). A observação participante assim como a utilização de entrevistas semiestruturadas são métodos da metodologia qualitativa e foram utilizadas nesta pesquisa. Atuei como observadora participante em encontros presenciais e virtuais do grupo, assim como acompanhei alguns canais de comunicação por meio de plataformas online. Cabe ressaltar que devido a pandemia de Covid-19, o coletivo realizou encontros presenciais apenas eventualmente, em locais abertos, tomando todas as medidas de segurança necessárias.

A escolha pela observação participante se dá pela possibilidade de interagir de perto, envolvendo-se com as práticas e com os integrantes do coletivo. “É uma abordagem utilizada quando o investigador está interessado na dinâmica de um grupo no seu meio natural, e não simplesmente na recolha de respostas individuais às questões” (MÓNICO et al., 2017, p. 727). É como coloca Caiafa (2019, p. 38) a respeito: “o observador só consegue surpreender fenômenos mais sutis na convivência com o grupo”. Ela acrescenta que diante dos riscos interpretativos e de uma suposta autoridade do ou da pesquisadora, inclusive quando se encontra inserido em um campo social e/ou grupo de seu interesse, é importante manter o distanciamento no campo. Diferente de um distanciamento de quem julga, o observador-participante se afasta de seus próprios referenciais, assim como se aproxima e participa sem

adesão: “o etnógrafo sai um pouco de si - como em qualquer viagem bem sucedida - na medida em que ouve e observa sem adesão e sem julgamento” (ibidem, p. 43).

A inspiração etnográfica utiliza três principais ferramentas do trabalho antropológico: olhar, ouvir e escrever. Ainda sobre a observação participante, segundo o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), trata-se de uma interação da etnografia que permite a criação de "um espaço semântico partilhado", principalmente quando existe uma escuta dialógica entre pesquisador e pesquisado. Essa interação ocorre pois o pesquisador está "dentro", atuando no campo. Nesse sentido, os dados a serem interpretados no trabalho de textualização, o escrever, são produzidos a partir do estar junto do grupo pesquisado, distanciando-se da ideia de neutralidade e objetividade do pesquisador. Essa ação dialógica é possível quando se transforma o "informante" em interlocutor, especialmente durante o ouvir, ou seja, no processo de escuta realizado no campo e nas entrevistas.

Alguns autores, como Silverman (2009, apud CUNHA, RIBEIRO, 2010, p.4), sugerem que a coleta de dados seja feita a partir de registros documentais, servindo, portanto, como evidência a ser verificada posteriormente e como material para pesquisas futuras. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, permitindo esta evidência e, até mesmo, a utilização posterior para a construção de possíveis projetos derivados. Entendemos que as entrevistas servem como método de coleta de dados subjetivos e individuais para compreensão do grupo a ser pesquisado por “permitir pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa (participou) ...” (DUARTE, 2004, p. 219). Às integrantes do coletivo foi disponibilizado acesso às gravações caso queiram utilizá-las para compor seus materiais de documentação.

Um instrumento que acompanha a observação participante é o uso do diário que foi utilizado nas pesquisas de campo, *online* ou *offline*. É o diário que permite “(...) mais tarde a análise do desenvolvimento da pesquisa. É também o diário que mostra, a cada etapa da reflexão, os laços entre as diversas hipóteses levantadas pelo pesquisador e o momento da pesquisa em que essas hipóteses foram reformuladas” (WEBER, 2009, p. 168).

Com a pandemia de Covid-19, a própria dinâmica do grupo foi readaptada para garantir as medidas de segurança, portanto, alguns dos encontros ocorreram de forma *online*. A minha presença física se deu apenas quando convidada para encontros organizados pelo

próprio coletivo e sob todas as medidas de segurança necessárias. A maioria das entrevistas foi realizada pessoalmente. Apenas uma foi feita por meio de plataforma *online* devido à distância de moradia da entrevistada que, na época, estava evitando sair ao máximo de casa devido aos protocolos de distanciamento relativos à pandemia.

A escolha pelas entrevistas semiestruturadas se deu pela possibilidade de realizar perguntas abertas e fechadas, deixando as entrevistadas à vontade para discorrer mais livremente sobre os temas. Como explicam Boni e Quaresma (2005): “Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados” (2005, p. 75). Elenquei algumas perguntas previamente, porém, permiti a fluidez das conversas, sempre redirecionando para questões que ainda não tivessem sido respondidas.

Selecionei previamente oito integrantes do coletivo para entrevistar. Optei pelas pessoas mais ativas à época, tanto nos encontros como nas reuniões e nas decisões principais. Para tal, segui indicações de Maria Luiza Borba, coordenadora do coletivo. Por questões de disponibilidade, a única pessoa considerada mestra pelo grupo que poderia dar entrevistas - as demais mestras e mestres estão recolhidos por questões de saúde - seria Maria Mineira, mas quando a procurei disse não se sentir à vontade para tal devido a dificuldades que enfrentava na vida pessoal naquele momento. Utilizei, no entanto, as informações dadas por ela no documentário “Tesouros da Terra: saberes tradicionais e cultura popular”²¹ (2021) do qual participei das gravações.

Por fim, foram 7 pessoas entrevistadas, sendo 6 mulheres e um homem: Maria Luiza B., Maria, Mary, Patrícia, Adélia e Marjorie²². Rafael, a pessoa do gênero masculino mais ativa no grupo. Quase todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, com exceção de Marjorie que mora um pouco mais distante de Lumiar e São Pedro da Serra e, por isso, preferiu realizar a entrevista *online*. Estive presente na casa de Maria Luiza B., Adélia e de Rafael e Maria, que moram juntos. Mary eu encontrei em uma praça de Lumiar e Patrícia me convidou para a casa de uma amiga para que realizássemos a entrevista. Como medida de segurança, as entrevistas foram realizadas ao ar livre ou, em caso de ambientes mais fechados, com o uso de máscara - ao menos de minha parte. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas por mim posteriormente.

²¹ Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LubnhgMhcUg&t=3s>

²² Os nomes reais das e dos entrevistados foram mantidos.

3.1 Revisão bibliográfica

Para responder aos objetivos deste projeto também foi necessária a revisão bibliográfica. Pesquisei por artigos e dissertações publicadas a partir de 2015, no Portal de Periódicos Capes, Google Acadêmico e *Scielo.org*, com as palavras-chave “erveiras”. No campo das Ciências Humanas, muitos trabalhos se relacionam com o trabalho das ervaíras de Ver-o-peso, destacada feira de produtos tradicionais em Belém, no Pará. No periódico Capes encontramos apenas um artigo: “As mulheres ervaíras de ver o Peso” (VIEIRA, 2020). Já no “Google Acadêmico”, mais de 325 trabalhos foram mostrados para o período de 2015 a 2020, apontando a necessidade de refinar a busca. Ciente de que o nome daquelas que trabalham com a manipulação das ervas e plantas medicinais tem variação regional, optei por buscar as palavras-chaves “raizeiras” e “benzedoras”, esta última rendendo muito mais resultados, mas como nenhum deles se relacionava diretamente com a região de Lumiar e Nova Friburgo, foram descartados provisoriamente.

Como o foco da pesquisa é o trabalho com plantas e ervas medicinais, tendo a prática da reza como algo transversal, optei por focar no trabalho com as ervas e com a cultura local. Ao buscar pela palavra-chave “Grãos de Luz” junto da localização “Nova Friburgo”, encontrei a dissertação de mestrado sobre as práticas de cura popular em Lumiar (RIBEIRO, 2010) que estudou alguns dos grupos que unem cultura e saúde na região, dentre eles o próprio coletivo Grãos de Luz. Outras dissertações que se aproximaram do meu estudo são o trabalho etnográfico sobre outro grupo, o “Grãos de Mostarda”, também integrante da Rede Fitovida (RODRIGUES, 2007) e a dissertação de mestrado do programa de pós-graduação EICOS (GALLETI, 2013) que se debruçou sobre o saber-fazer das rezadeiras de Lumiar, algumas delas mestras do Grãos de Luz.

Ao buscar pelas palavras “ecofeminismo”, no campo das Ciências Humanas e Sociais a partir de 2015, destaquei a abordagem a partir da Ecopsicossociologia na pesca artesanal (CARMELA, PINHEIRO, 2019), e ao cruzar “ecofeminismo com “bem viver”, encontrei associações entre “bem viver” e ações latino-americanas (MARIA; LIMA; MARIA; GITANY, 2017). Com o cruzamento das palavras-chave “mulheres”, “plantas medicinais” e “ecofeminismo” destaquei também artigo que aborda a associação das mulheres rurais, saberes etnobotânicos e lutas ambientalistas (VIEIRA, 2020).

A partir desta revisão pude concluir que apesar de um vasto número de pesquisas a respeito de ervas e plantas medicinais e de alguns grupos de erveiras e rezadeiras no Brasil, poucos trabalhos focam na região serrana do Rio de Janeiro, onde se encontra meu campo de pesquisa. Apesar de não ter encontrado nenhuma pesquisa que se centrasse especificamente no Grãos de Luz, me deparei com duas dissertações que mencionam as experiências do coletivo. A dissertação de Ribeiro (2010) traça um pouco da história da “oficina-escola Mãos de Luz”, de onde se originou o Grãos de Luz contribuindo para reconstrução do histórico do coletivo. Já a dissertação de Galleti (2013) focou na dinâmica das mestras e mestres de Lumiar, alguns deles também integrantes do coletivo, contribuindo para a contextualização de minha pesquisa.

Ambas as investigações se distanciam do quadro teórico abordado por mim, já que não trazem ênfase na questão do gênero e noção de cuidado, por estarem mais focadas na abordagem da saúde coletiva e saber-fazer cotidiano respectivamente. As contribuições de Rodrigues (2007) trouxeram informações sobre a Rede Fitovida e suas dinâmicas por se tratar de um trabalho etnográfico sobre outro grupo que, assim como o Grãos de Luz, também integra a Rede. Além disso, as pesquisas acima mencionadas foram realizadas há cerca de 10 anos, sublinhando o hiato investigativo a respeito do desenvolvimento de tais projetos comunitários.

3.2 Participação *online* e *offline*

Pensar neste coletivo, protagonizado por mulheres, a partir de uma ótica comunitária, permite a elaboração dos caminhos éticos da pesquisa participativa. Reconheço, deste ponto de vista, que o grupo já trabalha em direção a uma ação transformadora, tanto no campo individual como coletivo, sem a necessidade de uma intervenção externa, pois, a priori, não existe uma demanda por melhorias das condições sociais por parte do coletivo cujo corpo se compõe por uma maioria de mulheres. Seriam elas, portanto, as interventoras, aquelas que investem seu tempo no resgate de conhecimentos abertos às necessidades da comunidade onde vivem. Cabe à pesquisadora um olhar sensibilizado para compreender e descrever a subjetividade e interação dessas pessoas, como propõe Maria Fátima Quintal de Freitas (2015) em seu artigo a respeito dos desafios éticos nas práticas em comunidade. Em suma, conclui-se que as intervenções psicossociológicas (FREITAS, 2015) realizadas por grupos engajados pela melhoria social de comunidades, principalmente na América Latina, serviram de inspiração à pesquisa embora se reconheça o papel de observadora-participante da

pesquisadora, com o objetivo de não apenas descrever dinâmicas de um grupo, como também compreender e apontar diferentes camadas, interfaces e relações que o circunscrevem.

Na perspectiva de mediação, na qual os símbolos, as práticas e os ritos desse grupo sejam compreendidos dentro de seu contexto histórico e social, a pesquisa visa a propor leituras que possam localizar diferentes motivações, abordando o contexto subjetivo e as estruturas sociais e culturais que permeiam esse coletivo.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, a metodologia de inspiração etnográfica serve aos objetivos desse projeto, portanto, por possibilitar a descrição das dinâmicas desse determinado coletivo. Os dados foram coletados através das entrevistas feitas presencialmente a partir da participação da pesquisadora em encontros realizados pelo coletivo - sob todas as medidas de segurança necessárias devido a pandemia de Covid-19 - e das anotações feitas em campo (*online* e *offline*), bem como documentações que foram analisadas de acordo com o referencial teórico proposto nesta pesquisa.

Se trata de um trabalho de campo, já que estamos trabalhando com um grupo ativo de mulheres. No entanto, devido às restrições trazidas pela pandemia de Covid-19, parte deste trabalho foi realizado remotamente, acompanhando reuniões, cursos e oficinas oferecidas de forma não presencial pelo coletivo. A realização de trabalho de inspiração etnográfica de forma *online* não é vista como fator negativo para esta pesquisa. Atualmente, existem muitas formas de engajamento *online* utilizadas por pesquisadores no campo virtual, como os trabalhos dos antropólogos Daniel Miller (2020) e Christine Hine (2012). De acordo com Miller, ao se propor ser útil para determinado grupo ou comunidade, o pesquisador, enquanto observador participante, estará criando formas de se relacionar com o grupo para produzir a pesquisa que, provavelmente, devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, estará atuando mais tempo *online* (MILLER, 2020). Portanto, atender às demandas desse coletivo foi, a partir da disponibilidade de colaborar, uma estratégia para a pesquisadora se aproximar das atividades e interagir com suas integrantes.

4. Diálogos entre saberes tradicionais, noções de cuidado e Bem Viver

Como já dito anteriormente, a partir do referencial teórico deste estudo, propus um diálogo entre novas possibilidades de encarar a psicossociologia, noções de Bem Viver e a ética do cuidado para refletir sobre modos de existência a partir dos saberes tradicionais.

Neste capítulo, a partir do material coletado, busco responder a minha questão de pesquisa - como se organiza e se propõe modos de existência baseados em outra forma de relação entre natureza e cultura a partir dos resgates de saberes tradicionais - por meio dos seguintes objetivos específicos: (i) descrever a troca de saberes tradicionais estabelecida pelo coletivo; (ii) compreender a relação do protagonismo feminino e a ética do cuidado; e (iii) identificar os sentidos do Bem Viver para as integrantes do coletivo.

Na seção 4.1 apresento o coletivo Grãos de Luz e a forma como se organiza interna e externamente. Para isso, é importante a caracterização das mestras e mestres deste conhecimento tradicional, considerados fundamentais para a existência do coletivo assim como a proposta da partilha de saberes, ação crucial para manter vivo este conhecimento. Ainda nesta seção trago a descrição de três encontros de feitura da pomada milagrosa nos quais realizei trabalho de campo.

Na seção 4.2 discorro a respeito da relação entre o evidente protagonismo feminino no coletivo e as práticas relacionadas ao cuidado e autocuidado. Por se tratar de um coletivo formado por uma grande maioria de mulheres, observei que, embora palavras como feminismo e/ou feminista sejam raras ou quase ausentes na gramática do coletivo, críticas ao patriarcado são traçadas. Pode-se dizer que a temática do cuidado e autocuidado, muito referenciada pela teoria feminista atual, permeia as ações do coletivo em suas práticas e proposições. Estas são exploradas em duas subseções: *Cuidado e solidariedade* na qual a relação entre a noção de cuidado e ações voltadas à saúde comunitária é estabelecida e em *Oficinas de autocuidado* descrevo a realização da primeira oficina de terapias alternativas feita *online* pelo coletivo.

Na seção 4.3 trago noções de comum, comunidade e Bem Viver que permeiam os modos de existência nos quais o coletivo se inspira. Os sentidos de Bem Viver atribuídos por cada integrante são diversos, mas é possível traçar os aspectos convergentes e divergentes desse sentido. Também trago os desafios e dificuldades apontados pelo grupo.

4.1 Troca de saberes tradicionais

O coletivo Grãos de Luz, nascido em Lumiar, região serrana do Rio de Janeiro, é fruto de encontros e trocas de saberes entre suas integrantes, moradoras da região e aqueles a quem reconhecem como as mestras e mestres locais, responsáveis pela transmissão dos conhecimentos a respeito do uso de ervas e plantas medicinais. O grupo está há doze anos contribuindo para a circulação desses saberes populares, dentro e fora do território serrano, ao assumir a missão de registrar, documentar e compartilhar saberes e práticas relacionados aos conhecimentos repassados oralmente pelas mestras e mestres, agindo como espécie de guardião e multiplicador dessa tradição.

O coletivo nasceu em 2009, mesmo ano em que o Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos foi incorporado como política pública pelo Estado brasileiro numa tentativa de integrar saúde coletiva e cultura popular²³. Ao mesmo tempo, políticas públicas do Ministério da Cultura, então gerido pelo artista Gilberto Gil (2003-2008), se voltavam para o fortalecimento da cultura popular destinando investimentos para a instituição dos chamados Pontos de Cultura²⁴. Nesse contexto, um projeto já existente na região de Lumiar, do qual nasceu o Grãos de Luz, a “Oficina-Escola As Mãos de Luz”²⁵ realizou, enquanto Ponto de Cultura, o Projeto “Os Tesouros da Terra: nossa gente, rezas, ervas e danças” que entre os anos 2011 e 2015 produziu diversos trabalhos de documentação de cantos, danças e saberes locais, gravando, inclusive, “o CD Danças da Terra e do Mar, com músicas folclóricas e regionais, algumas com autorias de moradores da região” (RIBEIRO, 2014). Tais ações contribuíram para o fortalecimento do grupo Grãos de Luz, que expandiu sua capilaridade local.

Marjorie (em depoimento dado à pesquisadora em 15/09/2021), fundadora e coordenadora do Ponto de Cultura Sobrado Cultural Rural, localizado na região de Santo

²³ O governo federal aprovou a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Lançado em 2009, o plano visa integrar “políticas públicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social como um dos elementos fundamentais de transversalidade na implementação de ações capazes de promover melhorias na qualidade de vida da população brasileira” (http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_plantas_mediciniais_fitoterapicos.pdf Acessado em 24/10/2020).

²⁴ Pontos de Cultura são ações implementadas em comunidades, urbanas ou rurais, que trabalham com diferentes aspectos culturais visando gerar algum tipo de impacto socioambiental. Foram pensados como parte do programa Cultura Viva ligado ao Ministério da Cultura, em 2009.

²⁵ De acordo com o próprio site, “a Oficina-Escola As Mãos de Luz é uma associação sem fins lucrativos, localizada em Lumiar, distrito de Nova Friburgo, que busca alternativas de cultura, educação, arte, lazer e integração social para as comunidades locais e adjacências, valorizando as raízes culturais e as riquezas ambientais da região”. (<http://www.asmaosdeluz.com.br/> acessado em 24/10/2020)

Antônio, cerca de 14 km de Lumiar, conta que a “Oficina-Escola As Mãos de Luz” era um ponto de cultura parceiro, um espaço de referência na busca dessas tradições e, com o projeto “Tesouros da Terra: Nossa gente, nossas rezas e danças”, trabalhou na realização de oficinas de dança e na publicação de um livro. Nesse movimento surge o Grãos de Luz, mais focado nos conhecimentos sobre as ervas e plantas medicinais e na identificação de mestras e mestres desses saberes. Ela lembra que o Grãos nasce de uma institucionalidade, estando atrelado ao Ponto de Cultura, mas logo se desvencilha para se tornar um coletivo autônomo.

Esse trabalho do grupo de erveiras de Lumiar está articulado a uma rede maior que atua em diversas cidades da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro: a Rede Fitovida. Existente desde o ano 2000, a Rede reúne diversos grupos comunitários, distribuídos em 26 Municípios que trabalham com o resgate e uso dos saberes fitoterápicos²⁶ e são geralmente protagonizados por mulheres. O grupo Grãos de Luz, que na época ainda não se autodenominava coletivo, se associou em 2011 à Rede, como explica Ribeiro: “A coordenadora do ponto, Maria Luiza Borba, avaliou que seria interessante tanto para os mestres populares de sua localidade, como para os participantes da oficina, a integração com uma rede onde eles pudessem conhecer outros agentes e trocar experiências” (RIBEIRO, 2014, p. 103).

A Rede Fitovida surgiu a partir da formação de grupos, especialmente nas regiões periféricas do estado do Rio de Janeiro, que buscavam atender as demandas das comunidades locais (RODRIGUES, 2007). A partir de um primeiro encontro, alguns integrantes sentiram a necessidade de fortalecer a articulação e comunicação entre eles “com o objetivo de reunir as diferentes experiências e refletir sobre o trabalho desenvolvido nos grupos” (ibidem, p. 29). Desde então, a Rede busca articular ao menos dois encontros anuais nos quais compartilham suas experiências e atualizam suas práticas. Uma cartilha²⁷ de princípios foi lançada em 2001 durante o segundo “Encontrão”, em Duque de Caxias, no qual lançaram seus princípios e afirmaram seu compromisso com o trabalho voluntário de salvaguardar os saberes sobre plantas e ervas medicinais.

²⁶ De acordo com o manual “Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica” lançado pelo Ministério da Saúde em 2012, a fitoterapia se refere aos conhecimentos e usos feitos de medicamentos cujos “constituintes ativos sejam plantas ou derivados vegetais, e que tem a sua origem no conhecimento e no uso popular”.

https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf Acessado em 14/01/2022.

²⁷ Uma cartilha atualizada com os princípios da Rede pode ser acessada em:

https://7785188f-e350-41c5-9513-439b7913a1ba.filesusr.com/ugd/cf24ac_66c8a589beaa4bd685d858cbb70d731e.pdf

No site da Rede Fitovida consta que: “Os grupos, em sua maioria, são formados por mulheres, idosas, vindas de várias regiões do país, com baixa escolaridade e poucos recursos financeiros, mas com conhecimento na identificação e no uso tradicional das plantas medicinais” (REDE FITOVIDA). O Grãos também é formado por uma maioria de mulheres e homens²⁸ de meia idade: 80% têm entre 50 e 70 anos. Enquanto apenas 20% estão na faixa etária entre 20 e 35 anos. Já em relação a renda, o perfil das integrantes se distancia um pouco em relação à maioria das participantes da Rede Fitovida. No Grãos de Luz, 6 das 7 integrantes entrevistadas para esta pesquisa poderiam ser consideradas de classe média, ou seja, possuem renda mensal familiar acima de três salários-mínimos, se encaixando na classe C, de acordo com critérios de classificação do Instituto Locomotiva (2021)²⁹.

A associação à Rede Fitovida ocorreu em 2011, contudo, a história do coletivo Grãos de Luz está conectada à esta Rede desde sua fundação. Como relata Maria Luiza B., uma das representantes da Rede na região serrana, Suzana Nogueira teve papel fundamental no primeiro encontro realizado junto das mestras e mestres, articulando a presença de muitos e muitas delas. De acordo com Maria Luiza B., essa proximidade com a rede Fitovida “foi o grande esteio para que encontrasse ali um apoio, né. Por que uma organização que pega todo estado do Rio de Janeiro, movimento social gigantesco com experiência, na época, de mais de 10 anos. Para nós daqui, foi um grande presente, que aí é só beber da fonte, né?” (Maria Luiza B.; depoimento dado à pesquisadora em 18/08/2021). A proposta de intercâmbio constante com outras comunidades e grupos é também uma prática muito comum na Rede Fitovida. Além de reunir comunidades de 26 municípios do Rio de Janeiro, entre zonas urbanas centrais, periféricas e rurais, a Rede realiza “Encontrões” anuais, promovendo intercâmbios entre diferentes grupos filiados.

Maria Luiza B. explica as diferenças de nomenclaturas entre a rede Fitovida e o coletivo Grãos de Luz para se referir aos detentores de todo esse conhecimento. Ao invés de mestras e mestres, na Rede utilizam “referências culturais”. Ela diz não gostar, pois o termo “referência” lhe lembra algo inerte, como “palavras em livros”. Já mestres e mestras representam a materialização, uma espécie de encarnação desses saberes. Aqueles que trabalham pela preservação desse conhecimento são chamados na rede Fitovida de “agentes

²⁸ Até o momento de encerramento do texto desta dissertação, constava apenas um homem no núcleo principal do coletivo, Rafael, no entanto, o Grãos de Luz conta com outros colaboradores do gênero masculino que serão citados mais adiante.

²⁹ Critério de classificação de classes sociais elaborado pelo Instituto Locomotiva:

<https://csb.org.br/noticias/classe-media-encolhe-na-pandemia-e-ja-tem-mesmo-tamanho-da-classe-baixa>

Acessado em 21/01/22

do conhecimento tradicional”, enquanto, no coletivo, optou-se por “aprendizes do conhecimento tradicional”. Já no documentário “Tesouros da Terra: saberes tradicionais e cultura popular” (2021), Maria Luiza B. utiliza uma metáfora para explicar os diferentes papéis dentro do grupo. As mestras e mestres, aqueles que detêm o conhecimento tradicional, representam as raízes do Grãos de Luz. No núcleo estariam “aquelas pessoas que querem zelar e manter vivo esse conhecimento e têm atuações precisas para que isso não deixe de existir”. Outra parte desse coletivo seria “os amigos dos grãos”, aqueles e aquelas que se aproximam com intuito de trocar conhecimentos com o núcleo principal (TESOUROS DA TERRA, 2021). A Rede Fitovida representaria a “Rede Mestre”, responsável por repassar a receita da pomada milagrosa ao coletivo (ibidem).

Apesar das diferenças de usos nas nomenclaturas e do perfil socioeconômico das participantes, a Rede Fitovida e o coletivo Grãos de Luz possuem propósitos semelhantes, o que os conecta bastante. Busca-se estabelecer parcerias e trocas com certa constância. Isso ficou evidente quando fui acompanhar o coletivo na feitura da pomada junto da Associação Grupo Cultural Orgulho Negro (GRUCON), de Cachoeiras de Macacu. Na ocasião, conheci Maria Luiza S. (depoimento dado à pesquisadora em 6/11/2021), integrante da Rede Fitovida que nos acompanhou a convite do coletivo. Ela é nora de Dona Tiana, uma das mestras que inspira o Grãos de Luz. Moradora de um distrito de Nova Friburgo, me mostrou fotos de seu quintal adornado por ervas e plantas, instalado em um espaço bem íngreme, do qual cuida sozinha. Também mencionou bastante as colegas da Rede Fitovida, especialmente Dona Eurídice, que possui seu consultório de atendimento ornado com prateleiras e mais prateleiras de remédios caseiros em Teresópolis, município da região serrana do Rio de Janeiro. Durante nossa conversa, percebi o apreço pela rede da qual faz parte. Junto da rede Fitovida fez amizades e trocou diversos saberes, participando, inclusive, de alguns dos encontros realizados em outras cidades. A sua conexão com o Grãos de Luz parece ser importante para o coletivo que busca manter contato constante com as demais participantes da rede.

A história do Grãos de Luz, acessada por meio de entrevistas, relatos e documentos impressos e digitais, demonstra que o coletivo tem atuado, ao longo dos anos, em busca de articulações em rede e formação de parcerias. O intercâmbio de saberes, realizado através de encontros e oficinas com outros grupos de saúde comunitária e movimentos sociais, colabora para essa expansão, permitindo que o coletivo não atue de forma hermética, se fechando apenas entre suas integrantes, mas sim, oferecendo seus conhecimentos aos de fora e expandindo os aprendizados de suas próprias integrantes.

Para identificar o que o coletivo Grãos de Luz considera conhecimento tradicional é necessário compreender quem são as pessoas consideradas aptas a transmitir esses saberes, geralmente repassados de geração em geração. Como apontado acima, existem pessoas consideradas mestras e mestres desse conhecimento. São elas as responsáveis por transmitir aos aprendizes como se preparam remédios caseiros, quais as palavras de determinada reza ou qual o poder de cura de cada planta e erva medicinal. No percurso dessa pesquisa pude identificar quais são as e os principais mestras e mestres da região de Lumiar, assim eleitas e eleitos pelo próprio coletivo e como as integrantes do coletivo enxergam a possibilidade de também serem ou se tornarem mestras.

4.1.1 Mestras, Mestres e os ciclos

Era dia 23 de outubro de 2021. Cheguei na casa de Maria Luiza B. em Lumiar, cerca de 9h da manhã. Uma mesa de café já estava posta. Colocamos parte de nossa contribuição para o lanche. Maria Mineira, a única mestra que ainda acompanha o Grãos em seus encontros, também estava presente. Os mestres Seu Lédio e Dona Tiana se encontram com problemas de saúde. Falarei mais a frente sobre eles. Conversamos sobre a palestra de Nêgo Bispo, que Maria Luiza B. havia assistido no dia anterior. Bispo, aquele que traz para o ambiente acadêmico a importância de valorizarmos o conhecimento e saberes das mestras e mestres tradicionais (SANTOS, 2015). Aliás, são os mestres e mestras desses saberes que guiam o trabalho do coletivo Grãos de Luz, de quem receberam esta alcunha.

Mas afinal, o que torna alguém mestra ou mestre do conhecimento tradicional e popular? Importante ressaltar as motivações para o coletivo atribuir às erveiras, aos erveiros e às rezadeiras e aos rezadores locais, o título de mestras e mestres dos saberes tradicionais. Isso se deu, primeiramente, num movimento de reconhecimento e valorização do trabalho que prestavam à comunidade há anos, sem pedir nada em troca. Ademais, o título de mestra ou mestre abre caminho para que também atuem como transmissores desses saberes e práticas fora de seu núcleo familiar.

A partir da pesquisa bibliográfica e documental realizada em material impresso e audiovisual produzido pelo coletivo Grãos de Luz e a realização de entrevistas com suas integrantes, destacamos seis principais mestras e mestres que inspiram e guiam suas práticas. Três delas e deles já são falecidos: Dona Maria do Socorro (1940-2015), Dona Hilda (1937-2017) e Seu André (1935-2020). Dona Maria do Socorro veio de Suaçuí Pequeno, Minas Gerais, depois de enfrentar a seca. Era especialmente conhecida pelo xarope natural antigripal que produzia, além de ser profunda conhecedora das plantas e ervas medicinais.

Trabalhou como empregada doméstica, plantava de tudo. Foi merendeira na escola por quase 30 anos. Dona Hilda era rezadeira, erveira e parteira. Também conhecida por sua habilidade na dança e xote de roda³⁰. Trabalhou no roçado por 55 anos e foi professora de uma escola rural onde alfabetizou muitos alunos.

Seu André era conhecedor das ervas, contador de histórias, filho de pai cantador e mãe parteira. Ainda estão na Terra: seu Lédio, nascido em 1937, gosta de ser chamado de Tio Lédio. Além das plantas e ervas, é conhecedor das diferentes espécies de pássaros. É também contador de histórias e rezador. De família de músicos, tocava acordeão e junto de seus irmãos faziam serenatas pelo vilarejo.

Maria das Graças Alves, é conhecida como Maria Mineira, nascida em 1956, no interior de Minas Gerais, assim como Dona Maria do Socorro. Aprendeu com a mãe a identificar plantas e ervas boas para chás medicinais. Cultiva, atualmente, em Lumiar, flores e plantas medicinais no quintal de sua casa que serve, inclusive, como espaço de coleta para o coletivo.

Sebastiana Campos, mais conhecida como Dona Tiana, mora um pouco mais distante, no município vizinho de Trajano de Moraes e por isso não aparece tanto no relato dos encontros como as demais mestras e mestres localizadas(os) em Lumiar. Isso não diminui a inspiração que traz ao coletivo. Conhecedora das ervas e jongueira³¹, Tiana traz as memórias dos tempos das rodas de Caxambu³². Trabalhou como “panhadeira de café”³³ durante 64 anos. Era a trabalhadora da fazenda que mais colhia café nas fazendas da região onde mora. Sua nora, Luiza, me mostrou uma fotografia de Dona Tiana quando nos conhecemos durante umas das feitura de pomada milagrosa. Ela perdeu a visão e agora não consegue fazer muitas coisas sozinha além de já estar em idade avançada.

Pode-se encontrar os perfis destes mestres e mestras em um material produzido pelo coletivo com intuito de homenagear e fazer circular os saberes daqueles que inspiraram o Grãos. São 5 livretos, elaborados em 2011, impressos em formato quadrado, na capa, uma arte com o rosto da mestra ou mestre em gravura, lembrando a estética da literatura de cordel. As

³⁰ Ritmo e dança realizados, geralmente, em dupla, muito comum nos forrós. Tem origem na polca escocesa, mas foi apropriado pelas pessoas escravizadas e ganhou novos contornos, ao ser incorporado pela cultura popular tradicional.

³¹ O Jongo é uma expressão cultural popular afro-brasileira. Integra, a dança, o canto e o som de tambores. Praticado por pessoas escravizadas de origem bantu, é visto como uma manifestação de resistência:

<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/6924/conheca-a-historia-do-jongo-batuque-afro-brasileiro> acessado em 05/12/2021

³² Caxambu é nome de um dos tambores utilizados no Jongo e também pode se referir à própria prática cultural.

³³ Expressão utilizada no livreto dedicado a contar um pouco da história de Dona Tiana produzido pelo próprio coletivo.

mestras e mestres homenageados nestes são: Dona Hilda, Seu André, Dona Socorro, Dona Tiana e Seu Lédio. Cada livreto apresenta um pouco de cada mestra ou mestre através de suas histórias, contadas por eles mesmos, suas receitas de remédios caseiros e algumas poesias e músicas que os representam.

FIGURA 2: Livretos das mestras e mestres produzido pelo coletivo Grãos de Luz



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Patrícia Guedes, uma das mais antigas integrantes do coletivo, ressalta que todas mestras e mestres mantinham e mantêm quintais curativos: “eles preservavam essas espécies e cultivavam outras” (TESOUROS DA TERRA, 2021). Isso se deu, em parte, para preservar as ervas nativas da expansão do uso de venenos que passaram a ser utilizados na agricultura local.

Quando as mestras e mestres, Dona Socorro, Dona Hilda e Seu André ainda estavam neste mundo, e Seu Lédio e Dona Tiana ainda bem de saúde, eram eles e elas encarregados de levar as plantas e ervas de seus próprios quintais para a feitura das pomadas. Traziam junto

das suas histórias, receitas, rezas e todo conhecimento do potencial curativo da natureza. São os mestres e mestras desses saberes que guiam o trabalho do coletivo Grãos de Luz.

Maria Luiza B. (em depoimento dado à pesquisadora dia 18/08/2021) conta que o coletivo só existe por causa delas e deles. Foi em 2009 quando ainda atuava junto da iniciativa da “Oficina-Escola As Mãos de Luz”, que iniciou a busca por estes que, segundo ela, são “as grandes fontes inspiradoras, os senhores da medicina popular e a grande fonte”. São, de acordo com a maioria dos integrantes do coletivo Grãos de Luz, os que conhecem os ciclos da lua e sua relação com a terra, sabendo a melhor hora de semear e colher. Segundo Maria Luiza B., ela própria não poderia ser uma mestra, afinal nasceu na cidade grande e afirma que mesmo estudando todos esses anos, não poderia ter o mesmo olhar e a mesma sabedoria de quem desvenda no movimento dos insetos um fenômeno natural. Exemplificou esse olhar a partir de uma interação que teve com um morador antigo de Lumiar. O senhor teria conseguido detectar a passagem de um gambá por um determinado local ao identificar as garras do animal num tronco de uma árvore.

O homeopata Rafael (em depoimento dado à pesquisadora no dia 23/08/2021), um dos poucos homens ativos no coletivo, pensa como Maria Luiza B.. Para ele, por mais que pessoas vindas das cidades busquem por esse conhecimento tradicional, sem o ter adquirido de geração em geração, sempre terão um outro olhar. Para Maria Luiza B. o título de mestre e mestra é geralmente conferido pelos que vieram de fora em busca desse conhecimento, como no caso, ela mesma e os e as demais integrantes do Grãos:

São aquelas pessoas que a vida toda vieram desenvolvendo esse conhecimento, conhecimento recebido através dos pais, parentes, avós, dos tataravós. Então, é um conhecimento que vai passando de geração para geração, né? Que hoje se chama, a sabedoria ancestral, eu já falo que são heranças divinas que os povos do mundo inteiro receberam, muitos até hoje, por exemplo, como aqui também, no Brasil inteiro (depoimento dado à pesquisadora no dia 18/08/2021)

Essa definição do que seriam mestras e mestres da sabedoria tradicional é compartilhada pelas integrantes do coletivo. Questionadas, todas citaram características como a ancestralidade e o conhecimento passado oralmente de geração em geração. Patrícia ressalta que mestras e mestres são aqueles que “utilizam o poder da natureza para curar”, no entanto, diferente de algumas de suas colegas, ela acredita que qualquer pessoa que busque esse conhecimento de forma aprofundada pode se tornar um mestre ou uma mestra:

Eu acredito que todo mundo pode se tornar mestre, entendeu? Só tem que estar percorrendo um caminho e eu acredito que o propósito do Grãos é justamente primeiro, semear, né? Para que possa nascer, né, brotar, fazer brotar plantinhas, que cheguem a serem mestras, que amadureçam, né? Porque tudo tem um ciclo, a erva tem um ciclo, a árvore tem um ciclo, mas tudo nasce, cresce e se reproduz. Então é

isso, nós no grupo, a Luiza, já é uma mestra, então assim (...) claro qualquer um pode chegar a esse título, qualquer um, é só você respeitar a natureza, usar a natureza né, para se curar e passar esse conhecimento. Esse é o papel do mestre. (Patrícia, depoimento dado à pesquisadora dia 29/09/2021)

Patrícia é bióloga e traz a inspiração de sua carreira em sua fala a respeito dos ciclos da vida. Assim como ela, sua colega Mary, também bióloga, compartilha desse entendimento de que qualquer pessoa pode se tornar mestra caso percorra um caminho no qual busque aprimorar seus conhecimentos. Marjorie (depoimento dado à pesquisadora no dia 15/09/2021), integrante do Grãos de Luz desde sua fundação, também reforça esse papel de mestra atribuído à Maria Luiza B. por ser uma liderança na preservação desses saberes. Ela entende que mestra e mestre não é necessariamente aquele que nunca erra, e sim alguém cujo conhecimento deve ser valorizado. Mary (depoimento dado à pesquisadora no dia 27/08/2021) acredita que todo mestre é também um aprendiz e, por isso, não existe a necessidade de ser uma pessoa mais velha e estar sempre no lugar de autoridade. O importante, segundo ela, é estar disposta a aprender com os outros, inclusive, com os mais jovens.

O interesse das novas gerações em relação a esse conhecimento também é uma preocupação para o coletivo. De acordo com a maioria das integrantes, esse interesse vem diminuindo cada vez mais. Isso fica explícito na fala de Rafael:

a galera não tá interessada nem nas ervas, na terra, né. E é muito doido que a galera por exemplo tá aqui né, em Lumiar. A gente vê que a geração que tá interessada nas ervas é uma galera que nasceu na cidade grande, classe média, que vem buscar de ter contato com a natureza e de aprender sobre ervas, mas não é a galera que historicamente, o conhecimento foi passado de geração para geração. Eu vejo um grande desinteresse, interesse em coisas banais. (depoimento dado à pesquisadora em 23/08/2021)

Apesar de lamentar o desinteresse pelos saberes das ervas, plantas e rezas, por parte das novas gerações, Rafael não acredita que seja possível nomear como mestra e/ou mestre alguém que não nasceu no contexto de uma família que traga essa tradição. Ele reconhece, contudo, a importância da existência de grupos que trabalhem pela preservação destes saberes.

Ao mesmo tempo que o desinteresse de novas gerações de Lumiar pelos saberes tradicionais sublinha a importância de grupos como o Grãos de Luz para a preservação deste conhecimento, também desenha a possibilidade de, em um futuro próximo, não existirem mais mestras e mestres enquanto pessoas originalmente da roça, que aprendem esses saberes com seus pais, mães e avós. Como foi relatado acima, para algumas integrantes do coletivo,

é possível nomear como mestra ou mestre pessoas não nascidas originalmente em uma família de erveiras, erveiros, rezadores e rezadeiras. Algumas, inclusive, já se consideram mestras. Para outras, trabalhar com esse conhecimento é importante, mas não seria adequado nomear de mestra ou mestre pessoas vindas de contextos urbanos ou sem laços familiares com aqueles que são os detentores dessas tradições.

A partir desses relatos e debates fomentados a respeito do que torna alguém mestra ou mestre do conhecimento tradicional dentro do coletivo Grãos de Luz, verifica-se que não há um consenso. Se por um lado, boa parte de suas integrantes valorizam e ressaltam o conhecimento hereditário a respeito das ervas e plantas medicinais, por outro, outras integrantes reconhecem que o caminho para se tornar mestra ou mestre pode também ser trilhado por qualquer pessoa interessada. Isso se evidencia quando se referem à Maria Luiza B.. Algumas integrantes a consideram uma mestra, embora não tenha nascido em Lumiar e nem herdado o conhecimento sobre ervas e plantas medicinais através de sua linhagem familiar. Cabe lembrar que a alcunha de mestra e mestre foi dada às erveiras, erveiros, rezadeiras e rezadores de Lumiar e arredores pelo próprio coletivo. Isso os trouxe para outro patamar em relação aos seus saberes e práticas, pois além do trabalho de cura atendendo à comunidade, passaram também a ensinar. O conhecimento tradicional deixa de ser repassado apenas para seus descendentes e passa ser compartilhado com pessoas que tenham o interesse de aprender.

Os trabalhos do coletivo são conectados às práticas e, por isso, necessitam estar em permanente uso e transmissão. Há a preocupação de que as novas gerações, mais especificamente descendentes dos mestres e mestras, não demonstrem interesse em trabalhar com esses saberes, o que é apontado como desafio para o coletivo. Uma solução para esta questão, feita por algumas integrantes, é a possibilidade de que pessoas vindas de contextos não rurais, assim como aquelas que não tenham aprendido esses saberes hereditariamente, como no caso das integrantes do Grãos de Luz, possam se tornar mestras. Isso traz um possível impasse para as integrantes do coletivo, já que nem todas concordam com essa possibilidade. Não percebi, durante a pesquisa de campo, que essa divergência incite conflitos dentro do grupo. Já existe uma discussão a respeito de como se intitulam no universo dos conhecimentos tradicionais. Abordarei com mais detalhes como se colocam diante destas diferentes visões na seção 4.3.

4.1.2 Partilha de saberes

Uma importante característica do coletivo é o partilhar, ou seja, a realização de troca de saberes com outros grupos comunitários, estabelecendo pontes entre diferentes fontes de conhecimento e perspectivas a respeito do que chamamos “natureza”, reproduzindo uma “arte de compor mundos” (SZTUTMAN, 2019, p.86). As trocas “entre os mundos” não se estabelecem apenas de maneira endógena, entre o coletivo e as mestras e mestres - geralmente pessoas locais que trazem esses conhecimentos repassados oralmente por seus pais, mães e avós.

Tais trocas também não ocorrem somente durante encontros organizados pela Rede Fitovida. Existem momentos em que o próprio Grãos de Luz realiza encontros fechados entre as integrantes, quando cada um/uma compartilha seus conhecimentos específicos, que podem vir da sua formação ou da sua experiência de vida e estudo independente. Outra fase em que essa troca ocorre é quando o coletivo compartilha seus conhecimentos e aprendizados com pessoas de fora, interessadas em saber mais a respeito dos fitoterápicos, da feitura da pomada milagrosa³⁴ e dos cantos e rezas repassados pelas mestras e mestres da região de Lumiar e arredores. Cabe ressaltar que esses diferentes momentos de trocas não ocorrem necessariamente de forma isolada. Podem acontecer simultaneamente, inclusive todos ao mesmo tempo. A pesquisadora Palmira Ribeiro descreveu como os rituais dos encontros, chamados de Encontros das Ervas, eram realizados entre 2013 e 2014.

ocorre com a presença dos quatro mestres, na residência de um membro do grupo da Oficina-Escola. Cada participante leva um fardo de erva medicinal que conheça, geralmente, colhido em seus próprios quintais ou encontrado na mata próxima. Na residência anfitriã, os fardos são expostos sobre uma grande mesa, iniciando-se uma catalogação das mesmas e suas utilizações medicinais. Os mestres apontam, uma a uma, o nome vulgar da planta, as doenças que cura e sua utilização (se em forma de chá, tintura, incenso etc.), enquanto um dos participantes faz as anotações em um caderno (RIBEIRO, 2014, p. 80).

Essa dinâmica, no entanto, já sofreu modificações. Sete anos após este relato publicado em uma dissertação de mestrado (ibidem), alguns e algumas das principais mestras e mestres já não estão mais vivas ou vivos. Outras e outros se encontram com a saúde debilitada devido a idade avançada. A maioria dos encontros atuais acontece entre as integrantes do Grãos de Luz, os “amigos dos Grãos” e convidados, é aberto a qualquer pessoa interessada e possui uma dinâmica itinerante, já que estes são realizados na casa dos próprios integrantes revezadamente

³⁴ Abordarei especificamente o tema da pomada milagrosa na seção 4.1.3

Maria Luiza B. (em depoimento dado à pesquisadora no dia 18/08/2021) me relatou a respeito do primeiro encontro realizado pelo Grãos de Luz, 12 anos atrás, para ser mais exata, no dia 26 de agosto de 2009. Ocorreu, na casa do seu Lédio, a escolha pelo local que se deu pela importância que a casa do mestre tem para a comunidade enquanto um espaço de referência e acolhimento para os que precisassem. Muitos foram convidados, entre mestras e mestres conhecidos na região e pessoas interessadas em seus conhecimentos. Nem todos puderam chegar.

A mobilidade não era fácil entre uma vila e outra. Ainda assim, Seu André e Dona Hilda estavam presentes, receosos e um pouco desconfiados a respeito do propósito daquela reunião. Foi quando um acontecimento curioso mostrou o que viria desse encontro. Uma moça chega com seu bebê nos braços na busca por curá-lo de “vento caído”. Este é um termo popular utilizado para quando bebês estão moles e pálidos e tem esse nome porque mais precisamente a cabeça da criança cai ao pegá-la no colo. De acordo com crenças populares, isso pode ocorrer devido a um susto pelo qual a criança passa. Dona Hilda estava lá. Era uma rezadeira conhecida especialmente pela sua conexão com as crianças. Mas não estava em sua casa. Era casa de Seu Lédio, também rezador. Maria Luiza B. ficou apreensiva, mas logo observou como a dupla sabiamente soube lidar com a situação. Após uma breve conversa chegaram a um consenso. Fariam três rezas para que a mãe não precisasse voltar três dias seguidos com a criança no colo. Dona Hilda rezou a primeira, logo depois seu Lédio a segunda e Dona Hilda fechou, com a última reza. Maria Luiza B. aquietou o coração: “estamos no caminho certo” (depoimento dado à pesquisadora no dia 18/08/2021).

Atualmente a única casa de uma mestra na qual o coletivo se reúne é na casa de Maria mineira. Ela mantém com vigor seu quintal em Lumiar cheio de ervas e plantas curativas. Maria mineira foi quem recebeu a equipe de filmagem do documentário “Tesouros da Terra: Saberes Tradicionais e Cultura Popular”, realizado em abril de 2021, ainda sob restrições e protocolos de segurança. O filme foi fruto de uma premiação da Lei Aldir Blanc³⁵, política pública emergencial para garantir fundos para a área de cultura, muito prejudicada com a pandemia. Ela é a única mestra que deu entrevista para o documentário. Conta que chegou de Minas Gerais, assim como a falecida Dona Socorro, mestra erveira famosa pelo seu xarope feito com erva-passarinho, assa-peixe e tansagem, dentre outras ervas curativas.

³⁵ Para mais informações sobre a aplicação da Lei Aldir Blanc em Nova Friburgo - RJ, acesse: https://www.pmnf.rj.gov.br/noticiasView/499_Recursos-da-Lei-Aldir-Blanc-sao-liberados-para-Nova-Friburgo.html

A casa de Maria é atualmente um dos quintais curativos do Grãos. Os outros ficam na casa de alguns participantes, como de Maria e Rafael, em Macaé de Cima e no sítio Recreio de Patrícia Guedes localizado em Boa Esperança. O mais distante e de mais difícil acesso, é o sítio Pedra Vermelha, de Diva, integrante do coletivo de longa data. A existência dos quintais curativos garante o acesso permanente às ervas e plantas medicinais utilizados na pomada milagrosa e nas tinturas. Algumas são mais espontâneas e podem ser encontradas facilmente pela paisagem cotidiana de Lumiar e arredores. Outras, são mais raras. Além disso, o cultivo das plantas e ervas é parte das dinâmicas do coletivo, preservando o hábito das mestras e mestres de manterem seus próprios quintais. É uma forma de garantir o acesso quando precisarem, sem o risco de contaminação por agrotóxicos - até porque nem todas as pessoas integrantes do Grãos de Luz podem manter seus próprios.

O estabelecimento de parcerias permite a realização das partilhas de saberes, fundamentais para o trabalho do coletivo que, assim como a rede Fitovida, atua comunitariamente. Outra parceria importante para o coletivo é junto do Ponto de Cultura Sobrado Cultural Rural. A coordenadora deste Ponto e também integrante do coletivo, Marjorie (depoimento cedido no dia 15/09/2021) contou que a cooperação com o Grãos de Luz se estabeleceu desde o início da formação do coletivo. Ela e o companheiro Claudio sempre acompanharam os encontros e assumiram por muito tempo a tarefa de registro e documentação. Ambos sempre trabalharam com a preservação do patrimônio cultural.

Antes de chegar a Lumiar, Marjorie atuou na Brasil Memória em Rede³⁶ que reunia diversas organizações do estado do Rio de Janeiro, e por isso, já conhecia Maria Luiza B. de alguns encontros. Ela disse que a conexão com o trabalho da “Oficina-Escola As Mãos de Luz” e posteriormente com o Grãos, foi natural. O Ponto estabelece uma parceria constante do coletivo, estimulando trocas e realizando ações e eventos. A parceria foi fundamental nas ações realizadas durante a pandemia de Covid-19, como a distribuição de cestas de autocuidado e os cursos de terapias caseiras que abordarei melhor na seção 4.2.

4.1.3 Pomada milagrosa: a artesanía medicinal dos encontros

A Pomada Milagrosa é um remédio caseiro artesanal. Produzido por diversas comunidades e grupos rurais e urbanos de todo país, sua base são as ervas e plantas medicinais. É recomendada para artrose, unha encravada, problemas de pele, dores

³⁶ Projeto de uma rede de memória intersetorial no Brasil que nasce em 2003 e em 2008 se torna Pontão de Cultura:

<https://acervo.museudapessoa.org/pt/entenda/portfolio/publicacoes/tematicas-diversas/brasil-memoria-em-rede-um-novo-jeito-de-conhecer-o-pais-2010>

musculares, queimaduras etc. Cada grupo ou comunidade possui uma forma específica de preparo. A Rede Fitovida organiza, periodicamente, oficinas para ensinar a fazer a pomada. O coletivo Grãos de Luz aprendeu sua feitura com a Rede e adicionou ao seu modo de fazer rituais próprios de cantos e rezas, muitos deles apreendidos com as mestras e mestres da região de Lumiar. A feitura da pomada milagrosa é um dos principais trabalhos realizados pelo Grãos de Luz atualmente.

É a partir de encontros realizados periodicamente que o coletivo se reúne, nem sempre na presença dessas mestras e mestres, para trocar e transmitir o que vêm aprendendo e desenvolvendo desde 2009. São produzidos remédios naturais, como pomadas, tinturas e homeopantias, cuja matéria-prima são as ervas e folhas locais.

O processo de feitura dos chamados remédios caseiros segue um ritual próprio, inspirado nos cantos e rezas repassados pelas mestras e mestres. Nesses encontros, durante a preparação dos remédios, canções embalam a busca pelas plantas nos quintais medicinais e rezas são feitas antes de iniciar todo o ciclo. Essa maneira própria de preparar os remédios, desde o processo de colheita das ervas medicinais até sua embalagem para distribuição, difere muito da forma como a medicina ocidental moderna produz seus fármacos. Não entraremos aqui no embate de legitimidades entre medicina popular e medicina hegemônica e tampouco questionar a eficácia das mesmas.

A feitura da pomada proporciona atualmente a maioria dos encontros do coletivo, sejam internos ou junto de outros grupos interessados em aprender como fazê-la. Devido às restrições da pandemia de Covid19, no ano de 2021, no qual realizei o trabalho de campo desta pesquisa, os encontros presenciais ocorreram com um número reduzido de pessoas, além de serem menos frequentes.

Estive presente em quatro momentos da feitura da pomada milagrosa, dos quais três³⁷ enquanto observadora participante. Os descrevo em seguida, pois são fundamentais para a compreensão da transmissão dos saberes tradicionais valorizados pelo coletivo: o primeiro, ocorreu apenas entre as integrantes do coletivo em São Pedro da Serra, distrito vizinho de Lumiar; já o segundo no Assentamento Visconde em Casimiro de Abreu, onde vivem algumas integrantes do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação de Agroecologia Serramar (GT Mulheres Serramar); o terceiro foi realizado em Cachoeiras de Macacu, no espaço da Associação Grupo Cultural Orgulho Negro (GRUCON). Os dois últimos foram propostas de

³⁷ No primeiro encontro que estive presente, assumi o papel de assistente de filmagem do documentário “Tesouros da terra: saberes tradicionais e cultura popular” realizado em abril de 2021 e não havia iniciado meu trabalho de campo efetivamente.

intercâmbio de saberes no qual o coletivo oferece oficinas para outros grupos comunitários, portanto, encontros abertos às pessoas de fora. As descrições destes eventos demonstram como o coletivo elabora suas dinâmicas e expõe o caráter híbrido e inventivo de seus rituais.

As práticas das mestras e mestres têm muitas expressões religiosas. “Pai Nosso” e “Ave Maria” estão sempre presentes no repertório dos rezadores. No entanto, são geralmente misturadas a cantos e/ou versos da cultura popular. Não à toa o Grãos de Luz surge de uma oficina-escola que buscava preservar e valorizar este tipo de manifestação cultural, pesquisando inicialmente, os cantos e danças populares da região.

Podemos dizer que os rituais que acompanham os fazeres do coletivo não estão alinhados a nenhum dogma ou religião pré-existente, são como reinvenções pois não reproduzem nenhum ritual específico, criando seus próprios, a partir da mistura de elementos simbólicos e ritualísticos de diferentes origens. Isto se evidenciou em minhas observações participantes da prática de feitura da pomada milagrosa.

4.1.3.1 Feitura da pomada milagrosa em São Pedro da Serra

"Água
divina água,
tão clara água
purifica,
limpa,
devagarinho
meu coração
meu coração
brilha
estrela brilha" (Fernando Beltran)³⁸

Era por volta de oito horas da manhã do dia 6 de julho de 2021 quando passei na casa de Maria Luiza B. para pegá-la de carro e seguir em direção a Macaé de Cima, em busca das folhas e ervas frescas que seriam a matéria prima da produção do dia: a pomada milagrosa. Macaé de Cima é uma região vizinha de Lumiar, de acesso um pouco mais difícil, por alguns quilômetros de estrada de terra. Lá está localizado um dos quintais curativos do coletivo Grãos de Luz, mais precisamente na casa de um casal de integrantes, Maria e Rafael. Assim que chegamos já havia uma caixa separada com algumas ervas colhidas no amanhecer, mas decidimos por buscar algumas mais: alecrim, tanchagem, erva de são joão, colônia, arruda, erva botão, arnica, picão, cúrcuma, serralha, dentre outras. Com as ervas colhidas, fomos em direção à São Pedro da Serra, onde seria o feitiço do mês.

³⁸ Esta música é cantada por algumas integrantes durante as rodas que iniciam o trabalho do coletivo.

O coletivo manteve, durante a pandemia de Covid-19, a prática de feitura da pomada de forma bem restrita. Se antes estavam presentes não apenas as participantes do núcleo principal como também os "amigos do Grãos", agora cada encontro deveria comportar no máximo seis integrantes, todas³⁹ utilizando máscaras e adotando medidas de distanciamento. Quase sempre a feitura da pomada é realizada ao ar livre e em espaços abertos. A prática itinerante, no entanto, foi mantida com a realização dos encontros em locais alternados, geralmente nas casas das integrantes do coletivo.

Adélia foi a que tomou a frente o feitiço do fogo enquanto Bertha tratou de separar as ervas em cima da mesa antes de desfolhá-las. Era um quintal cercado de montanhas, o sol era tímido ainda às 9h da manhã fria de junho, sob um céu nublado. O fogo seria acesso entre pedras grandes que circundavam a lenha já separada previamente por Priscila, dona da casa. Foi em volta do fogo que Maria Luiza B. nos convocou para roda, agradecendo, ao fogo, à anfitriã Priscila e a todos os seres que permitem e abençoam esse trabalho. Maria Luiza B. puxou um canto para o fogo:

“Sobe a chama,
sobe a chama,
mais alto,
mais alto,
iluminam,
alegram,
nossas vidas,
nossas almas”⁴⁰

Ela também abriu a palavra agradecendo à ancestralidade, todos os seres, visíveis e invisíveis que abençoam o trabalho. Foi quando a fumaça forte tomou conta da fogueira e decidimos pegar água para tentar apagar. Adélia colocou a bacia em cima da pia e imediatamente o fogo acendeu novamente, Malu comentou rindo: “olha a ancestralidade aí...”. A noção de ancestralidade para o coletivo Grãos de Luz remete a uma conexão com aqueles seres responsáveis por todo o conhecimento tradicional, preservado há milênios, que agora se atualiza em suas mãos.

Adélia demonstrou segurança para acender o fogo sozinha enquanto as outras colegas, começavam a desfolhar as plantas e ervas colhidas no início da manhã. Todas eram colocadas dentro de bacias grandes de plástico. Enquanto isso, tratei de encher uma panela grande de alumínio com cerca de 10 litros de óleo de girassol, e logo a coloquei no fogo para o óleo

³⁹ Minha opção pelo uso do gênero feminino, ao me referir às integrantes do coletivo “Grãos de Luz”, se dá devido a grande maioria de pessoas que se identificam como mulheres cisgêneras na composição grupo.

⁴⁰ Maria Luiza B. diz ter aprendido essa música ainda quando era uma jovem bandeirante e vários grupos de comunidades alternativas cantam com algumas variações.

esquentar. É quando o óleo já está fervendo que jogamos as folhas no caldeirão de alumínio. A ideia é deixar as folhas ferverem até ficarem crocantes. Adélia comentou em entrevista (depoimento dado à pesquisadora em 02/09/21) que não existe comprovação científica a respeito da eficácia da pomada, no entanto, são muitos os relatos de cura e isso que importa para o coletivo:

Essa pomada na verdade é um desafio para ciência porque da maneira como ela é processada, no óleo fervendo quente e fica aquilo ali, fervendo, então pela medicina assim tradicional... ela é uma coisa assim... que eles não entendam como ela possa fazer efeito. Mas é uma coisa mágica, não sei o que acontece que ela fica assim. Tem muita aprovação mesmo, né. (Adélia)

A fala de Adélia converge com a percepção que tive durante meu trabalho de campo e realização de entrevistas: não existe, por parte da maioria das integrantes do coletivo, a negação da eficácia de remédios produzidos pela indústria farmacêutica. A proposta é agregar um outro olhar para a forma como tratam da saúde, reconhecendo que existem maneiras mais acessíveis e complementares, portanto, sem altos custos para tratar alguns sintomas. Para proteger o fígado, pariparoba, para dor de garganta, gargarejo com cordão de frade, para tosse, a famosa receita de xarope anti-gripal de Dona Maria do Socorro. Não se trata, portanto, de negar a ciência, mas compor junto, complementar. A seguinte fala de Patrícia Guedes confirma essa percepção a respeito dos saberes tradicionais e a Ciência,

Não é descartar a ciência, a gente precisa das vacinas, do antibiótico. A gente precisa, só que você não precisa dele todo dia, você pode tomar um chá, você pode tomar uma tintura, você pode tomar uma garrafada, um xarope, você vai fazer uso da ciência quando realmente precisar (depoimento dado à pesquisadora no dia 29/09/2021).

FIGURAS 3, 4, 5, 6, 7 e 8: Sequência de fotos da feitura da pomada milagrosa em São Pedro da Serra



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Durante a feitura da pomada na casa de Priscila notei como as integrantes do Grãos de Luz buscam alternativas à indústria farmacêutica, principalmente em relação às práticas e terapias não convencionais. Uma alimentação nutritiva, variada, com verduras e legumes também é valorizada. Cada uma das integrantes havia levado um prato de comida para contribuir. Priscila esquentou a comida em seu fogão e nos sentamos à mesa para almoçar uma refeição totalmente vegetariana. Isso não quer dizer que todas as integrantes do coletivo sejam adeptas da alimentação sem carne. Existe a preocupação em incluir opções para todas durante as refeições. Durante o almoço as conversas circularam em torno de terapias de cura por meio da alimentação e limpezas como a do fígado e vesícula, e o enema⁴¹, técnica realizada para limpeza do aparelho digestivo. Quase todas as mulheres presentes já haviam praticado alguma delas e as consideravam experiências positivas.

⁴¹ Trata-se de uma técnica na qual se introduz água por via retal com o objetivo de realizar uma limpeza intestinal.

Voltamos ao trabalho com uma canção de defumação comum nos centros espíritas e de umbanda: “perfuma com a erva da Jurema, perfuma com arruda e guiné...”. Após fervido, o líquido quente é coado e misturado à cera de abelha. Espera-se esfriar um pouco enquanto potes de plástico de 50 ml, são higienizados em cima da mesa para receber a pomada ainda antes de endurecer. No momento em que se coava o líquido, Priscila pegou sua sanfona para cantar e tocar músicas de São João. A pomada é então colocada nos potes que serão vendidos por um preço bem baixo, cerca de 10 reais cada um. O valor garante os custos da matéria prima e o excedente gerado vai para o fundo do coletivo, que geralmente é utilizado para compra de mais material e arcar com custos extras, como transporte, por exemplo.

Após empotar toda a produção do dia, deixamos a casa de Priscila ainda antes de anoitecer, as pomadas seguiram embaladas com uma das participantes para logo serem enviadas pelos correios.

4.1.3.2 Feitura da pomada milagrosa no Assentamento Visconde

O primeiro intercâmbio de saberes no qual estive presente foi a ida de Cida e Graça - duas lideranças integrantes do Grupo de Trabalho de Mulheres da Serramar⁴², localizado em Casimiro de Abreu - à casa de Maria Luiza B.. Estavam acompanhadas de Dafne, outra pesquisadora que acompanha as crianças moradoras do assentamento Visconde onde Cida e Graça vivem com seus filhos e filhas. Trouxeram um pão feito de ora pro-nobis, planta conhecida por seu alto potencial nutritivo. Antes de iniciarmos a refeição, Maria Luiza B. puxou uma reza em roda, de agradecimento ao pão, ao alimento. Abriu-se espaço para que Graça, evangélica, também realizasse uma oração, na qual agradeceu ao Senhor. Cida reforçou que em seu grupo de mulheres há espaço para todas as crenças e religiões.

Uma conversa se estendeu por mais cerca de uma hora na varanda da casa de Maria Luiza B., percorremos assuntos do cotidiano, a prática do teatro com o grupo de mulheres, a convivência junto das crianças na Pandemia. Cida, Graça e Maria Luiza B. aproveitaram para trocar mudas de plantas e falar a respeito dos potenciais curativos de cada uma. Vivem próximas, territorialmente, mas as localidades têm climas distintos - Casimiro de Abreu é bem mais quente que Lumiar, por estar mais próximo do nível do mar - e conseqüentemente apresentam diferenças na botânica.

⁴² De acordo com o site do projeto Agroecologia em Rede, que reúne diversas iniciativas agroecológicas de todo Brasil, o GT Mulheres Serramar, “é uma experiência com foco em agroecologia, mulheres e educação popular em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional”. Criado em 2017, é composto por 25 mulheres das áreas urbanas e rurais, dentre elas agricultoras, viveiristas, artesãs, feirantes e também pesquisadoras e ativistas. Compreende participantes de três diferentes municípios: Casimiro de Abreu, Silva Jardim e Rio das Ostras.

Numa manhã ensolarada de inverno, após falarmos sobre plantas e ervas medicinais e seus possíveis usos, foi programado o intercâmbio: o coletivo Grãos de Luz iria realizar uma oficina de tintura e pomada milagrosa no assentamento Visconde. O assentamento se localiza no município de Casimiro de Abreu, há cerca de 40 km de Lumiar. Existe desde 1999 e acolheu famílias da Reforma Agrária. Ainda está em processo de regularização fundiária pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Manhã de raro sol e céu azul em Lumiar. Era dia 23 de outubro de 2021. Busquei Maria Luiza B. em casa antes de partirmos para o assentamento Visconde. Antes de descer toda a estrada serramar que conecta a região serrana com a região dos lagos, passamos também na casa da pesquisadora Dafne, que mora no caminho, para buscá-la. O dia prometia calor, algo raro nos dias chuvosos da primavera serrana. Chegamos na casa de Cida onde crianças animadas nos aguardavam ansiosas na varanda. Chamavam animadas por “tia Dafne”, com quem estavam interagindo nos últimos meses. Ao levar as panelas grandes para a parte de trás da casa, me deparei com três mulheres já sentadas em um banco de madeira a nos aguardar. Ao lado, uma mesa posta com um farto café-da-manhã. Antes de comermos, Maria Luiza B. sugeriu que ela e Cida fossem buscar as plantas e ervas a serem utilizadas na pomada, no quintal de Cida.

Diferente das terras em Lumiar, o assentamento Visconde é muito mais plano, ainda que cercado por morros. Uma vasta área de terra se estendia pela parte de trás da casa de Cida que mantém uma horta de ervas medicinais mais próxima à cozinha. Me lembrou as falas de algumas integrantes, sobre as mulheres que viviam em regime comunal em diferentes épocas e lugares, e mantinham a prática de cuidar dos quintais curativos enquanto os homens muitas vezes ficavam responsáveis pela roça. Esses relatos têm respaldo histórico (PRIORE, 2004). No caso de Cida, é ela quem cuida do quintal e da horta. Tem a ajuda da filha mais velha que já é mãe de dois meninos. Pamela é quem preparava o nosso almoço enquanto realizávamos o feitiço da pomada. Cida e Maria Luiza B. se embrenharam pela horta debaixo de um sol forte. Já passava das 10h da manhã. Colheram alecrim, sete sangrias, saião, confrei, pariparoba, malva cheirosa, tansagem, folha de manga, mil folhas, aroeira, canela de velho, jambu, citronela, lavanda, rosa branca, bastão do imperador, arnica, penicilina, babosa e losna. Enquanto retiravam as ervas, trocavam informações sobre seus diferentes usos.

Agradecemos em roda antes de um café regado de pães, pastas, frutas, café, chá, e demos início ao feitiço. As ervas e plantas foram postas em cima da mesa. Separadas por espécie. Maria Luiza B. sugeriu que escolhêssemos uma planta conhecida e apreciada e outra desconhecida. Sentamo-nos em roda, e uma pessoa por vez falava sobre as plantas que

escolheram e o porquê. Essa dinâmica possibilitou uma extensa troca a respeito dos usos medicinais das plantas, como também foi um caminho para que nos conhecêssemos melhor. Todas as mulheres presentes do assentamento, Graça, Cida e Léia, além da integrante de um assentamento vizinho, Darci, que também integrava o GT de mulheres, viram seus antepassados prepararem remédios caseiros com plantas e ervas. Léia era neta de indígena. Darci cresceu vendo seu pai fazendo garrafadas.

Iniciamos a preparação da pomada, seguindo o mesmo ritual de sempre: separar as folhas nas bacias, enquanto o óleo esquentava na panela que dessa vez estava em cima de um fogão a lenha. O espaço onde estávamos era uma cozinha aberta, sob o teto de zinco sustentado por vigas de madeira. Bom para a circulação do ar, ainda mais em um dia quente. Ao nosso redor, caminhavam gatos, cachorros e galinhas. Um pé de acerola acenava com seus frutos vermelhos. Não resisti. Quando as folhas foram finalmente despejadas na panela com óleo, fomos almoçar. Uma mesa abundante havia sido servida, ali mesmo, do lado de fora, na cozinha externa. A refeição satisfazia tanto carnívoros quanto vegetarianos: arroz, feijão, frango, carne vermelha, salada, e torta de carne de jaca, com o famoso tempero de Cida. No entanto, Pamela, sua filha, foi a principal responsável pela refeição. Havia opções de sucos e bolos de sobremesa. Refeições diversas, nutritivas e fartas costumam acompanhar os encontros do coletivo. Na maioria das vezes, a proposta é coletivizar essa tarefa, assim cada pessoa fica responsável por levar algo. No caso das experiências de intercâmbio, no entanto, as refeições são oferecidas pelos anfitriões por um valor justo e acessível. Dessa maneira, também aproveitam para garantir uma renda extra.

FIGURAS 9, 10: Cida e Maria Luiza B. colhem ervas e plantas para feitura da pomada no Assentamento Visconde

FIGURAS 11 e 12: O grupo se reúne em torno das ervas e plantas colhidas, antes de iniciar a desfolhagem

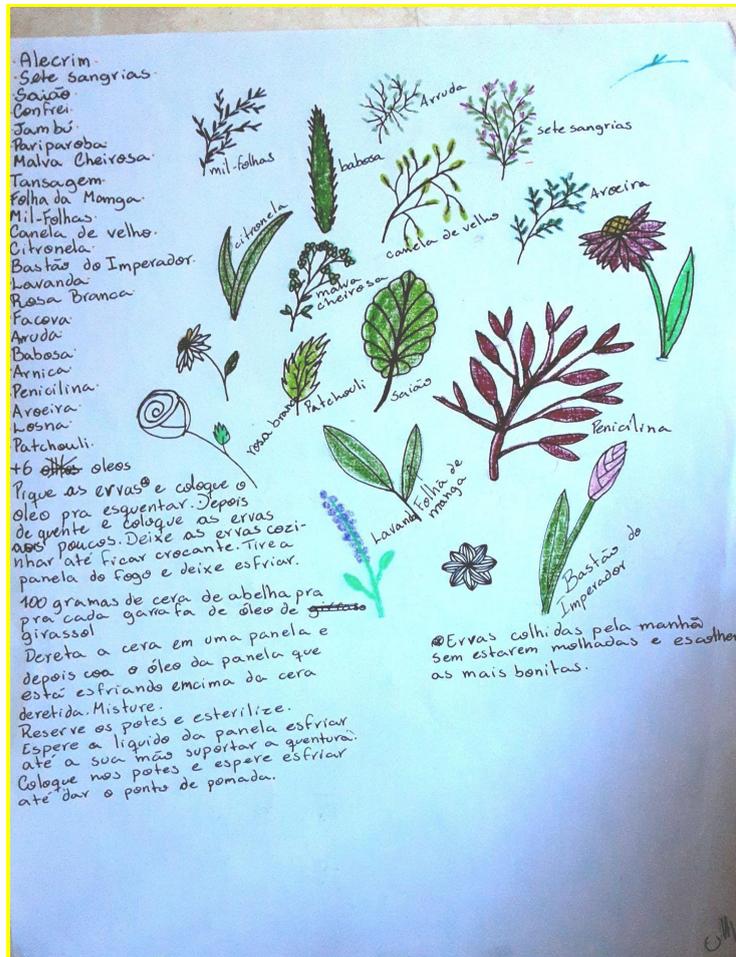


Fonte: Autora/Dafne Rozen

Após o almoço iniciamos a produção de tinturas. A essa altura, Marjorie e seu companheiro Claudio chegaram para participar do encontro após um contratempo na estrada. Antes da nova dinâmica iniciar, fizemos mais uma vez um círculo e Maria Luiza B. puxou um agradecimento às ervas e plantas. Foi no assentamento Visconde onde vi pela primeira vez integrantes do coletivo Grãos de Luz trabalharem com a feitura de tinturas. Uma mistura de ervas e álcool de cereais é colocada em garrafas grandes de vidro escuro. Primeiro, determinada medida de álcool de cereais, logo depois, as ervas. Maria Luiza B. explicou que após deixar a garrafa fechada por cerca de 15 dias, seria a hora de diluir um pouco de água. Essa medida poderia ser determinada a partir de uma tabela ou ao consultar o pêndulo. Essa técnica de consulta se chama "radiestesia", ela se propõe a acessar o campo energético do entorno para buscar equilibrá-la. O uso do pêndulo foi adaptado para as práticas do coletivo. Seu uso é comum em terapias alternativas como alinhamento de chakras por exemplo. Rafael me contou que o homeopata popular, Seu Diógenes, foi quem ofereceu uma oficina para o pessoal do Grãos, ensinando a utilizar o pêndulo.

O pêndulo chamou bastante a atenção das crianças, filhos, filhas, netos e netas de Graça e Cida. Se antes estavam brincando em torno da casa sem demonstrar muito interesse pela feitura da pomada, se aproximaram da mesa para aprender a mexer no novo artefato. Maria Luiza B. optou por lhes ensinar a utilizá-lo e os aconselhou a fazerem perguntas silenciosamente para testá-lo. Enquanto preparávamos as tinturas, uma das filhas de Dona Graça, Acácia, que desenha muito bem, preparou uma cartilha a partir dos ensinamentos do dia. Ela desenhara cada erva utilizada na pomada, adicionando o nome ao lado. Com esse material, o coletivo pretende produzir uma pequena cartilha a ser distribuída.

FIGURA 13: Desenho feito por Acácia durante a oficina de pomada milagrosa no Assentamento Visconde



Fonte: arquivo pessoal da autora

4.1.3.3 Feitura da pomada com o GRUCON

Ao chegar por volta das 10h da manhã, algumas pessoas já se encontravam no primeiro andar da casa conversando, a maioria de máscara, ao lado de uma mesa farta de café

da manhã, com tabuleiros de batata-doce, milho e mandioca. Após a refeição subimos para o andar de cima no qual mesas estavam unidas para receber as ervas, colhidas pela manhã na casa das integrantes do Grãos. Antes de iniciar a feitura, todos deram as mãos em um círculo em volta da mesa. Maria Luiza B. se apresentou, assim como as colegas do Grãos de Luz e eu, como a pesquisadora que as acompanhava. Agradeceu ao convite e passou a palavra à Celeida, representante do Grucon (Associação Grupo Cultural Orgulho Negro).

Celeida contou um pouco da importância do GRUCON que ajudou sua família, assim como outras, a compreender o que era o preconceito atrás dos olhares tortos em locais comunitários da cidade, como na própria Igreja. Ela agradeceu a presença de todas. Uma mãe de Santo da cidade também estava presente e ofereceu sua bênção ao trabalho. Maria Luiza B. propôs que fizéssemos a dinâmica já realizada outras vezes, na qual cada um escolhia uma erva ou planta, uma conhecida e outra não, para falar a respeito. Enquanto cada pessoa escolhia suas ervas, Malu puxou um canto com a música de Lulhi e Lucina, duas artistas conhecidas por seus trabalhos musicais, especialmente na década de 70. Lulhi, já falecida, passou os anos finais de sua vida em Lumiar e era muito conhecida pelos moradores e articuladores locais. Chegou a participar do primeiro projeto da "Oficina-Escola As Mãos de Luz", "Tesouros da Terra: nossa gente, nossa dança".

Mamãe Terra,
Mamãe terra,
mamãe me disse que a erva foi feita pra curar⁴³

A roda girou com a fala de cada uma das participantes. Havia apenas dois homens presentes, um deles, Marcos, o companheiro de Celeida. Uma profissional da Fiocruz e uma farmacêutica presentes demonstraram ter bastante conhecimento a respeito das ervas.

Enquanto o óleo esquentava a malva turbo, boldo, tanchagem, babosa, aloe vera, arruda, aroeira, avenca, colônia, pariparoba, panacéia, confrei, erva-botão, arnica, erva-baleeira, picão, cúrucuma, alho, canela de velha e serralha eram desfolhadas e separadas na bacia. Mary lembrou que, apesar da possibilidade de colocarmos vários tipos de plantas, existem as sete ervas básicas na feitura da pomada. São elas: arruda, arnica, aroeira, tansagem, confrei, boldo, e erva de bicho. Maria Luiza B. ressaltou que o propósito do trabalho era buscar alívio e por isso sugeriu que energizássemos as ervas com as mãos enquanto cantávamos a música da Madrinha Baixinha, conhecida pelo seu trabalho de liderança espiritual numa igreja do Santo Daime e Umbanda na região de Lumiar:

⁴³ Refrão da música "Gira das Ervas" composta por Lulhi, Lucina, Mário Avellar e Maria Maria

Da raiz eu peço a firmeza,
do caule o crescimento,
da folha eu peço a cura,
da flor eu quero amor (Baixinha)

Enquanto nosso almoço ficava pronto, Celeida, nossa anfitriã, me convidou para conhecer sua horta. Para chegar lá foram necessários alguns degraus de uma escada íngreme. Estava junto de nós, Christiane Azevedo, que integra o Núcleo Jequitibá RedesFito, responsável pela organização do encontro. No espaço, banhado de sol, havia muitas ervas medicinais, além de algumas verduras. Trocamos a respeito dos nomes de algumas delas. Celeida me presenteou com uma berinjela. Descemos para um farto almoço, com opções vegetarianas e carnívoras, oferecido pelo GRUCON e retornamos ao andar de cima para dar continuidade à feitura da pomada. A panela de óleo com as plantas e ervas descansava para esfriar. Seguimos com o feitio da pomada, coamos o óleo com as folhas fritas, misturamos à cera e realizamos uma pausa para esperar a pomada esfriar. Os livretos organizados pelo coletivo, referentes às mestras e mestres, foram expostos para a venda em uma pequena mesa pelo valor de R\$5,00 cada.

FIGURAS 14 e 15: Registros do encontro com o GRUCON.





Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Nossos anfitriões começaram a reorganizar o espaço para uma apresentação musical. Trouxeram caixa de som e instrumentos e distribuíram uma folha A4 com uma letra de um samba, escrito pela própria Celeida.

Bombolou tocou
correu céu e mares, viajou
A voz do GRUCON
Eternizou

Arou a terra/ Plantou o chão
Botou no braços, muitos filhos do patrão
Saiu em busca da água
Lá em cima a seca, matava a plantação
Descendo por toda essa ladeira

Água
Fonte de Vida, meu senhor
Está presente em toda religião
Veio da terra distante, atrás da fonte
De água para beber
E tomou banho na cachoeira
Recebeu benção, nesta terra mãe guerreira

Água de agbom, eu vou beber
Água de cheiro, vou banhar o meu amor

Água de chuva fininha, leve a semente por onde você for
 E mostre todo o continente, a quilombola
 Que a história transformou (2x)

Está no livro, está na tela do cinema
 Leontina é a caramô da cena
 Igbá real, duvide não
 É pau-gunú, bologum
 É eborá

(Celeida Rocha)

A moça responsável pelo almoço, irmã de Celeida, Maria de Fátima, ainda com a touca nos cabelos, sentou-se próxima da caixa de som segurando o violão no colo. Celeida continuou de pé e começou a cantar enquanto seu companheiro Marcos, sentado ao seu lado, assumiu a percussão. Sentados à frente, mais próximos aos integrantes da oficina, estava um senhor mais velho, Onofre, tio de Celeida, assumindo o pandeiro enquanto outro rapaz mais jovem ao seu lado tocava o surdo. Todos os presentes tiveram a oportunidade de acompanhar Celeida no canto, lendo a letra da música impressa no papel. A matriarca, Maria Penha, se manteve silenciosa, sentada próxima aos percussionistas. Aplausos se seguiram à cantoria. Maria Luiza B. buscou o atabaque e começou a tocar e cantar um jongo, Celeida a acompanhou. Outras músicas foram puxadas por Maria Luiza B. e Celeida. Foi Maria Luiza B., inclusive, que incentivou a dança, dando passos de músicas populares, o que não alcançou muita aderência, diante de certa timidez das pessoas presentes.

Esse agito musical exemplifica duas características das dinâmicas do coletivo Grãos de Luz. A primeira é a realização de trocas. Convidadas a estar em outra casa, as integrantes do coletivo não apenas oferecem, como também recebem e interagem com as propostas de seus anfitriões, no caso específico relatado, a roda de samba. A segunda característica se refere aos rituais que acompanham a feitura da pomada. Além de cantos e orações, a música é um elemento importante e sempre que possível, presente. Foi a única vez, no entanto, que presenciei o estímulo à dança durante a feitura.

Após a roda de música, sentamo-nos em círculo para trocar a respeito das impressões do encontro. Cada pessoa aproveitou a oportunidade de agradecer e manifestar o que sentiu. Maria Luiza B. propôs uma dinâmica final, na qual todos enviariam um sopro de amor para a matriarca, que por sua vez ficaria no centro da roda. Após essa manifestação, Celeida propôs que cada pessoa pudesse dar um abraço na matriarca. Foi o que fiz, junto dos demais. Ela, de quem ainda não havia escutado a voz, foi muito acolhedora, trazendo palavras carinhosas, desejando o melhor para a vida de cada um.

Seguimos colocando a pomada nos potes e etiquetando cada uma. Cada participante pôde levar uma consigo. Nos despedimos ainda antes do anoitecer, com a promessa de possíveis reencontros.

A partir dos relatos acima, percorrendo fazeres, falas, cantos, práticas e rituais, pretendi destacar a forma como o coletivo interage entre si e com demais grupos e pessoas interessadas em aprender a respeito dos conhecimentos tradicionais sobre plantas e ervas medicinais, remédios caseiros e o resgate de rezas e cantos que fazem parte desse mundo criado pelo coletivo.

A feitura da pomada milagrosa é um dos trabalhos mais importantes para o coletivo pois permite o encontro das participantes, entre si e com pessoas de fora. Criam um ambiente nos quais rituais e práticas diversas coabitam um mesmo espaço. Neste sentido, enxergo o trabalho do Grãos de Luz como um processo de composição de linguagens, cantos, rezas e demais expressões culturais de diferentes matizes.

A dinâmica da pomada se inicia com a ida aos quintais curativos na colheita das ervas e plantas medicinais, no reconhecimento e identificação delas, além da troca a respeito dos seus usos e indicações. Durante a feitura cantam, rezam e agradecem. Os cantos e músicas podem ser de compositoras e compositores locais, de Lumiar, ou cantigas antigas da cultura popular trazidas pelos mestres e mestras ou pelas próprias integrantes. As rezas podem ser católicas, como também espontâneas e improvisadas, trazendo referências a entidades de diversas religiões, assim como aos elementos da natureza: terra, fogo, água e ar. Tudo isso enquanto o fogo ferve as ervas no caldeirão de alumínio. As feituas são iniciadas e encerradas em roda, demonstrando a busca por uma organização espacial circular. Desta maneira, o coletivo cria seu próprio modo de produzir ao mesmo tempo que reativa, no sentido de *reclaim* (SZTUTMAN) linguagens da cultura popular associados ao imaginário das antigas curandeiras.

Há a interação de mundos múltiplos, com suas diferenças e afinidades, partilhando o que há de comum (FEDERICI, 2019b) e incomum (CADENA, 2018). Nesta perspectiva, pude concluir que existe o estabelecimento de conexões heterogêneas, permitidas pelas trocas e costuras nas ações em rede. Isso é possível, por exemplo, quando as participantes, ao mesmo tempo em que evocam uma reza cristã, também abrem espaço para uma oração evangélica e uma referência aos orixás. Há espaço para noções diversas em relação a deuses, deusas, elementos da natureza etc., sem a necessidade de que se unifiquem, ou seja, em um mesmo ritual podem coexistir diferentes crenças e dogmas ou até mesmo a ausência deles, sem que o

evento perca relevância para suas participantes. Essa forma de interação com as diferenças demonstra que a proposta do coletivo não se esgota na possibilidade de retomar práticas passadas e vai além, no exercício de criar e inventar novas formas de interação no trabalho com as plantas e ervas.

4.2 Cuidado e protagonismo feminino

O coletivo Grãos de Luz é formado em sua grande maioria por mulheres⁴⁴. “Quase 99%” como diria a própria coordenadora, Maria Luiza B. De fato, sempre foi assim. Talvez se possa contar nos dedos das mãos os homens que já passaram ou ainda estão atuantes no grupo. Essa inequidade de gênero não ocorre, porém, quando se trata de mestres e mestras que as inspiram. Questionadas sobre essa discrepância dentro do coletivo, encontramos nas respostas das integrantes dois principais caminhos. Um deles é a história das mulheres ao longo dos séculos. O outro seria uma suposta essência feminina. Enquanto a primeira resposta estaria alinhada ao ponto de vista ecofeminista crítico (GAARD, 2011; PLUMWOOD, 1993), a segunda encontra eco na chamada corrente essencialista, bastante criticada pelo ecofeminismo crítico. Todas as integrantes entrevistadas, no entanto, reconhecem o percurso histórico que atribuiu determinado papel social às mulheres. Visões mais essencialistas evidenciadas em alguns depoimentos (veremos adiante na seção 4.2.1) encontram em seu discurso algumas contradições, afinal, reconhecem o papel histórico atribuído às mulheres e divisão sexual do trabalho imposto pelo patriarcado, além da existência de muitos erveiros e rezadores homens, ao mesmo tempo em que evocam a ligação com plantas e ervas enquanto parte da essência feminina.

Rafael atualmente é o único homem mais atuante no coletivo. Existem outros que participam eventualmente. Ele foi o responsável por levar o estudo e os conhecimentos da homeopatia para o Grãos de Luz. Relata que dentro desse cenário, o da homeopatia popular, com a qual se identifica, também é rara a presença masculina - com exceção, novamente, dos mestres e mestras. Ele acredita que historicamente as mulheres sempre estiveram mais associadas às plantas, às ervas e à cura que os homens. Enquanto a figura do homem estava associada à roça, as mulheres estiveram mais próximas do quintal de casa e às plantas medicinais e, por isso, construíram “uma conexão com a energia da natureza, com a mãe-terra” (Rafael; depoimento dado à pesquisadora em 23/08/2021). Na nossa sociedade

⁴⁴ Nesse caso, todas as mulheres do coletivo são mulheres cisgêneras, ou seja, pessoas que sentem compatibilidade entre o sexo biológico e o gênero socialmente atribuído.

moderna, ele enxerga os homens mais duros e fechados “aos conhecimentos sutis da natureza”.

Maria (depoimento dado à pesquisadora em 23/08/2021), a companheira de Rafael, concorda que historicamente as mulheres sempre estiveram associadas ao lugar de cuidado. Ela vê uma lenta, porém, existente aproximação de homens, a qual acredita ser positiva. Maria destaca: “então eu sinto que é isso sabe... a gente não cometer essa coisa de novo, de entregar na mão de outras pessoas, principalmente do patriarcado e cuidar muito desse lugar que a gente sabe que é um lugar sagrado e que precisa ser valorizado”. Maria não se refere aos homens individualmente, como apropriadores desse conhecimento, ela delega ao patriarcado enquanto instituição que há séculos vem explorando o trabalho e saberes das mulheres.

Patrícia traça uma avaliação parecida ao evocar épocas anteriores ao patriarcado para falar sobre a posição que as mulheres tinham na sociedade: “a maioria das sociedades antigamente eram matriarcais, antigamente né, antes do cristianismo e o patriarcado, toda sociedade tribal respeitava e tinha que ser matriarcal, era a mulher que detinha a intuição, o conhecimento, ela que lidava com as ervas, que coletava...” (depoimento dado à pesquisadora em 29/09/2021).

Maria Luiza B. também acredita que esse interesse maior despertado em mulheres para os conhecimentos das ervas e plantas medicinais se deve à própria história das mulheres. Segundo ela, eram as mulheres que cuidavam umas das outras na comunidade e, por isso, muitas atualmente despertam para o que chama de “ancestralidade feminina” (depoimento dado à pesquisadora em 28/08/2021). Ressalta que muitas mulheres estão, inclusive, em busca desse resgate, da “medicina da natureza”. Tais conhecimentos, segundo Maria Luiza B., estão sendo preservados e transmitidos por diferentes povos, como os povos indígenas e quilombolas. Pedi à ela, mais tarde, para que me explicasse o que entendia por ancestralidade feminina. Ela me respondeu por escrito, refletindo sobre o que seria a origem, a “Grande Mãe”, “fonte primordial da criação”. Da forma como descreve, essa ancestralidade está conectada aos elementos, ciclos da natureza e às mulheres que a antecederam:

A Ancestralidade Feminina me conduz a honrar as mulheres que vieram antes de mim e que me constituem hoje, a consagrar e reverenciar nossas mães primeiras, indígenas, africanas, à todas mulheres ancestrais das mais diversas culturas e civilizações e que compõem os arquétipos femininos que atuam em nós. Ela me leva a acolher com escuta atenta histórias de muitas sabedorias, aprendizado, dores, superações e transcendências que constituem o universo feminino (Maria Luiza B. depoimento dado por escrito à pesquisadora em 13/03/2022).

Em seu depoimento podemos perceber a busca por uma origem conectada à uma espiritualidade associada às mulheres que a antecederam, reconhecendo de forma sutil a

história das mulheres ao longo dos séculos, uma história múltipla e diversa que inclui mulheres de diferentes culturas e civilizações. Essa ancestralidade também é relacionada à conexão com a natureza.

Para Marjorie os saberes populares, principalmente os originados de comunidades tradicionais, são desprovidos de gênero:

Esse é um conhecimento que não tem gênero, ambos têm homens e mulheres nessas comunidades. É muito difícil, é, você entrar nesses encontros do nosso país, entrar nas aldeias, nos quilombos, aqui nas nossas comunidades rurais e não encontrar homens e mulheres que tem alguma informação, algum conhecimento sobre matos de comer e sobre ervas medicinais, né? (Marjorie, depoimento dado à pesquisadora em 15/09/2021)

No entanto, ela ressalta que dentro dos grupos e coletivos de saúde comunitária e popular, mulheres são maioria. Ela reconhece a influência de processos históricos passados responsáveis pela divisão sexual do trabalho, contribuindo para que mulheres ficassem encarregadas do quintal das ervas e plantas medicinais e da produção de alimentos para consumo próprio. Também faz referência ao lugar de cuidado imposto às mulheres. Para Marjorie, esse lugar pode e está sendo ressignificado. Ela destaca que se trata de um lugar de sabedoria enquanto o autocuidado também seria fundamental para as mulheres, para as que cuidam.

Segundo Marjorie, o autocuidado pode ser revolucionário e deve parar de ser associado à frescura, às frivolidades. Também reconhece o peso da história na herança que determinado grupo social passa a carregar: “a gente tem, acho que tem na nossa herança genética, astral, um pouco daquilo que foi construído na história, né?”. Marjorie diz buscar uma visão mais crítica e ao mesmo tempo mais holística, o que permite essa reapropriação da ideia de cuidado. Mas ao se referir à herança genética, acaba por propor um certo essencialismo, como se estivesse impresso na determinação biológica das mulheres.

O ponto de vista essencialista, que associa mulheres ao cuidado, pode ser visto na fala de Mary, que é bióloga e faz referência a uma suposta herança ancestral na predisposição ao cuidado: “isso é uma coisa da ancestralidade feminina. Nós somos as guardiãs, nós... a vida vem através da gente, isso não nos faz melhor, mas com uma ótica um pouco mais abrangente” (Mary; depoimento dado à pesquisadora em 27/08/2021). Mais uma vez, a evocação à ancestralidade feminina, pode soar ambígua. Por um lado, as mulheres estariam reproduzindo o que aprenderam de suas ancestrais, ou seja, das que vieram antes, por outro a referência à capacidade de gerar vida condiciona a aptidão ao cuidado à uma determinação biológica.

Embora traga uma perspectiva mais ligada à biologia para pensar o comportamento humano pelo gênero, Mary foi uma das poucas integrantes do coletivo que me revelou uma interação com a natureza que ultrapassa uma perspectiva instrumentalizadora da mesma. Enquanto terminávamos uma refeição durante uma das feitura da pomada, ela (Mary, depoimento dado à pesquisadora em 27/08/2021) me falou sobre sua conexão com os animais e as plantas. Assim como havia me contado na entrevista, disse não enxergar separação entre humanos e não-humanos. Dizia isso enquanto mirava um cachorro deitado no chão, segundo ela, um ser com sensibilidades, assim como as plantas. De acordo com Mary, sua mediunidade⁴⁵ foi despertada há cerca de 2 anos. Antes disso, não sentia nada. Se perguntassem, nunca diria que se tornaria uma pessoa com tais habilidades. Ela conta que recebe mensagens das plantas e utiliza essa escuta em seu trabalho dentro do coletivo. É difícil dizer como essas mensagens chegam até ela. Em algumas vezes ocasiões chega a escutar vozes, em outras, pelo sentir.

A relação estabelecida entre o protagonismo feminino do coletivo Grão de Luz e as práticas de cuidado atestam uma dimensão política à ética do cuidado acenando para uma postura feminista do coletivo embora não utilizem estes termos para se definirem. Por meio dos relatos das integrantes, percebe-se a intenção de ressignificar o lugar que o cuidado historicamente ocupa na vida das mulheres, deslocando-o do lugar de obrigação moral e individualizada para um trabalho coletivo de solidariedade, no qual pessoas de todos os gêneros podem atuar. A forma como essa solidariedade é estabelecida será abordada mais adiante. Paralelamente a essa ressignificação, percebi em algumas falas referências à naturalização da aptidão ao cuidado, esvaziando sua potência política. Essa postura mais essencialista, no entanto, não parece impositiva no sentido de determinar papéis fixos de gênero. Ao mesmo tempo, em seus discursos as integrantes do coletivo reconhecem que muitos dos mestres dos conhecimentos tradicionais são homens e que a associação das mulheres à natureza se origina em um processo histórico.

O que também interessa nesta seção, do ponto de vista da ética do cuidado, foi verificar a relação estabelecida entre agentes não-humanos, como folhas, galhos, raízes, e os agentes humanos, responsáveis por sua manipulação no ato de transformação da matéria em

⁴⁵ Definiremos aqui mediunidade “como uma experiência em que o indivíduo (chamado de médium) alega estar em comunicação com, ou sob o controle de, a personalidade de uma pessoa falecida ou de outro ser não material (Moreira-Almeida, 2013). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/GfjqfbGskcc6CsntLNppHys/?lang=pt> Acessado em 15/02/2021.

remédio. Assim como relatou Mary, seres vivos como as plantas e animais podem ter um poder de comunicação sutil e embora a maioria das integrantes que entrevistei não tenham mencionado uma comunicação direta com as ervas e plantas, reconhecem que estas carregam uma suposta sabedoria. Essa forma de interação é um exemplo que ultrapassa uma relação instrumentalizadora dos recursos naturais por parte dos agentes humanos.

4.2.1 Autocuidado e solidariedade

Seja já bem-vindo à nossa comunidade
 Quando chega traz alegria
 Quando parte, deixa saudade
 (Pedro Ivo, Assentamento do MST Lagoa do Boi, Povoado
 Rose, Santa Luz, Bahia)

Sexta-feira, dia 3 de dezembro de 2021. Confraternização de fim de ano do coletivo Grãos de Luz na casa de Maria e Rafael. Neste dia me senti parte integrante do coletivo. Cheguei um pouco mais tarde que a maioria. Entrando na sala da casa, me deparei com uma roda de pessoas, quase todas usando máscara. Pararam o que estavam fazendo para me receber com uma música. Batiam palmas e cantavam: “Seja já bem-vindo à nossa comunidade/Quando chega traz alegria/Quando parte, deixa saudade”.

Após terminarem a música, voltaram à roda de conversa. Estavam realizando um exercício de memória, de recordação da história do Grãos de Luz. Era a primeira vez em que eu me deparava com outros homens em um evento do coletivo, sem ser o Rafael. Eram eles: Alê e Fred. Alê divagou sobre a temática do autocuidado, disse que em outros tempos, não escutava tanto esse termo que dava um direcionamento para o trabalho do coletivo. Marjorie discordou. De acordo com ela, a temática do cuidado sempre atravessou os trabalhos do coletivo, mas talvez não com o termo “autocuidado” explicitado. Esta expressão foi bastante utilizada durante a pandemia, principalmente com a ação de distribuir cestas de autocuidado. Foi uma estratégia encontrada pelo coletivo para atuar enquanto agente de saúde comunitária, oferecendo terapias complementares.

O debate a respeito das dimensões políticas do autocuidado ganhou força nas discussões feministas nos últimos anos. Se por um lado é visto como produto neoliberal de um capitalismo tardio para vender maior capacidade produtiva através de dietas, terapias e elaboração de metas, também é visto como estratégia de sobrevivência e fortalecimento para grupos vulneráveis (HOBART, KNEESE, 2020). Ademais, se estende para esferas filosóficas e ontológicas, que perpassam inclusive perspectivas feministas e do ecofeminismo. Pensar o

autocuidado do coletivo Grãos de Luz nos traz a dimensão coletiva do cuidado, que pode ser lido para algumas autoras como “cuidado radical” (ibidem). Neste direcionamento, o autocuidado visa sustentar além de indivíduos, atuando de forma solidária, trabalhando pela sustentação de grupos afetados pelo colapso de um sistema que falhou ao suprir o mais básico para boa parte da população, principalmente para aquelas que assumem o papel de cuidadoras.

Em seguida, Maria Luiza B. pediu que eu me apresentasse aos que ainda não me conheciam. Era uma confraternização de fim de ano, algumas pessoas presentes estavam ainda se aproximando do coletivo. Me apresentei como pesquisadora, falei um pouco da pesquisa e disse que não me sentia, ainda, totalmente parte integrante do coletivo. As reações dos que me conheciam foram no sentido oposto. Brincaram que já não tinha volta, eu já estaria dentro. Essa afirmação me gerou certa apreensão enquanto pesquisadora embora já tivesse assumido uma perspectiva situada na investigação e o meu papel de colaboradora para o próprio coletivo. Independente da posição que assumirei após a finalização deste trabalho, o acolhimento recebido dá pistas de como o coletivo me enxergou durante o processo de pesquisa mesmo que eu tenha buscado participar sem aderir (CAIAFA, 2019), deixando claro para todas as integrantes meu lugar enquanto pesquisadora e observadora-participante.

O trabalho de produzir e oferecer medicamentos alternativos para a saúde comunitária foi impulsionado pela Pandemia de Covid-19. Cabe ressaltar que nenhuma integrante do Grãos de Luz com quem conversei negou a necessidade de medidas sanitárias para conter o alastramento do vírus, assim como a priorização da vacinação para garantir a imunidade coletiva.

Diante das dificuldades impostas pela Pandemia e má gestão da crise, principalmente pelo poder executivo⁴⁶, houve um vertiginoso aumento do desemprego⁴⁷ e conseqüentemente a diminuição de renda de diversas famílias, mobilizando ações de movimentos sociais a nível global. Neste contexto, o coletivo atuou localmente, promovendo o autocuidado, no sentido solidário e coletivo, fortalecendo a renda de mulheres produtoras locais. A ação, realizada em parceria com o “Ponto de Cultura Sobrado Cultural”, se baseou em duas frentes: a venda e distribuição de cestas de autocuidado que ofereciam a pomada milagrosa, tinturas, xarope e outras medicinas caseiras; e a realização de cursos de terapias caseiras online. O valor arrecadado, tanto com as vendas das cestas quanto com os cursos, se reverteu em renda para as produtoras rurais, assim como para as facilitadoras das oficinas, respectivamente. Em

⁴⁶<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-16/inacao-e-desinformacao-do-governo-bolsonaro-agravam-a-pandemia-no-brasil.html>. Acessado em 09/02/2021.

⁴⁷<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2021/05/27/brasil-tem-desemprego-de-147-no-tri-ate-marco-diz-ibge.htm>. Acessado em 09/02/21.

parceria com o Grãos de Luz foram distribuídas 120 cestas. A distribuição de cestas de autocuidados contou com a parceria das mulheres do “Grupo de Trabalho da articulação de Agroecologia da Serramar”, da qual Cida e Graça fazem parte. A seguir descrevo como foi a primeira oficina de terapias caseiras realizada pelo coletivo.

4.2.1 Oficina de autocuidado

A primeira oficina de autocuidado, realizada em uma parceria entre o coletivo Grãos de Luz e o Ponto de Cultura Sobrado Cultural Rural de Santo Antônio, intitulado “Cuidando do corpo com terapias caseiras: preservando conhecimentos tradicionais” foi realizada na intenção de celebrar os 11 anos de história do coletivo, já completado em 26 de agosto.

Em uma arte de divulgação postada dia 17 de novembro de 2020 na rede social *Instagram* do coletivo Grãos de Luz, consta que o curso teve como objetivo:

“resgatar conhecimentos ancestrais utilizados por milênios por nossos antepassados; valorizar as(os) guardiãs dos conhecimentos tradicionais, repassados através da tradição oral, de uma geração para outra, demarcando o poder de cura presente na natureza. Também reafirma a importância do papel dos pontos de cultura rurais na defesa do direito à cultura em sua dimensão simbólica, cidadã e econômica, contribuindo para manter a CULTURA COMUNITÁRIA VIVA” (texto publicado no *Instagram* do coletivo Grãos de Luz).

Nota-se nesse texto, que além da valorização dos conhecimentos tradicionais e do poder curativo da natureza, também há destaque para o poder organizativo que os grupos e coletivos envolvidos no curso (Grão de Luz e Ponto de Cultura Sobrado Cultural Rural) possuem em relação à cultura comunitária e na busca por manter vivos esses saberes. Marjorie (em depoimento dado à pesquisadora em 15/12/2021) explica que as ações comunitárias como cursos e distribuições de cestas são também estratégias para alcançar esse objetivo:

É fazendo isso, distribuindo as pomadas, montando exposições para contar essas histórias, né? Acho que são muito coletivos igual o Grão de Luz pelo Brasil, são muitos. É muita gente fazendo, se dedicando a essa preservação né? É muito bonito de ver, que bom que a gente conseguiu vivenciar a política de cultura, que eu acho que também para o Grãos, isso também foi um recorte né? Nasce dentro de uma política de cultura de base comunitária, né? (Marjorie)

A oficina foi realizada pela plataforma *Google Meet*. Os e as interessadas deveriam se inscrever previamente por meio de um formulário digital para receber o link do encontro, que ocorreu dia primeiro de setembro de 2020. A contribuição pedida foi no valor de trinta reais, mas não foi considerada obrigatória. Quando acessei a plataforma, já havia cerca de 80 pessoas presentes de forma *online*. Participantes do Grãos Luz iniciaram como de costume,

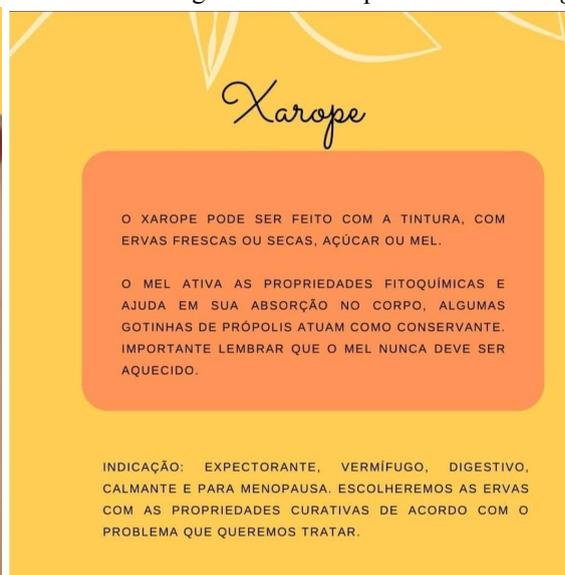
puxando um canto. Em seguida, foi dada a palavra à Patrícia Galato, responsável pela oficina de terapias caseiras. Ela iniciou contando sua trajetória com oficinas de remédios caseiros nas paróquias e em escolas Waldorfs⁴⁸ públicas. De acordo com ela, o nosso corpo tem força própria para se curar pois muitas doenças estariam associadas às emoções. Depois da breve apresentação iniciou a oficina do dia que tratava sobre atuação do frio e do calor no corpo humano.

Enquanto Patrícia ministrava a oficina, perguntas eram enviadas por *chat* moderado por uma integrante do coletivo direcionadas à Patrícia ao final. As oficinas foram divulgadas pelas redes sociais do Grãos de Luz e de seus parceiros. Ao final dos quatro encontros, uma cartilha foi produzida com o conteúdo do curso e disponibilizada online nas redes sociais do Grãos de Luz. Uma quantidade foi impressa e distribuída junto das cestas de autocuidado. Após o encontro descrito, foram realizados mais três, no mesmo horário e dia de semana, cada um com uma temática diferente. Eram elas: atuação do frio e do calor no corpo humano; práticas de cuidados caseiros; e preparo da farmácia doméstica.

FIGURA 16: Capa da cartilha produzida pelo curso “Cuidando do corpo com terapias caseiras: preservando conhecimentos tradicionais”.



FIGURA 17: Página da cartilha publicada no *Instagram*



Fonte: Instagram do coletivo Grãos de Luz: <https://www.instagram.com/coletivograosdeluz/>

Aproximadamente um ano após, mais um curso foi oferecido em comemoração aos 12 anos de Grãos de Luz. O coletivo convidou Dona Josefa Athaide para ministrá-lo. Ela, segundo a divulgação do próprio coletivo, é mestra em Terapêuticas Populares e ativista do movimento de mulheres da Agroecologia. O curso aconteceu mais uma vez online, com a

⁴⁸ Pedagogia alternativa baseada na doutrina filosófica da Antroposofia fundada pelo austríaco Rudolf Steiner.

realização de cinco encontros. Dona Josefa é de São Sebastião, Distrito Federal. Dessa vez, uma contribuição no valor de R\$60,00 foi pedida e o valor destinado à distribuição de cestas de autocuidado para as mulheres de Nova Friburgo e arredores. Também foram oferecidas 15 bolsas para para lideranças comunitárias ligadas aos movimentos sociais, pessoas negras, indígenas, trans e periféricas.

FIGURA 18: Divulgação do curso “Promovendo a Saúde com terapias Caseiras” promovido pelo coletivo Grãos de Luz em parceria com o Sobrado Cultural Rural em 2021.



Fonte: Facebook do Ponto de Cultura Sobrado Cultural Rural

A distribuição de cestas de autocuidado assim como a realização dos cursos de terapia caseiras promovidos pelo coletivo, especialmente durante o período da Pandemia de Covid-19, é mais um indicativo de que muito do que se produz e se troca dentro deste coletivo se relaciona com o trabalho de cuidado e cura, funções atribuídas historicamente às mulheres. Esse papel do cuidado também foi, e ainda é, constantemente rotulado socialmente como algo naturalizado e conseqüentemente, essencializado como forma de perpetuar o domínio do

poder patriarcal e sustentar capitalismo a partir da exploração do trabalho reprodutivo ao longo dos séculos (FEDERICI, 2019).

Embora existam mestras e mestres detentores das práticas e saberes tradicionais de todos os gêneros⁴⁹, o protagonismo das mulheres no coletivo Grãos de Luz, no entanto, reforça para suas integrantes, a associação entre mulheres e natureza. Isso não quer dizer de forma alguma que homens e pessoas de qualquer outro gênero não possam atuar neste campo. A noção de cuidado a partir de uma interação sutil com as plantas, ervas e a fabricação de remédios naturais é algo positivo para grupo, se distanciando de uma perspectiva de um cuidado compulsório, construído pelo patriarcado (FEDERICI, 2019b) e se aproximando de um cuidado mais relacional que reconhece a interdependência (BELLACASA, 2012) entre humanos e não humanos para a sustentação da vida na terra, refletindo em atuação ética e política.

No próximo tópico, será abordado um dos maiores desafios apontados pelas integrantes do coletivo Grãos de Luz: o reconhecimento e a intensificação do trabalho junto da comunidade local. O preconceito com suas práticas, vistas com desconfiança por parte da vizinhança, é um dos fatores que contribui para isso. Tal discriminação foi sofrida não apenas pelas integrantes do coletivo - cuja maioria diz não seguir nenhuma religião específica -, como também pelas mestras e mestres que em sua maioria eram e são católicos. Mesmo diante disso, insistem no processo, pois tem como propósito maior servir à comunidade ao oferecer seus trabalhos de cura. O cuidado se torna um objetivo maior e solidário do coletivo e das mestras e mestres do conhecimento tradicional. O incentivo ao autocuidado também compõe essa dinâmica, ultrapassando uma abordagem individualista em ambos os casos. Nesta perspectiva de ajuda mútua, podemos olhar o autocuidado em sua dimensão ética e política, a partir do entendimento de que práticas cotidianas pessoais possam contribuir para o bem-estar coletivo.

⁴⁹ Propomos pensar aqui além da categoria binária de gênero, homem/ mulher, reconhecendo a existência de pessoas que não se identificam em nenhuma dessas duas categorias.

4.3 Ações coletivas pelo Bem Viver

Outra pergunta que *suleou*⁵⁰ essa pesquisa foi o que significa para o Grão de Luz estar em coletivo? Mary (em depoimento dado à pesquisadora em 27/08/2021) antes de se juntar ao grupo, em 2017, conta que o achava muito fechado, difícil de contatar. Mais tarde foi entender o porquê. De acordo com ela, as tarefas não são distribuídas de forma equânime, apesar dos esforços de criar diferentes Grupos de Trabalho (GTs), Maria Luiza B. ainda protagoniza a maior parte das ações do coletivo. Nesses 12 anos de trabalho, Marjorie, Patrícia, Diva e Maria Luiza B. são as integrantes presentes desde o começo. No entanto, o papel de coordenação de Maria Luiza B. não pode ser negado. Muitas pessoas passaram pelo Grãos e sem dúvida deixaram contribuições e é Maria Luiza B. quem, segundo Marjorie, faz essas costuras, acompanhando as aproximações e distanciamentos dos que chegam e dos que se vão.

Durante a feitura da pomada em São Pedro da Serra, Priscila me contou que já acompanha o coletivo há alguns anos e que o grupo mudou bastante desde então. Essa rotatividade de integrantes foi observada por algumas participantes mais antigas nas entrevistas. Patrícia Guedes, que faz parte do coletivo desde o início, comentou:

eu estou no Grãos desde o início, desde a criação dele. Porque o Grãos, ele tem populações flutuantes, né? Tem os que são fixos e tem a população que vai e vem, né? Pessoas que chegam novas em Lumiar, que vem, que conhecem, que contribuem de alguma forma e que vão (Patrícia, depoimento dado à pesquisadora no dia 29/09/2021).

Outra integrante, Mary, vê inclusive com receio essa ida e vinda de muitas pessoas e diz compreender por que às vezes o coletivo pode parecer fechado para chegada de novos participantes:

Só que você entrar em acesso com o Grãos é muito difícil, não é fácil, tá? O grupo se fecha, né? Agora que a gente está sabendo mais e eu entendo por que se fecha, porque já procurou muita ajuda, muita pessoa e muita gente ficou: “vou ajudar, vou participar” e no final largava, deixava na mão, principalmente da Malu (referência à Maria Luiza B.) que é a coordenadora principal, que se não for ela, acho que Grãos não existe. A verdade é essa, tá?” (Mary, depoimento dado à pesquisadora em 27/08/2021)

⁵⁰ A escolha pelo termo “*sulear*”, ao invés do tradicional “*nortear*”, busca romper com um debate orientado prioritariamente pelas ideias e teorias formuladas nos países do norte. É um termo utilizado por pesquisadores e professores da decolonialidade preocupados com a emancipação do pensamento nos países do Hemisfério Sul. Cunhada por Marcio D’Oliveira Campos em 1991 e abraçada pelo educador Paulo Freire (CAMPOS, M.; Revista Interdisciplinar *Sulear*/ UEMG -Ano 2).

Maria Luiza B., por sua vez, explica que durante um tempo se consideravam um grupo informal, no entanto, sentia que a forma como se organizavam ainda era um pouco hierárquica. Inspirada na forma de organização de outros movimentos sociais, como os movimentos de agroecologia e os movimentos feministas, decidiram se autodenominar coletivo:

Então o coletivo chega é pedindo mudança, mudanças na estrutura de funcionamento de organização do próprio grupo, então, eu realmente, a força da palavra, ela tá chegando numa ótima hora e eu estou bastante atenta de que toda nossa organização e a divisão do trabalho, ela passe para uma gestão coletiva, né? E hoje isso tá acontecendo, que a gente agora tem vários GTs de trabalho e que nesse GTs algumas pessoas né, de certa forma tão assumindo uma subcoordenação, no sentido de que precisa sempre ter uma pessoa que acaba sendo a porta voz daquele grupo, daquele trabalho, não que seja fixo, mas acaba acontecendo, né? (Maria Luiza B., depoimento dado à pesquisadora em 18/08/2021)

Em minha observação participante, fui convocada a integrar o GT de projetos e editais devido a minha experiência profissional nesta área. Foi em uma reunião virtual do GT que escutei pela primeira vez a referência ao termo “Bem Viver” sendo utilizado pelas integrantes do coletivo. Escrevíamos, eu, Marjorie, Maria Luiza B. e Maria, um texto para um edital, quando a palavra foi citada como horizonte proposto pelo coletivo. Já utilizava a noção de Bem Viver como referencial teórico na pesquisa por se tratar de um termo originado na América Latina para localizar outros modos de existência. A partir daí, busquei investigar o que Bem Viver significaria para o coletivo e identificar como essa noção se relaciona com suas práticas e os modos de existência que valorizam.

4.3.1 *Bons viveres e a comunidade*

É o que nos une é isso, esse amor, né? Essa crença que a gente sabe do poder da natureza. (Patricia, em depoimento dado à pesquisadora em 29/09/2021)

O poder da natureza é constantemente evocado pelas integrantes do coletivo. São as ervas e plantas que curam, em receitas trazidas de tempos remotos. O resgate e os saberes tradicionais conectados à natureza estão intrinsecamente ligados à noção de Bem Viver. O processo de feitura de fármacos pela indústria não corresponde à forma como os povos tradicionais enxergam o processo de cura. Seus saberes, desprezados ao longo dos séculos pela lógica produtivista e colonizadora da sociedade moderna ocidental não precisam, no entanto, valer menos diante das autoridades que determinam o que é ou não válido (STENGERS, 2018).

A indústria farmacêutica, para as integrantes do coletivo Grãos de Luz, se apropriou dos conhecimentos fitoterápicos esvaziando o processo de cura de suas práticas manuais e qualquer ritualização. Os princípios ativos das plantas são encapsulados em laboratórios, passando por um processo sintético para, posteriormente, serem vendidas nas farmácias em minúsculas pílulas destituídas de odor. Na bula, os nomes das ervas, agora identificadas por seus enigmáticos nomes científicos, se embaralham em uma lista de elementos químicos descritos em caracteres desconhecidos pela maioria da população. Como já apontado anteriormente, as integrantes do coletivo não negam a necessidade de estudos científicos e inovações tecnológicas no campo da saúde, porém, a separação humano/natureza se torna mais latente para aquelas que identificam e encontram nas plantas, ervas, flores, cascas de árvore e demais componentes da paisagem que nos rodeia e no emaranhado tecido multiespécie (TSING, 2019) da vida cotidiana, soluções para suas enfermidades. É assim que Maria compreende o Bem Viver, em diálogo com a forma como as mestras e mestres dos saberes tradicionais trabalham integrados aos ciclos da natureza:

o Bem Viver no meu entendimento, ele tem como base o respeito e a conexão com os ciclos da natureza, principalmente o respeito e o compartilhar. Quando a gente olha pra natureza, a gente vê tudo compartilhando, tudo se integrando. (Maria, depoimento dado à pesquisadora em 23/08/2021)

Rafael também associa a noção de Bem Viver ao contato com a natureza e com a terra. Ele entende o Bem Viver como garantia de qualidade de vida, uma qualidade que, para as pessoas do coletivo, se daria por meio da interação e cultivo das plantas e ervas medicinais e do consumo de remédios caseiros e naturais que segundo ele: “é a forma que sempre tratou historicamente de maneira bem eficiente e que enfim, nos últimos anos, foram substituídos por medicamentos que só desequilibram as pessoas que fazem ficar no ‘mal viver’” (depoimento dado à pesquisadora em 23/08/2021)

Marjorie vai por um caminho semelhante: “Eu acho que esse Bem Viver passa necessariamente por uma relação diferente com a terra, com o planeta, com Gaia” (depoimento dado à pesquisadora em 15/09/2021). Ela vai além ao constatar que é necessária uma reconexão com os povos originários, como indígenas e quilombolas, para construir essa nova relação da sociedade com o planeta que habita. Para isso, de acordo com Marjorie, podemos nos dedicar a práticas cotidianas que permitem uma alimentação mais saudável, como a produção de orgânicos nas agroflorestas, por exemplo. Essas seriam, “outras formas de permanecer na terra, de forma mais orgânica, mas reaproveitando, né? Transformando o lixo em utilidade, não poluindo”.

Tais práticas nos remetem mais uma vez à ética do cuidado pela perspectiva de Bellacasa (2010), um cuidado que não passa necessariamente por uma noção moral, mas ética, ao reconhecer a interdependência entre os seres, humanos e não-humanos, garantindo condições de existência para os diferentes tipos de vidas no planeta. Marjorie ainda adiciona outra camada ao Bem Viver que passa pela necessidade de construir pontes entre as diferenças no que ela chama de “comum”:

A gente tem que ter respeito pela diversidade, pelo diferente, a gente tem que enaltecer e garantir os territórios dos povos tradicionais do nosso país, né? A gente tem que dialogar com os outros países de forma cooperativa. Enfim, o Bem Viver passa por mudança de sistema, de moeda... (Marjorie, depoimento dado à pesquisadora em 15/09/2021)

Ao destacar o impacto do Bem Viver na construção de um outro modelo de sociedade, Marjorie atribui um papel político ao coletivo. Nesse comum que, segundo ela, significa reconhecer e respeitar as diferenças entre povos e culturas, encontramos ressonância no que nos traz Gudynas (2011) ao apontar para o Bem Viver enquanto um conceito plural e intercultural. Marjorie utiliza, inclusive, o termo “bens viveres”, semelhante ao “bons viveres” de Gudynas (ibidem) e acredita que o papel do coletivo seja plantar as sementes desses “bens viveres”. Ressalta que “não podem estar restritos a pequenas bolhas, não adianta a gente viver bem” (depoimento dado à pesquisadora em 15/09/2021).

Maria Luiza B. reconhece o Bem Viver enquanto um conceito que nasce de uma filosofia andina. Para ela, as mestras e mestres dos saberes populares exercitam práticas relacionadas ao Bem Viver ao contribuir para o estabelecimento de espírito comunitário, nas palavras dela: “para o bem-estar de todas as pessoas da comunidade”. Ela exemplifica com o fato de que a casa de rezadores, rezadeiras, benzedadeiras e benzedeiros estão 24h por dia abertas a quem precise, sejam humanos ou animais. Também acredita que o coletivo tem um papel de contribuir para saúde comunitária e este seria um exercício em prol do Bem Viver.

Apesar do conceito de Bem Viver - de origem andina e utilizado atualmente por diferentes povos, comunidades e grupos interessados em estabelecer novos modos de vida pautados em outras formas de produzir, trocar e se relacionar com o meio ambiente - não ser amplamente conhecido e reconhecido pelo coletivo Grãos de Luz, nota-se que a missão atribuída pelas integrantes ao grupo pode estabelecer relações com as propostas de “bons-viveres”.

Patrícia (depoimento dado à pesquisadora em 29/09/2021) associa a missão do coletivo à relação com a natureza: “todos que estão ali envolvidos acreditam no poder de cura da natureza, entendeu? Onde uma sociedade capitalista, ela tem como objetivo massacrar e

aniquilar isso”. Maria Luiza B. (depoimento dado à pesquisadora em 28/08/2021) também enxerga a união das pessoas que estão no coletivo com a proposta de organização social diferente, na qual humanos e não-humanos são respeitados, assim como os ciclos da natureza:

Muitas pessoas chegam (no coletivo) porque estão acreditando que a gente tá vivendo no momento da nossa civilização que precisa de muitas mudanças, de sair desse sistema que é um sistema capitalista, patriarcal, que destrói né, todo ambiente, que não considera que estamos circundados de seres vivos que trazem uma sabedoria (Maria Luiza B.).

A possibilidade de seres vivos não-humanos trazerem uma sabedoria aponta para uma visão não objetificante das plantas e ervas com as quais o coletivo trabalha, pois passam a ter agência, “trazem sabedoria” porque sabem, por exemplo, neste caso, curar.

É recorrente, no entanto, a ideia de resgate de uma essência. Como se os humanos tivessem, a partir da implantação do sistema capitalista, perdido a conexão com a natureza. Nesse sentido, podemos interpretar que essa reconexão está diretamente relacionada ao resgate de saberes de outros povos e comunidades, como os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, erveiras, erveiros, rezadeiras e rezadores.

Marjorie chama essa reconexão de religação: “eu acho que todas as pessoas o que há de comum é a busca por uma vida mais saudável, pela cura, pelo ligar, pela religação ou pela aproximação ou pelo contato com essa sabedoria das ervas, né?”. Ela ainda acrescenta que as integrantes do coletivo têm um compromisso com a saúde comunitária. Teríamos, portanto, a possibilidade de preservação de um “comum” mesmo dentro de uma comunidade heterogênea como Lumiar. Mary também explica a coesão do grupo a partir da vontade de ajudar os outros através de um trabalho comunitário de saúde propiciado pelas ervas:

A vontade de mudar, principalmente o sofrimento das pessoas, eu acho que é isso, não que a gente... nós nos sintamos seres superdotados, nada disso, mas a gente sabe que através do trabalho com as ervas, né? E a natureza ela te deu isso, né? Você pode levar alívio, você pode levar um consolo, um conforto para pessoa que está com dor, seja ela física, mental, emocional, espiritual, porque as ervas trabalham em todos esses campos, entendeu? (Mary, depoimento dado à pesquisadora em 27/08/2021)

A verificação é de que dentro desse coletivo heterogêneo existe a vontade de criar vínculos, trocar, formar redes de cuidado e afetos, possibilitadas pela interação entre diferentes grupos, nesse caso erveiras, erveiros, pesquisadores, moradores locais e não-locais e demais moradores da comunidade.

Mary sintetiza bem o que é comum para o coletivo: ajudar outras pessoas. Rafael traz outra dimensão da ajuda, o bem-estar do próprio coletivo:

eu vejo que a galera tá lá sim, porque gosta entre si, as pessoas que tão lá se gostam, está fazendo trabalho, com as ervas é um trabalho solidário, a gente não ganha nada, né? (...) muitas vezes a missão do Grãos é manter as pessoas que estão ali dentro, ou que tá tendo contato com Grãos, felizes, em equilíbrio (...), eu acho que muito de equilíbrio gerado ali nas pessoas que estão dentro dos Grãos é devido a esse coletivo. Devido ao contato com a ervas. Eu acho que se a gente consegue nos equilibrar e ajudar um pouquinho ao redor, já é uma grande missão neste mundo, porque coisas grandes realmente não é o objetivo do Grãos, o objetivo é fazer trabalho de formiguinha mesmo. Tranquilo... (Rafael)

O depoimento de Rafael leva a pensar comunidade como qualidade de relação dentro um grupo de pessoas e o seu compromisso com a sustentabilidade em seu entorno (FEDERICI, 2019b).

Durante a festa de confraternização de fim de ano do Grãos de Luz (03/12/2021), Maria Luiza B. fez uma convocação. Propôs uma conversa em roda sobre os trabalhos recentes dos grupos de trabalho (GTs). Primeiramente falaram sobre o GT dos quintais curativos. As participantes ainda não haviam se encontrado muitas vezes. Maria Luiza B. mencionou visitas feitas aos quintais produtivos de outras parceiras, como o caso de sua xará Maria Luiza S., nora de Dona Tiana. A conversa se prolongou quando falamos do segundo GT, do qual faço parte: o Grupo de trabalho de projetos e editais. Uma certa polêmica se instaurou quando fomos abordar a inscrição num edital público direcionado exclusivamente aos povos tradicionais. A pergunta que percorreu o debate era se o coletivo poderia se considerar uma população tradicional, incluído na categoria “erveiros e erveiras”. Cada um compartilhou um pouco de sua impressão. Patrícia foi uma das mais questionadoras. Ela se considera uma erveira. Em constante aprendizado, mas uma erveira. Esse posicionamento, porém, não era um consenso.

Rafael considera que o Grãos de Luz ainda não é um coletivo de erveiras tradicionais, pois a maioria dos integrantes vieram da cidade. Ele também comentou que os verdadeiros erveiros e erveiras, são os que acreditam que as ervas são suficientes para curar quase todo tipo de doença. Já Marjorie questionou se as mestras e mestres de Lumiar e arredores não poderiam ser considerados um povo tradicional, assim como ocorre em alguns estados do nordeste onde raizeiros são considerados um povo tradicional. Maria trouxe uma pergunta importante para buscar responder a essa questão: o coletivo Grãos de Luz é reconhecido pela comunidade como um grupo formado de curandeiros e erveiras?

Na medida em que os questionamentos e diferentes perspectivas a respeito do que é ser erveira ou erveiro, mestre, mestra ou povo tradicional foram surgindo, percebeu-se que seria necessário estender o debate para outros momentos, inclusive foi proposta a realização de um seminário para abordar esse tema. Uma outra ação propositiva, que parecia ser um

sonho antigo do coletivo, também surgiu: servir a comunidade com os remédios caseiros do Grãos em um espaço central de Lumiar. Um novo mapeamento de mestres e mestras ainda pouco conhecidos na região também foi proposto.

A situação descrita aponta para um dos maiores desafios do coletivo Grãos de Luz, corroborado nas entrevistas realizadas nesta pesquisa: como se aproximar da comunidade local? E o que o Grãos de Luz representa para essa comunidade? Como o coletivo se enxerga? Mesmo que a tradição das rezas e usos de remédios caseiros seja reconhecida por muitos, também existe preconceito. Isso ganha outra dimensão quando nos referimos particularmente ao coletivo, que é composto, em grande maioria, por pessoas não-locais.

Maria, a mais jovem integrante do grupo, diz que ainda não encontraram uma estratégia para permitir essa aproximação. Ela atribui esse receio, em parte, ao apagamento histórico feito pelas igrejas evangélicas, “a igreja chega e padroniza, uma única cultura, um único deus, uma única coisa e aí as ervas, os benzimentos... ficam um pouco de lado” (depoimento dado à pesquisadora em 23/08/2021). O que Maria traz remete à diferenciação estabelecida por Bispo dos Santos (2015) ao traçar as diferenças entre as manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas e dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas. Segundo ele, enquanto o primeiro tipo de manifestação é organizada como “uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo” (SANTOS, 2015, p.41), no segundo tipo, teríamos dinâmicas mais baseadas em estruturas circulares e diversidade na faixa etária e gênero além do número de participantes sem restrições.

Ademais, enquanto no tipo de manifestação eurocristão, temos espécies de juízes e árbitros das regras, na manifestação dos povos afro-pindorâmicos, teríamos as mestras e mestres dos saberes tradicionais. Essa diferenciação nos ajuda a localizar as mestras e mestres do Grãos de Luz, entre os dois tipos de manifestações. Se por um lado, alguns aderem às igrejas e religiões monoteístas aqui instaladas no processo de colonização que atravessa nossa sociedade até os dias de hoje (KRENAK, 2019; SANTOS, 2015), ainda carregam os saberes e práticas tradicionais, mais associados às práticas pagãs, que lhes foram repassados por seus antepassados.

Tal hibridez e sincretismo das mestras e mestres gerou alguns conflitos em suas atuações comunitárias, embora os relatos coletados em entrevista demonstrem que, na grande maioria das vezes, não deixaram de realizar o seu trabalho enquanto curadores populares. Como me contou Maria Luiza B. (depoimento dado à pesquisadora em 18/08/2021), o padre

da Igreja Católica tentou proibir Dona Hilda de rezar e ela logo reagiu dizendo que já rezava as pessoas da comunidade muito antes dele chegar e assim continuaria sendo. O Padre se calou. Já seu Lédio também quase parou de rezar por pressão da Igreja Católica, mas bastou ir ao primeiro Encontro Estadual da Rede Fitovida em Valença, interior do Rio de Janeiro, para logo entrar no cortejo com uma vela na mão.

Ao retornar para os ciclos da natureza, se resgata uma relação não-linear com o tempo. A paisagem já não é um cenário descolado dos humanos que por ela transitam, pois existe interação e interdependência. Esta forma interativa de habitar uma comunidade abre frestas, rompendo com determinações sociais e comportamentais da sociedade moderna. Neste sentido, a noção de Bem Viver parece servir ao coletivo em seu sentido plural e intercultural (GUDYNAS, 2011) como uma possibilidade de resgatar, criar e experimentar outros modos de existência. Trata-se, portanto, de uma forma de composição de diferentes perspectivas que, por vezes, se afasta de uma maneira de conceber o mundo por meio da separação entre natureza e cultura ao buscar uma outra forma de conexão com a natureza que não a reduza a um recurso natural.

Servir a comunidade, contudo, é um dos maiores desafios do coletivo, isso se evidenciou no relato do encontro no qual as integrantes debatem sobre a possibilidade de se considerarem um povo tradicional. Esse horizonte abriu a discussão sobre como o próprio coletivo se enxerga. Detentores de saberes? Mestras e mestres? Erveiras e erveiros? Ou apenas aprendizes? A resposta não é uníssona. Concluí com o exposto acima que existem posicionamentos múltiplos dentro do coletivo, que não chegam a criar conflitos. As divergências coexistem, expressando o que Stengers (2018) chama de cosmopolítica.

5. Considerações finais

Iniciei a apresentação desta pesquisa com uma breve descrição da crise ecológica e ambiental em que nos encontramos atualmente. O apelo da comunidade científica para os riscos e impactos das mudanças climáticas importa se quisermos manter a vida humana e não humana no planeta. Importante também lembrar que a responsabilidade pelas catástrofes ambientais não pode ser distribuída igualmente, já que determinados setores sociais produzem muito mais efeitos danosos que outros, assim como seus impactos afetam em maior grau os mais vulneráveis. Deste cenário de necessária mudança na forma como nos organizamos e produzimos em sociedade, desdobramos alguns questionamentos, dentre eles: Qual a qualidade de relações e interação, uns com outros e com a natureza, queremos criar para possibilitar modos de existência que permitam não apenas a sobrevivência humana, como também estimulem a sustentação das vidas humanas e não humanas, na compreensão de que são interdependentes (BELLACASA, 2012)? Meu olhar nesta investigação, no entanto, se direcionou para um grupo, que através dos conhecimentos tradicionais, se inspira em outros modos de existência que se materializam por meio de uma interação com a natureza diferente da que prevalece na sociedade moderna ocidental.

Reconheci de antemão os riscos de uma possível idealização do trabalho do coletivo e na tentativa de evitá-lo, além de me ancorar na observação-participante, método de inspiração etnográfica, busquei, de forma situada, estar atenta aos movimentos, não apenas do campo como também os meus próprios. Minha presença nos encontros, enquanto colaboradora na realização dos trabalhos do coletivo Grãos de Luz foi importante para permitir minha entrada em seu mundo. Busquei ser solícita e presente nos fazeres, ajudando nas tarefas e ao mesmo tempo tomando distância para observar. Sem os vínculos criados a partir da minha entrada em campo não seria possível minha relação com as interlocutoras e a tarefa de pensar-com elas. Busquei trazer para minhas análises e descrições seus gestos, vozes, crenças e percursos. Não se tratou, no entanto, de um envolvimento apaixonado, mas situado. Por isso, considerei importante expor no início deste trabalho, de onde venho, onde vivo e em quais dinâmicas sociais me envolvo.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou contribuir com reflexões que pudessem articular a psicossociologia, a partir de uma perspectiva situada, junto de noções de cuidado e Bem Viver. Isso foi possível através da proposta de pensar modos de existências relacionais e interdependentes a partir do referencial teórico proposto. A proposta de ressituar a psicossociologia trazida por Moreira e Pedro (2021) permitiu utilizá-la como uma forma de construir junto das interlocutoras desta pesquisa, reconhecendo a relação estabelecida entre

mim enquanto pesquisadora e o coletivo pesquisado. Percebi que assim como a minha atuação nesta pesquisa, as integrantes do coletivo Grãos de Luz também interagem com a natureza e comunidade local guiadas pela ética do cuidado, na qual se reconhece a interdependência entre os seres. A proposta do Bem Viver também caminha no sentido de promover composições entre o ser humano e a natureza e parece servir como horizonte ao coletivo, em seu sentido plural, conectando diferentes práticas e culturas.

Para pensar outros modos de existência propus uma reflexão sobre a lógica produtivista e desenvolvimentista da sociedade moderna ocidental (ACOSTA, 2016; GUDYNAS, 2011, 2016; SVAMPA, 2019) e o olhar sobre povos e comunidades tradicionais (SANTOS, 2015) que traçam possibilidades paralelas de integração entre humano e natureza, escapando de uma visão instrumentalizadora que a reduz à recursos naturais. O ponto de vista destes povos, chamados por Bispo dos Santos de afro-pindorâmicos (ibidem), é de um olhar de integração às plantas, às águas, aos rios, montanhas e animais, tornando o cotidiano humano mais sustentável a medida em que não há desperdício da energia do planeta e, sim, a renovação. O coletivo Grão de Luz não pode, no sentido trazido por Santos (2015), ser considerado um povo tradicional. Isto não invalida, no entanto, seu trabalho. Com esse estudo, pude concluir que o vínculo entre crenças, saberes e práticas de diferentes matizes traz um movimento híbrido e inventivo ao coletivo, gerando a possibilidade de aglutinar diferentes “mundos”.

Esta pesquisa também concluiu que o protagonismo das mulheres no coletivo Grãos de Luz, assim como o trabalho dedicado ao cuidado e autocuidado enquanto práticas comunitárias de saúde, impulsiona um papel ético político ao cuidado, reapropriando-se da ideia de cuidado imposta historicamente às mulheres. Isso se dá ao buscar ultrapassar imposições morais e individualizantes, propondo a coletivização do cuidado a partir de uma perspectiva ética que, por sua vez, propõe uma interação entre humanos e meio ambiente menos objetificante. Plantas, ervas, folhas, raízes são usadas como matéria-prima na feitura dos remédios ao mesmo tempo em que em seus rituais o coletivo experimenta um processo plural, de cantos, rezas e dinâmicas de reconhecimento das próprias ervas e plantas, assim como de uns aos outros. O processo, com todos seus agenciamentos, se torna tão ou mais importante quanto o produto. Essas conexões estabelecidas entre as próprias pessoas e demais seres vivos têm um papel político ao permitir o estabelecimento do que Stengers chama de uma "inteligência conectada" (STENGENS, 2015) ameaçada pelo capitalismo, inclusive a partir de conexões com o passado, cuja potência é de pensar em novas possibilidades de construir o futuro.

A resignificação do cuidado não o impede de coexistir com perspectivas mais essencialistas na qual se naturaliza uma suposta aptidão ao cuidar. Esses discursos, no entanto, acabam por nos apresentar algumas contradições pois, ao mesmo tempo, reconhecem os papéis aos quais as mulheres foram designadas socialmente no percurso histórico. O resgate desses saberes utilizados nas práticas comunitárias de saúde, pelo coletivo Grão de Luz, revelou a insistência em outras formas de relação, não diretamente inspiradas, mas que conversam com a noção de Bem Viver na tentativa de romper com o modelo desenvolvimentista predatório e individualizante. Não se trata de um projeto abertamente político de atuação na esfera macropolítica e por isso mesmo conversa com a noção de cosmopolítica de Stengers (2018), por atuar no sentido de compor interações e conexões múltiplas que ajudam a pensar novos modos de existência.

As potencialidades do coletivo descritas acima, no entanto, encontram limites para se expandirem. Como foi apontado pela maioria das integrantes, um dos principais entraves é estabelecer um vínculo mais amplo com a comunidade local. Preconceitos relacionados à religião e à atuação ainda pouco recorrente em locais públicos podem ser apontados como os principais fatores de limitação. Embora ao longo desses 12 anos o coletivo tenha produzido um rico material de documentação dos conhecimentos tradicionais e das ações realizadas, divulgado nas plataformas virtuais e encontros de sua rede, além do estabelecimento de parcerias, ainda existem lacunas na atuação mais próxima à vizinhança local. Estas são evidenciadas pelo pequeno reconhecimento de seu trabalho em Lumiar embora, à nível mais regional e até mesmo nacional, o trabalho seja divulgado, inclusive, em reportagens de TV⁵¹.

Outra preocupação está na manutenção da transmissão destes saberes já que muitas e muitos dos descendentes das mestras e mestres, por motivos não investigados por essa pesquisa, não têm demonstrado muito interesse em dar continuidade ao trabalho de seus familiares. Essa situação se resolveria com um deslocamento da definição usual de mestras e mestres, de pessoas herdeiras do conhecimento para pessoas que buscam por tal. Essa definição já vem sendo incorporada por parte das integrantes e, pelos relatos, podem vir a ser cada vez mais usuais. Por outro lado, o objetivo de valorizar o conhecimento tradicional elegendo seus praticantes e porta-vozes como mestras e mestres têm também o objetivo de valorizar o trabalho dessas pessoas diante da comunidade local, assim como perante seu próprio núcleo familiar.

Em um exercício de pensar-com, propus investigar um coletivo que atua em nível local e comunitário, que articula diferentes saberes e práticas, resgata o passado, mistura-o

⁵¹ <https://globosatplay.globo.com/assistir/futura/tempo-da-terra/v/7995067>

com o presente e se importa com o futuro. Não pretendi com esse estudo propor soluções para a crise global que se apresenta, embora sejam necessárias e urgentes. Tal tarefa se mostra por demais pretensiosa para ser feita individualmente. Isso não quer dizer que não haja contribuições possíveis direcionadas ao pensamento, na intenção de, cada vez mais, pensar-com e fazer juntas e juntos. Dentre as contribuições, podemos citar a percepção de que trabalhar com saberes e práticas tradicionais não indicam apenas um retorno ao passado, mas também compor formas inventivas e híbridas para usar e transmitir esse conhecimento, como faz o coletivo Grãos de Luz; pensar o sentido de Bem Viver para permitir a convergência de múltiplas formas de atuação e interação humano-natureza; e ilustrar como a reapropriação da noção de cuidado inferindo-o um papel ético e político ao atuar coletivamente, principalmente, mas não exclusivamente, entre mulheres, permite a construção de redes mais solidárias.

Pesquisas futuras

A partir dessa investigação e dos temas abordados, podemos propor novas pesquisas no campo da psicossociologia das comunidades e ecologia social que articulem saberes tradicionais, ética do cuidado e Bem Viver:

- Investigar as dinâmicas que tornam os descendentes das mestras e mestres de Lumiar desinteressados nos saberes e fazeres tradicionais;
- A partir da ótica da ética do cuidado, aprofundar temáticas contemporâneas que envolvam coletivos de mulheres que proponham outras relações entre natureza e cultura
- Compreender diferentes estratégias de grupos e coletivos que articulem ética do cuidado e Bem Viver para resistir aos impactos das mudanças climáticas no Brasil;

7. Referências Bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Autonomia Literária e Elefante, 2016

BAILÃO, André. "**Paisagem - Tim Ingold**". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2016. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>

BELLACASA, Maria Puig de la. **Nothing comes without its worlds**. Thinking with Care. The Sociological review, v. 60, n. 2, p. 198-212, 2012. <http://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2012.02070>.

BELLACASA, Maria Puig de la. **Ethical doings in naturecultures**. Ethics, Place and Environment, A Journal of Philosophy and Geography 13(2): 151–169, 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia J. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica**. Brasília, 2012.

CADENA, M. **Natureza incomum: histórias do Antropo-cego**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. 2018.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas medicinais e o sagrado**: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil 1ª ed. São Paulo. Ícone, 2014.

CARMELA, Regina; PINHEIRO, Marta de Araújo. **Ecopsicossociologia**: abordagens ecofeministas da pesca artesanal. Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas, Niterói, v. 31, p. 276-281, set. 2019. Disponível em https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29053

CARNEIRO, Maria José ; TEIXEIRA Vanessa. **De ‘terra de trabalho’ à ‘terra de lazer**: pluriatividade, ruralidade e identidades sociais. Publicado em CARNEIRO, Maria José. (coord.). **Ruralidades Contemporâneas**: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. R.J. Ed. Mauad-X, 2012.

COSTA, José Fernando Andrade. **Fazer para transformar: a psicologia política das comunidades de Maritza Montero**. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2015, vol.15, n.33.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, J.; RIBEIRO, E. **A Etnografia como Estratégia de Pesquisa Interdisciplinar para os Estudos Organizacionais** *Qualit@s Revista Eletrônica* Vol.9. N 2 (2010).

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2014.

DESCOLA, Philippe. **Além de natureza e cultura**. *Tessituras, Pelotas*, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2015.

ENRIQUEZ, E.; CASTILHO, P. T. **Acerca da psicologia social, da análise institucional, da psicossociologia e da esquizoanálise**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 263-272, dez. 2006.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019a.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Traduzido por Coletivo Sycorax. 1º ed. São Paulo: Elefante, 2019b.

FERNANDES, Tania Maria. **Plantas Medicinais: memória da ciência no Brasil** [Livro Eletrônico]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** *Autonomia Literária*. São Paulo. 2021.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção**. *Pesqui. prá. psicossociais* [online]. 2015, vol.10, n.2 [citado 2020-09-19], pp. 242-253 .

GAARD, Greta. **Ecofeminism Revisited: Rejecting Essentialism and Re-Placing Species in a Material Feminist Environmentalism**. *Feminist Formations*. 23. 26-53. 2011.

GALLETI, Joana G. **Mulheres e arte de cura: o saber-fazer cotidiano de rezadeiras de Lumiar, Nova Friburgo**. Dissertação de Mestrado. *Psicossociologia das Comunidades e Ecologia Social (EICOS) - UFRJ*. 2013

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GUDYNAS, Eduardo. **Buen Vivir: Germinando alternativas al desarrollo**. Quito. *América Latina en Movimiento*. - ALAI, 2011. nº 462: 1-20.

GUDYNAS, Eduardo. **Bem Viver** In: D'ALISA, G. ; DEMARIA F. ; KALLIS G. (org) ; **Decrescimento: vocabulário para um novo mundo.** Porto Alegre. Tomo Editorial, 2016.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009.
Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
Acesso em: 26 jan. 2022.

HOBART, H. J. K.; KNEESE, T. **Radical care.** Social text, v. 38, n. 1, p. 1–16, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LIMA, Marcia Maria & Lima, Tait & Maria, Leda & Gitahy, Caia. **Diálogos entre epistemologias feministas, princípio do bem viver e contribuições éticas e epistêmicas de ações coletivas latino-americanas.** 2018. Preparado para apresentação no Congresso de 2017 da Associação de Estudos Latino-Americanos, Lima, Peru.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURETTE, Bruno. **Onde Aterrorizar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020

MAYER, Jorge Miguel. **Raízes e crise do mundo caipira: o caso de Nova Friburgo.** Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. 2003.

MAISONNEUVE, J. **Introdução à psicossociologia.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.

MERCHANT, Carolyn. **Autonomous nature: Problems of prediction and control from ancient times to the scientific revolution.** New York, NY: Routledge, 2016.

MILLER, Daniel. **Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social.** Tradução do vídeo por Camila Balsa e Juliane Bazzo. < disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so>>. acessado em: 7 de março de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MÓNICO et al. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** 2017. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/cecnudcen/wp-content/uploads/2018/03/A-Observa%C3%A7%C3%A3o-Participante-enquanto-metodologia-de-investiga%C3%A7%C3%A3o-qualitativa.pdf>

MOSCOVICI, Serge. **Moscovici, Natureza e Sociedade.** Laboratório de Imagens da Eicos. Entrevista em vídeo concedida às professoras Tânia Maciel e Inácia D'Ávila. Paris. 2008. Disponível em: <https://labimagenseicos.wordpress.com/2014/08/20/moscovici-natureza-e-sociedade/>

PULEO, Alicia. H. **¿Qué es el ecofeminismo?** Quaderns de La Mediterrània, 25(25), 210–215. 2017

PULEO, Alicia. H. **Ecofeminismo: una alternativa a la globalización androantropocéntrica.** In: ROSENDO, Daniela; OLIVEIRA, Flavio A. G; CARVALHO, Priscila; KUHNEN, Tânia A. (org.). **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais.** Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2019. p. 31-45.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

REDE FITOVIDA (Brasil) (org.). **Partilha.** Disponível em: <https://www.redefitovida.org/partilha>. Acesso em: 18 maio 2021.

RIBEIRO, Palmira Margarida. **Práticas de cura popular: uso de plantas medicinais e fitoterapia no Ponto de Cultura “Os Tesouros da Terra” e na Rede Fitovida na região serrana-Lumiar/Rio de Janeiro (1970-2010).** Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014

RODRIGUES, Mariana Leal. **Mulheres da Rede Fitovida: ervas medicinais, envelhecimento e associativismo.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

PLUMWOOD, Val. **Feminism and the Mastery of Nature.** London and New York: Routledge. 1993

PEDRO, Rosa. M. L. R; MOREIRA, Mariana. C. **Conhecer, intervir, partilhar: pistas para a pesquisa psicossocial na construção de mundos possíveis.** Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16(2), São João del-Rei, abril-junho de 2021. e-4379

SANTOS, Antônio. B. dos. **Colonização, quilombos: modos e significações.** Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, INCTI, 2015.

SILVA, Rosalina. C.; SIMON, Cristiane. P. **Sobre a diversidade de sentidos de comunidade.** Psico, v. 36, n. 1, 3 maio 2006.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo.** Lisboa: Piaget, 1997.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n.69, p.442-464, abr. 2018 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Último acesso em: 27 jan. 2022.

_____. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima.** Cosacnaify. 2009

_____. **O preço do progresso – Conversa com Isabelle Stengers.** Entrevista concedida a Mathieu Rivat e Aurélian Berlan. Revista Jef Klak n.1 2015. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/o-preco-do-progresso-conversa-com-isabelle-stengers/>. Último acesso em: 14 mar. 2022.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. **Capitalist sorcery: breaking the spell**. Trad. Andrew Goffey. New York: Palgrave Macmillian, 2011

SVAMPA, M. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. 1 ed. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

SZTUTMAN, Renato. **Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência** – pensando com Isabelle Stengers. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

SZTUTMAN, Renato. **Um acontecimento cosmopolítico: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers**. Mundo Amazônico. 10 (1), pp. 83-105. 2019.

TESOUROS DA TERRA: Saberes Tradicionais e Cultura Popular. Direção: Maria Luiza Borba e Maria Emery. Realização: Coletivo Grãos de Luz. Nova Friburgo-RJ. Secretaria Municipal de Cultura de Nova Friburgo - RJ. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LubnhgMhcUg>

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p.

VIEIRA, Laura. C. **As mulheres erveiras do Ver-O-Peso e os olhares patrimoniais**. Caminhos Da História, 97–113. 2020. <https://doi.org/10.38049/issn.2317-0875v24n1p.97-113>.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?** Horiz. antropol. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, Dec. 2009. disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 07 Mar. 2021.

ANEXOS

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações aos participante

1. Título do protocolo do estudo:

Grãos de Luz: práticas e usos comunitários dos saberes tradicionais por um coletivo de erveiras. O título original foi modificado para **Grãos de Luz: práticas e saberes comunitários do conhecimento tradicional por um coletivo de erveiras.**

2. Convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Grãos de Luz: práticas e saberes comunitários do conhecimento tradicional por um coletivo de erveiras.** Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

3. O que é o projeto?

Esta pesquisa visa ampliar e aprofundar conhecimentos sobre experiências de vida do Grupo Grãos de Luz a partir de uma visão da ecologia social dentro da linha de pesquisa “Ecologia Social, Comunidades e Sustentabilidade”, do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos), do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A linha aborda questões de desenvolvimento e compromissos de sustentabilidade, segundo perspectivas de inclusão social, dinâmicas culturais e construção de cidadania, pensando a ecologia como composição de subjetividades. O projeto visa analisar o processo de troca de saberes sobre ervas e plantas medicinais promovidos pelo grupo de erveiras do Grupo Grãos de Luz de Lumiar, distrito localizado na região Serrana do estado do Rio de Janeiro. Para tal, a pesquisadora proponente deste projeto irá acompanhar alguns encontros do grupo assim como realizar entrevistas com seus participantes, desde que haja consentimento.

4. Qual é o objetivo do estudo?

O projeto consiste em acompanhar durante alguns meses os encontros (virtuais e/ou presenciais, de acordo com as restrições impostas pelas medidas de segurança devido à pandemia de SARS-CoV-2) do grupo Grãos de Luz, que trabalha com plantas e ervas medicinais, para descrever e interpretar a forma como o coletivo, localizado no distrito de Lumiar, Nova Friburgo, interage com a natureza e como se relacionam com as práticas, cantos, danças e rituais que envolvem o trabalho de manipulação de ervas e plantas medicinais. Também serão realizadas entrevistas com algumas participantes do coletivo, possivelmente com o uso de vídeo e áudio, conforme haja consentimento.

5. **Por que eu fui escolhido(a)?**

O foco da pesquisa são participantes do grupo Grãos de Luz, localizado no município de Lumiar, região serrana do Rio de Janeiro. Serão realizadas conversas informais, aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas e visitas ao campo. A entrevista é um diálogo em que não existem respostas certas ou erradas. A participação na pesquisa é voluntária e as informações fornecidas serão utilizadas de forma a não causar prejuízos ou constrangimento. Caso não seja da vontade da entrevistada para a publicação da pesquisa, poderá ser utilizado codinome, o que permitirá a não identificação dos participantes, com a finalidade de preservar o anonimato.

6. **Eu tenho que participar?**

Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto **Grãos de Luz: práticas e usos da sabedoria tradicional por um coletivo de erveiras**, você deverá assinar este Registro e receberá uma via assinada pelo pesquisador, a qual você deverá guardar. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.

7. **O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?**

A entrevista será gravada em áudio e/ou em vídeo, anotada e depois transcrita para que os dados sejam apreendidos da melhor maneira. Somente o pesquisador terá acesso aos dados (gravação e transcrição da entrevista). Em conformidade com o art. 28, IV, da Resolução nº 510/16 que estabelece a obrigatoriedade de “manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa”, todos os dados serão arquivados na sede do Programa Eicos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante o período estipulado pela Resolução mencionada.

8. **O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina** É exigido do participante nada além do desejo e da disponibilidade de participar da pesquisa.

9. **Eu terei alguma despesa ao participar da pesquisa?**

Não existe nenhum tipo de despesa ao participar da pesquisa.

10. **Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?**

Para os participantes são mínimos os desconfortos e riscos nesta pesquisa e se houverem eles estão relacionados com possíveis lembranças de assuntos delicados da vida pessoal. Ressaltamos que não é necessário dar seguimento em questões pessoais constrangedoras ou comprometedoras. E que a participação é voluntária. A entrevista poderá ser interrompida quando o (a) entrevistado(a) desejar, assim como retirar a sua declaração. Os entrevistados possuem a liberdade de recusar a responder a qualquer pergunta específica. Devido à pandemia do SARS-CoV-2, existem riscos à saúde inerentes a interações presenciais necessárias à realização de entrevistas. Conforme as "Orientações para condução de pesquisas e atividade dos CEPs durante a pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2" (de

01/04/2020), do Ministério da Saúde: "aconselha-se a adoção de medidas para a prevenção e gerenciamento de todas as atividades de pesquisa, garantindo-se as ações primordiais à saúde, minimizando prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade e assistência dos participantes e da equipe de pesquisa." E ainda: "[e]m observância às dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela pandemia do SARS-CoV-2, é necessário zelar pelo melhor interesse do participante da pesquisa, mantendo-o informado sobre as modificações do protocolo de pesquisa que possam afetá-lo, principalmente se houver ajuste na condução do estudo, cronograma ou plano de trabalho."

11. Quais são os possíveis benefícios de participar?

No atual contexto social, saberes tradicionais e populares tendem a ser apropriados ou até mesmo desvalorizados por um suposto saber hegemônico. Tal saber, associado a uma visão produtivista dos recursos naturais, reforça a instrumentalização da natureza, contribuindo para o cenário cada vez mais tomado por devastações e alterações climáticas, tornando a possibilidade de existência de vidas humanas e não humanas na terra cada vez mais precária e em risco. O compartilhamento desses saberes, assim como suas atualizações e desdobramentos interessam na medida de que compreendemos como resistem e como esses exemplos podem impulsionar novas formas de vida e de interação com a natureza, fortalecendo os laços comunitários.

12. O que acontece quando o estudo termina?

Uma vez que o estudo estiver concluído, você terá acesso aos resultados antes de eles serem publicados em artigos resultantes do trabalho. Se há alguma dúvida com relação à pesquisa, você poderá entrar em contato comigo através do endereço que segue abaixo.

13. Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável: Luiza Peixoto Cilente (Aluna de mestrado do Programa EICOS, UFRJ)

Dados da Instituição Proponente.

Programa EICOS

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Campus da Praia Vermelha

Av. Pasteur, s/n, Urca

Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22290-250 Telefones: (21) 39385348

Email: luizapcilente@gmail.com

Ou

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Campus da Praia Vermelha

Av. Pasteur, s/n, Urca

Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30

Telefone: (21) 3938-5167
Email: cep.cfch@gmail.com

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

14. Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e devolva-o ao(à) pesquisador(a). Você deve guardar uma via deste documento para sua própria garantia.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Data: ____/____/____

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para o pesquisador

ANEXOS

Perguntas do questionário Sócio-demográfico:

Nome
Nacionalidade
Naturalidade
Data de nascimento
Estado Civil
Gênero com o qual se identifica
Profissão
Escolaridade
Religião
Filhos
Local de moradia
Mora com quem?
Já morou em outros lugares? Onde?
Qual sua renda familiar aproximada?
Quem contribui para renda familiar?
Quantas pessoas moram com você?
Participa de movimentos sociais? Quais?

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Grãos de Luz: Práticas e usos comunitários da sabedoria tradicional por um coletivo de erveiras

Pesquisador: LUIZA PEIXOTO CILENTE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44919221.9.0000.5582

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia (UFRJ)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.680.544

Apresentação do Projeto:

Este projeto propõe uma análise do processo de troca de saberes sobre ervas e plantas medicinais promovido pelas erveiras do coletivo Grãos de Luz de Lumiar, distrito localizado na região Serrana do Estado do Rio de Janeiro. A transmissão do conhecimento a respeito das plantas medicinais tem como base o resgate de saberes tradicionais de mestres e mestras da região e também está associada às práticas protagonizadas por mulheres, como no caso do coletivo Grãos de Luz. Reforçando a importância de valorizar práticas e saberes que propõe outras formas de relação humano-natureza, esta análise visa, por meio de uma metodologia de inspiração etnográfica, utilizando-se da observação participante e da realização de entrevistas, acompanhar o processo psicossocial de organização desse grupo comunitário, com especial interesse na aliança entre práticas contemporâneas e saberes tradicionais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral deste projeto é analisar o processo de troca de saberes sobre ervas e plantas medicinais promovidos pelo grupo de erveiras do Grupo Grãos de Luz de Lumiar, distrito localizado na região Serrana do estado do Rio de Janeiro.

Objetivo Secundário:

1- Descrever as práticas do coletivo Grãos de Luz.

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.680.544

- 2- Identificar linguagens e narrativas utilizadas para o compartilhamento e transmissão desses saberes.
- 3- Compreender as práticas do coletivo na perspectiva humano-ambiental.
- 4 - Caracterizar os modos de participação feminina na produção desses saberes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos riscos e benefícios é contemplada satisfatoriamente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa se propõe a investigar as erveiras do coletivo Grãos de Luz de Lumiar, na região serrana do RJ, através de uma etnografia. No que compete ao Comitê de Ética avaliar, o projeto está adequado, pois leva em conta não somente questões pertinentes a uma etnografia como também traz ponderações sobre o contexto da pandemia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE apresentado está adequado às exigências. Sugerimos substituir a nomenclatura para RCLE - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recomendações:

Recomenda-se substituir a nomenclatura para RCLE - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado, e reforça-se o cumprimento da recomendação acima.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1717363.pdf	20/03/2021 13:51:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura_completo.pdf	20/03/2021 13:50:34	LUIZA PEIXOTO CILENTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/03/2021 13:48:43	LUIZA PEIXOTO CILENTE	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_LuizaCilente_assinada.	19/03/2021	LUIZA PEIXOTO	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 4.680.544

Folha de Rosto	pdf	16:02:10	CILENTE	Aceito
----------------	-----	----------	---------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 29 de Abril de 2021

Assinado por:
ERIMALDO MATIAS NICACIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com